José Geraldo Turezo

UM PASSO A MAIS NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS TRABALHADORES: UM ESTUDO SOBRE OS PROGRAMAS DO MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES (CAMPO LARGO – PARANÁ, DÉCADAS DE 1970 E 1980)

Itatiba - SP

2008

José Geraldo Turezo

UM PASSO A MAIS NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS TRABALHADORES: UM ESTUDO SOBRE OS PROGRAMAS DO MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES (CAMPO LARGO – PARANÁ, DÉCADAS DE 1970 E 1980)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, sob a orientação da Profa. Dra. Vivian Batista da Silva, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Itatiba - SP

2008

374.7 Turezo, Geraldo José.
T844p Um passo a mais na alfabetização de adultos trabalhadores: um estudo sobre os programas do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares (Campo Lago – Paraná, décadas de 1970 e 1980) / Geraldo José Turezo. -- Itatiba, 2008.
165 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.
Orientação de: Vivian Batista da Silva.

1. Ensino de jovens e adultos. 2. Livros didáticos. 3. Educação - História. 4. Coleção didática. I. Silva, Vivian Batista da . II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

TUREZO, José Geraldo. **"*Um passo a mais* na alfabetização de adultos trabalhadores: um estudo sobre os programas do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares (Campo Largo – Paraná, décadas de 1970 e 1980)".** Dissertação defendida e aprovada no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em vinte e três de setembro de 2008 pela Banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Vivian Batista da Silva - Orientadora e Presidente
Universidade São Francisco

Profa. Dra. Maria Angela Borges Salvadori
Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Jackeline Rodrigues Mendes
Universidade São Francisco

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem a sua luz e presença em nossas vidas nada seria possível.

A minha família, em especial a minha esposa Solange, pelo amor que nos une, pela presença e apoio em todos os momentos. Aos meus filhos Victor e Guilherme pela paciência, preocupação e a crença que há razões para a persistência em nossos ideais.

Amo muito vocês.

AGRADECIMENTOS

À Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, através da UNIFAE, em parceria com a Universidade São Francisco, pela organização e apoio financeiro desse Programa de Mestrado - *"Minter".*

Ao Colégio Bom Jesus Centro, pelo apoio da equipe diretiva durante esse período de estudos.

Aos colegas e amigos da turma, pela motivação e companheirismo. Essa caminhada será inesquecível.

À profª Vivian Batista da Silva pelo seu apoio e dedicação durante a orientação, mesmo em momentos delicados de sua vida.

Aos professores do programa pela condução dos módulos e atividades. Os registros reflexivos serão inesquecíveis.

À professora Neida Maria da Conceição Padilha pela correção ortográfica e comentários.

Ao professor Alberto Bianco pelo apoio constante em buscar as preciosas fontes desse trabalho.

Ao Sr. Luis Kuster pela preocupação de encontrar os elementos de uma história "quase" perdida.

À direção da Escola Estadual Macedo Soares, em especial ao professor Norton Pooter, pelo espaço concedido em realizar as pesquisas nos raríssimos documentos que a escola possui.

À professora Marilene Sphair da Documentação Escolar da cidade de Campo Largo pelas informações disponibilizadas.

À professora Rosely Guerchewski pela doação dos livros pesquisados nesse trabalho.

Aos professores e voluntários que atuaram nos Programas do MOBRAL na cidade de Campo Largo, os quais contribuíram com as entrevistas e demais informações para enriquecer esse trabalho.

“Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história.” (FREIRE, Paulo).

TUREZO, Geraldo José. ***Um passo a mais*** **na alfabetização de adultos trabalhadores:** um estudo sobre os programas do MOBRAL na Escola Estadual Macedo Soares (Campo Largo – Paraná, décadas de 1970 e 1980).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a configuração do ensino de jovens e adultos na cidade de Campo Largo nas décadas de 70 e 80 do século passado, um estudo sobre os programas do MOBRAL na Escola Estadual Macedo Soares em Campo Largo no Paraná, que se tornaram referência de inserção no mundo da leitura e escrita de alunos adultos, contribuindo com a construção da alfabetização no país e no município. Foram pesquisados os livros do MOBRAL, principalmente a coleção *Um passo a mais* (décadas de 1970 e 1980). Cinco temáticas ganharam destaque: o contexto em que os manuais foram preparados; a política desenvolvimentista do período militar; a eficiência do Estado brasileiro no contexto de um "Brasil Grande"; a perspectiva das relações sociais "sem" conflitos e a desconsideração do contexto do aluno adulto. Segue-se a análise desses manuais, na qual se procura destacar os mecanismos de lutas e representações quanto à transmissão de informações, argumentos e valores, a partir da verbalização, imagens e desenhos em quadrinhos. Entre as fontes utilizadas estão livros-ata, documentos internos da Escola, manuais do MOBRAL e entrevistas. Adota-se como suporte teórico para as análises o conceito de representação tal como é formulado por Roger Chartier para compreender os modos pelos quais os livros do MOBRAL fizeram circular determinadas idéias entre os jovens e adultos que aprendiam a ler e escrever.

Palavras-Chave: História da educação; ensino de jovens e adultos; livros didáticos, coleção didática.

TUREZO, Geraldo José. ***A step ahead in adult workers' literacy:*** a study about the MOBRAL programs at Macedo Soares State School (Campo Largo – Paraná, 1970's and 1980's decades).

ABSTRACT

The goal of this dissertation is to analyze the configuration of the young people's and adults' education in the town of Campo Largo, in the decades of the 70's and 80' last century. It's a study about the MOBRAL programs at Macedo Soares State School, in Campo Largo, Paraná, which became an insertion reference of adult students' reading and writing world, contributing with the literacy construction in the country as well as in the town. MOBRAL books were analyzed, mainly the collection *Um passo a mais (décadas de 1970 e 1980)*. Five themes were emphasized: the context in which the manuals were prepared; the development politics of the military period; the efficiency of the Brazilian government in the context of a "Big Brazil"; the perspective of the social relations "without" conflicts, and the inconsideration of the adult student's context. The analysis of those manuals highlights the mechanism of fights and representations, concerning the transmission of information, arguments and values in verbalization, images and strips. Among the sources researched, there are minutes, School internal documents, MOBRAL manuals, and interviews. The theoretical support for the analyses is the concept of representation like it is proposed by Roger Chartier to comprehend the ways through which MOBRAL books made certain ideas circulate among young people and adults who were learning how to read and write.

Keywords: History of Education; young people's and adult's education; textbooks, textbooks collections.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 O MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES 23

2.1 A educação de jovens e adultos no Brasil – aspectos legais 23
2.2 Notas sobre a educação de jovens e adultos em Campo Largo-PR 33
2.3 O MOBRAL nas notícias dos jornais de Campo Largo 35
2.4 A educação de jovens e adultos na Escola Estadual Macedo Soares 39
2.5 O Programa de educação de jovens e adultos do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares 43

3 OS LIVROS DIDÁTICOS DO MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES 45

3.1 Títulos encontrados 46
3.1.1 O programa de educação integrada 49
3.1.2 Roteiro de Matemática 55
3.1.3 Vivendo e Aprendendo 59
3.1.4 Roteiro de atividades 63
3.1.5 Livros avulsos 77
3.1.6 A coleção *Um passo a mais* 85

4 A COLEÇÃO "UM PASSO A MAIS" NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES 92

4.1 O contexto em que os livros foram preparados 94
4.2 A política desenvolvimentista do período militar e a educação: o MOBRAL na cidade de Campo Largo 96
4.3 A eficiência do estado brasileiro e a questão do turismo: a abordagem do Brasil continental no livro textos geradores 102
4.3.1 Folclore, turismo e novos projetos para o escoamento dos produtos no contexto do "milagre brasileiro" 102
4.4 As justificativas para a criação de organismos governamentais no contexto do "Brasil Grande" 104
4.4.1 O governo e a propaganda 105
4.4.2 A monocultura é um erro: as contradições nas políticas governamentais 107
4.4.3 O "Brasil Grande" e a eficiência governamental 108
4.5 A perspectiva de relações sociais e de produção "sem" conflitos 110
4.5.1 A marginalidade de índios e negros 111
4.5.2 Casas e lares brasileiros: desigualdades apagadas e "ausência" de conflitos 112
4.5.3 A abundância nas refeições – aspectos fantasiosos 115
4.6 A relação do MOBRAL com o alfabetizando: análise dos quadrinhos do livro Educação para o Trabalho 116
4.6.1 Relações de representações entre os autores do MOBRAL e os alfabetizandos no livro Educação para o Trabalho 117
4.6.2 "O progresso leva ao desenvolvimento" 119
4.6.3 A preparação para o trabalho em profissões que não demandam escolarização continuada e uma organização mais apurada 120
4.6.4 A romântica cooperação que torna o trabalho "solidário" 121

4.6.5 A “construção” da relação patrão-empregado e o papel do consumidor 122
4.6.6 Industrialização rápida e liberação da mão-de-obra rural 123

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 135

REFERÊNCIAS 139

ANEXO 1: ITENS DO RELATÓRIO – LIVROS DO MOBRAL 149
ANEXO 2: ENTREVISTA COM OS PROFESSORES 150
ANEXO 3: LEVANTAMENTO DE TEMAS (ANÁLISE DO DISCURSO) 156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Escola Estadual Macedo Soares na década de 1930 do século passado.....	39
Figura 2:	Escola Estadual Macedo Soares – quadra de esportes (2008).....	41
Figura 3:	Escola Estadual Macedo Soares – área interna (2008).....	41
Figura 4:	Capa da primeira edição do livro *Para início de conversa* (n.º 3)....	49
Figura 5:	Capa da primeira edição do livro *Bom de aprender... fácil de usar* (n.º 4).....	52
Figura 6:	Capa da primeira edição do livro *Você precisa saber* (n.º 8).....	53
Figura 7:	Capa da primeira edição do livro *Como o homem faz o mundo* (n.º 10).....	54
Figura 8:	Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 1*.....	55
Figura 9:	Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 2*.....	56
Figura 10:	Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 3*.....	57
Figura 11:	Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 4*	58
Figura 12:	Capa da primeira edição do livro Vivendo e Aprendendo – Guia do Professor.....	59
Figura 13:	Capa da primeira edição do livro Vivendo e Aprendendo - *Educação para o Trabalho* (n.º 11).....	61
Figura 14:	Capa da primeira edição do livro Vivendo e Aprendendo – *Matemática*.....	62
Figura 15:	Capa da primeira edição do livro *Alimentação*.....	63
Figura 16:	Capa da primeira edição do livro *É tempo de plantar... é tempo de criar animais*.....	63
Figura 17:	Capa da primeira edição do livro *Casa... uma necessidade de todos nós*.....	63
Figura 18:	Capa da primeira edição do livro *Ouça... fale... leia... escreva...*	66
Figura 19:	Capa da primeira edição do livro *Palavra – instrumento de comunicação e expressão*.....	66
Figura 20:	Capa da primeira edição do livro *Energia – força de um país*.....	67
Figura 21:	Capa da primeira edição do livro *No campo ou na cidade, o homem trabalha*.....	68
Figura 22:	Capa da primeira edição do livro *Vivemos em grupo... vivemos em comunidade*.....	68

Figura 23: Cartaz comemorativo dos cinco anos da Revolução de 1964, publicado no editorial da revista Veja, n. 30, de 2/04/1969, comentado por Cerri (2000, p. 62) 71
Figura 24: Capa da primeira edição do livro *Você, a poesia e o mundo*..... 71
Figura 25: Capa da primeira edição do livro *O fazer, o saber, o sentir de nossa gente*..... 72
Figura 26: Capa da primeira edição do livro *Conhecendo sobre indústria e comércio*..... 72
Figura 27 Capa da primeira edição do livro *Aprendendo a conhecer a natureza*..... 72
Figura 28: Capa da primeira edição do livro *Conheça melhor o seu corpo*..... 74
Figura 29: Capa da primeira edição do livro *Por terra, água e ar, podemos ir muito longe*..... 74
Figura 30: Capa da primeira edição do livro *O mundo das palavras*..... 75
Figura 31: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Matemática* (n.^{0} 1)..... 77
Figura 32: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Nosso Mundo* (n.^{0} 2)..... 78
Figura 33: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Consultas* (n.^{0} 5)..... 79
Figura 34: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Eu agora sou mais eu* (n.^{0} 6)..... 80
Figura 35: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – A Nossa Ilha*..... 81
Figura 36: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Eu resolvo 1*..... 83
Figura 37: Capa da primeira edição do livro *Caderno de Alfabetização Funcional*..... 84
Figura 38: Coleção Um passo a mais. 85
Figura 39: Revista Veja n.^{0} 76, de 18/02/70, comentada por Cerri (2000, p. 39)..... 86
Figura 40: Capa da primeira edição do livro *textos geradores* (n.^{0} 13)..... 87
Figura 41: Capa da primeira edição do livro *educação para o trabalho* (n.º 14)..... 88
Figura 42: Capa da primeira edição do livro *Matemática* (n.^{0} 15)..... 88

Figura 43: Capa da primeira edição do livro *Integração social e ciências* (n.º 16) 89
Figura 44: Capa da primeira edição do *livro do professor* (n.º 17)..... 90
Figura 45: Adesivos utilizados nos vidros das casas e das janelas dos automóveis..... 95
Figura 46: Médici entre o capitão Carlos Alberto e Falcão na copa de 1970... 96
Figura 47: Pelé comemora após fazer um dos gols na vitória da seleção brasileira por 2 a 1 sobre o time da Tchecoslováquia..... 96
Figura 48: Ambulância faz propaganda do trabalho do governo.....
Figura 49: Funcionário da ECT exibe boné com a marca da empresa do governo..... 106
Figura 49: Funcionário da ECT exibe boné com a marca da empresa do governo..... 109
Figura 50: A construção da casa de Severino em mutirão..... 113
Figura 51: Terrenos de horta exemplificados pelo livro didático..... 114
Figura 52: Almoço familiar..... 115
Figura 53: Exemplos de balões utilizados pelo MOBRAL..... 127
Figura 54: Balão pensamento..... 128
Figura 55: Ações mais demoradas requerem mais quadrinhos na mesma página..... 129
Figura 56: Formato retangular ou quadro de tamanho maior do que ele vinha utilizando..... 129
Figura 57: O plano americano..... 130
Figura 58: O plano de detalhe..... 130
Figura 59: Ângulo de visão normal..... 131
Figura 60: Letras maiores de profissões nos letreiros das lojas..... 131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: MOBRAL – Londrina-PR (1984)..... 33
Quadro 2: Prioridades entre as palavras negritadas no manual *Educação para o trabalho*..... 118

LISTA DE ABREVIATURAS

ABC -	Ação Básica Cristã
ASVAP -	Assessoria de Avaliação de Publicações
BNH -	Banco Nacional de Habitação
CAN -	Correio Aéreo Nacional
CEAA -	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CES -	Centro de Estudos Supletivos
CEPLAR -	Campanha de Educação Popular
CETEP -	Centro de Treinamento, Pesquisa e Documentação
COBAL -	Companhia Brasileira de Alimentos
COSIPA -	Companhia Siderúrgica Paulista
CPC -	Centro de Cultura Popular
DDD -	Discagem Direta à Distância
DNER -	Departamento Nacional de Estradas de Rodagens
DNOCS -	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
DNOS -	Departamento Nacional de Obras de Saneamento
ECT -	Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
ECULT -	Encarregado da Área Cultural
EJA -	Educação de Jovens e Adultos
ELETROBRAS -	Centrais Elétricas Brasileiras Sociedade Anônima
EMBRATEL -	Empresa Brasileira de Comunicação
EMBRATUR -	Empresa Brasileira de Turismo
EMC -	Educação Moral e Cívica
FAB -	Força Aérea Brasileira
FGTS -	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FUNRURAL -	Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
GEPED -	Gerência Pedagógica
INAMPS -	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
LBA -	Legião Brasileira de Assistência
LDBEN -	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MANES -	Manuais Escolares Espanhóis
MEB -	Movimento de Educação de Base
MEC -	Ministério da Educação
MOBRAL -	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MCP -	Movimento de Cultura Popular
OSPB -	Organização Social e Política do Brasil
PASEP -	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PIPMO -	Preparação de Mão-de-Obra
PIS -	Programa de Integração Nacional
PNA -	Plano Nacional de Alfabetização
SEED -	Secretaria de Estado de Educação
SENAC -	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI -	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR -	Serviço Nacional de Aprendizagem rural.
SINPAS -	Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social
SNER -	Campanha Nacional de Educação Rural
SUDAM -	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
SUDECO -	Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste
SUDENE -	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNE -	União Nacional dos Estudantes
UNED -	Universidade Nacional de Educação a Distância
USAID -	*United States Agency for International Develpment*

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a configuração do ensino de jovens e adultos na Escola Estadual Macedo Soares (Campo Largo, décadas de 1970 e 1980), um estudo sobre os programas do MOBRAL, que se tornaram referência de inserção no mundo da leitura e escrita de alunos adultos, contribuindo com a construção da alfabetização no país.

O presente trabalho tem como principal preocupação enfatizar que os manuais são locais de construção e circulação de saberes e que eles produzem representações do mundo social, conceito tomado tal como é formulado por Chartier (1988, p. 22), ou seja, tomando-se

> por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.

Nesta dissertação, importa compreender nos livros do MOBRAL, conforme Chartier (1988, p. 28),

> [...] as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação (...) o espaço próprio das práticas culturais, que não é de forma nenhuma passível de ser sobreposto ao espaço das hierarquias e divisões sociais; [...] as práticas discursivas são produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões.

Elas impuseram determinadas idéias aos alunos do MOBRAL, como se verá posteriormente, por meio da ordem interior pela qual o texto deve ser compreendido, que é a ordem desejada pela autoridade que realizou sua publicação. É nessa ordem que serão analisadas as concepções de leitura, de literatura e de leitor que estão subjacentes à formação das coleções e demais livros.

Além disso, como referem Silva e Correia (2004, p. 621), “os textos escolares representam também fontes para conhecer a economia das publicações editoriais, incluindo-se aí as modalidades de impressão ou semiologia da imagem”.

O estudo de manuais escolares como fonte para a história da educação ganha cada vez mais destaque.[1] Alain Choppin ocupa um lugar inaugural no campo desses estudos. Ele trabalhou com Chartier, que é uma importante referência no estudo sobre livros e impressos. Silva e Correia (2004), no artigo *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal – Brasil),* lembram as considerações de Choppin (2000). Primeiramente, que as análises deste autor sugerem que no aspecto dos manuais para alunos da escola primária são bastante semelhantes aos livros escritos para as crianças. Um segundo aspecto é que as pesquisas voltadas aos manuais escolares tornaram-se mais freqüentes a partir da década de 1960, período em que ocorria a democratização do ensino, e o estudo de temas variados, como gênero, culturas e direitos humanos. A partir dos anos 1980, tendo a colaboração do desenvolvimento das técnicas de armazenamento de dados, houve novas iniciativas de construção da história da literatura escolar, utilizando inventários de coleções, da atuação dos autores e da identificação das leis em vigor. Choppin (2002) destaca como tendências atuais o interesse pelo estudo sobre como circulam as idéias em diferentes países e como se constroem mecanismos para neles reconhecer identidades culturais. Como terceiro aspecto, Choppin (2000) ressalta que os manuais precisam apresentar aos estudantes saberes diversos e aos professores a contribuição na transmissão de informações. Tornam-se, portanto, como assinalam Silva e Correia (2004), riquezas como objetos de estudo.

Manuais e livros didáticos não são considerados sinônimos por Décio Gatti Júnior (2008, p. 1), pois

> o processo de massificação do ensino brasileiro, iniciado nos anos sessenta, motivou a transformação dos antigos manuais escolares nos modernos livros didáticos, significando a passagem do autor individual à equipe técnica responsável pela elaboração dos produtos editoriais voltados para o mercado escolar e a evolução de uma produção editorial quase que artesanal para a formação de uma poderosa e moderna indústria editorial.

Os manuais escolares surgiram no Antigo Regime (OSSENBACH; SOMOZA, 2001 p. 9). Como obra sistemática, vinculam-se à extensão do método de ensino *simultâneo*, utilizado inicialmente pelos Irmãos das Escolas Cristãs de João Batista de La Salle. São divididos por classes, segundo idades e estudos de aprendizagem, exigindo que os alunos de uma mesma classe tivessem os mesmos materiais de leitura. Segundo Nóvoa e Schriewer (2000), autores que tratam da questão, os sistemas educativos nacionais foram

[1] Exemplo são as pesquisas relatadas no seminário *Los manuales escolares como fuente para a Historia de la Educación en América Latina, um análisis comparativo*, realizado na Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED), em Madrid, em outubro de 1996. Segundo Ossenbach e Somoza (2001), o seminário foi convocado pelo projeto sobre Manuais Escolares Espanhóis (MANES), localizado no Departamento de História da Educação e Educação Comparada da UNED. O encontro teve como objetivo incentivar e aumentar os vínculos do MANES com as comunidades latino-americanas. Foram convidados pesquisadores de seis países, e seus trabalhos foram desenvolvidos na Argentina, no Brasil, na Colômbia, no Equador, no México e no Uruguai.

criados em diversas partes do mundo a partir do século XVIII, expandindo-se e consolidando-se segundo lógicas específicas em cada país principalmente durante o final do século XIX e ao longo do século XX.

Os livros escolares resultam da participação do autor, do editor, do *designer*[2] da imprensa, do distribuidor, do professor e das demais autoridades educativas. Os manuais possuem características comuns, como destacam Ossenbach e Somoza (2001), entre outras: intencionalidade do uso escolar; sistematicidade na exposição dos conteúdos; adequação para o trabalho pedagógico; intervenção estatal administrativa e política, através da regulamentação que hierarquiza os saberes ou da autorização para a publicação da obra.

Uma característica especial, a propósito dos livros escolares latino-americanos entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, é "a apresentação do saber como um objeto concluído". "A imagem mais habitual é do saber como caminho retilíneo, que conduz do simples ao complexo, do vulgar ao culto, do rústico ao educado". (OSSENBACH; SOMOZA, 2001, p. 9).

Por serem objetos complexos, os manuais escolares tanto contribuíram com a alfabetização e com a aquisição dos saberes necessários para a vida das sociedades contemporâneas, quanto marginalizaram populações de seus contextos como os índios, pelo desrespeito por suas tradições. Isso ocorre não somente na forma de apresentação dos conteúdos, mas também porque ao elegerem um determinado conteúdo, os manuais acabaram ocultando ou desvalorizando saberes de grupos que não compartilham dos mesmos códigos e conhecimentos divulgados pela escola.

Os manuais escolares obrigam, portanto, a um estudo interdisciplinar. Eles contêm concepções ideológicas, morais, religiosas, políticas, éticas, antropológicas, entre outras. Sendo assim, conforme Ossenbach e Somoza (2001, p. 11), deveriam ser analisados

> não somente pelo que dizem, mas também no modo como dizem, e também pelo que deixam de dizer: os 'silêncios' podem ser tão importantes como suas mensagens expressas, pois estas tanto como aquelas dão conta do processo de seleção, hierarquização e exclusão dos saberes.

Mas se diversos estudos já foram priorizados na América Latina, ainda falta muito por se fazer ou intensificar. São necessários estudos que privilegiem a produção na escola da especialização e da hierarquização dos saberes, bem como aqueles que contribuam mais no aspecto da compreensão de que o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita não são somente uma prática escolar, mas uma prática social. Isso significa que alunos e

[2] *Designer*, programador visual, é uma função adotada no Brasil a partir do final do século XX. (LAROUSSE CULTURAL, 1998, p. 1859). Trata-se, portanto, de uma ocupação do mundo moderno e que marca especificidades da imprensa desse período.

professores não estão somente a cumprir funções utilitaristas, mas efetuam trocas de significados, uma vez que como sujeitos sociais têm diferentes modos de pensar.

No entanto, a necessidade de intensificar trabalhos nesses aspectos não ocorre somente em âmbito de América Latina. Em âmbito de Brasil os estudos de livros didáticos são importantes, especialmente por que, como refere Silva (2001, p.101),

> (...) a história do livro didático no Brasil foi marcada, em seus vários momentos, por uma tradição autoritária, além do modelo centralizador e de medidas cerceadoras. Ao intervirem na produção e circulação desse material, os poderes públicos pretenderam ordenar a disseminação do saber escolar, referente aos vários níveis de ensino, incluindo-se ali os cursos paras professores. Esse último âmbito adquiriu um caráter específico porque correspondeu a uma das instâncias de produção e circulação de saberes no campo educacional, formando profissionais que participaram da tarefa de difundir a escolarização.

Munakata (1999) também alerta para a importância de privilegiar pesquisas sobre o livro didático, embora diversos já tenham sido realizados, como os de Lourenço Filho, pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, nos anos de 1940 e 1950, as pesquisas de inteligibilidade e legibilidade realizadas por Pfromm Neto *et al.*(1974) e de Molina (1987), na década de 1970, e as referências de Johnsem (1996), entre outros. Pela sua prerrogativa especial, a realização de estudos sobre livro didáticos é relevante na história da educação.

Outro autor que enfatiza a importância do valor social de estudos sobre o livro didático é Batista (1999), pois é a principal fonte de informação impressa a que têm acesso grande parte de alunos e professores, especialmente quando as populações escolares têm acesso limitado aos bens econômicos e culturais.

Bittencourt (1993) destaca duas dimensões do livro didático. A dimensão mercadoria, para atender às necessidades do mercado, de acordo com as técnicas de fabricação e industrialização, e a dimensão de ser “depositário” de conteúdos educacionais que registram informações e valores considerados importantes na sociedade em uma determinada época.

A minha primeira experiência profissional (embora tenha trabalhado em outras instituições de ensino estadual e particular como acadêmico) como docente foi com o EJA (antigo supletivo) no Colégio Cenecista Presidente Kennedy em Campo Largo-PR a partir fevereiro de 1986. Lecionava no supletivo de 1.º e 2.º grau. Recebíamos na escola alunos do MOBRAL da Escola Macedo Soares (eles já haviam concluído a antiga 4.ª série) que passaram a estudar no Colégio Kennedy (instituição particular) para concluir o Supletivo de Ensino Fundamental e em seguida o de Ensino Médio. Eu tinha muita satisfação em trabalhar com esses alunos, pois manifestavam muita vontade de aprender. A necessidade falava mais alto, o trabalho e as exigências das empresas faziam com que esses alunos buscassem a escolarização. Mas um dos questionamentos que sempre me fazia era que tipo de alfabetização ou de aprendizagem foi desenvolvida com esses alunos? O

questionamento tinha relação com as dificuldades de escrita, leitura e interpretação que apresentavam.

Quando ingressei no Colégio Kennedy para trabalhar com alunos do Supletivo (fiquei 16 anos nessa escola) trabalhei com as disciplinas de História e EMC (Educação Moral e Cívica) no supletivo de Ensino Fundamental. No supletivo de Ensino Médio, História e OSPB (Organização Social e Política do Brasil). Os conteúdos que trabalhávamos nessas disciplinas eram do mesmo teor dos conteúdos que os alunos já haviam estudado no Mobral na Escola Macedo Soares. Como sabíamos disso? Eles comentavam a respeito. Alguns, até lembravam das imagens que os livros do Mobral traziam e que agora, novamente, estavam estudando com essas disciplinas.

Antes de decidir pelo tema deste trabalho, realizei uma pesquisa exploratória que, conforme Marconi e Lakatos (1999), são investigações que têm como meta ampliar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa, além de clarear os conceitos que se tem a respeito do tema da pesquisa.

A pesquisa exploratória trouxe-me a informação de que os livros didáticos utilizados na Escola Estadual Macedo Soares, na cidade de Campo Largo, Paraná, estavam com a professora **Rosely Guerchewski**, conhecida na cidade por ter se dedicado de 1970 a 1980 ao ensino de jovens e adultos.

Após conversar com ela, fiquei sabendo que o Programa de Educação Integrada, que será analisado neste trabalho, foi criado em 1971 e a partir de 1977 foi modificado. Os municípios, então, passaram a acompanhar o processo.

Nesse quadro de valorização e privilégio quanto aos estudos sobre os livros didáticos, somados às experiências e aos questionamentos pessoais, justifica-se o presente trabalho.

As fontes históricas utilizadas na presente dissertação são as escritas (referem-se aos livros, documentos públicos, livros-atas e jornais) e as não escritas (os depoimentos de pessoas, colhidos a partir de entrevistas e fotografias).

Neste estudo, alguns autores possibilitam diálogos entre a realidade do texto e a realidade da vida, especialmente Roger Chartier a partir do conceito de “lutas de representações” que indica estratégias simbólicas constituintes da identidade de um grupo no corpo do texto. Essa idéia é importante no estudo dos livros do MOBRAL por possibilitar uma reflexão sobre o que Chartier (1991, p. 183) denomina

> [...] a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma [...], o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo [incluindo o dos alunos e dos professores do MOBRAL] dá de si mesmo, logo a sua

> capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade.

Se em algum aspecto o leitor se encontra diante da tentativa de controle da produção do sentido expressa nos textos, ele também se arma de artifícios, como “[...] ler nas entrelinhas e subverter as lições impostas [...]”. (CHARTIER, 1999, p. 7)

No primeiro momento do trabalho, realiza-se um histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos envolvendo o Brasil e o estado do Paraná.

No segundo momento do trabalho, apresentam-se os livros didáticos do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares, especialmente os do Programa de Educação Integrada, criado em 1971, que visava à participação dos alunos iniciados no Programa de Alfabetização Funcional na continuidade dos estudos.

No terceiro momento do trabalho realiza-se análise dos livros didáticos da coleção *Um Passo a Mais: Textos Geradores e Educação para o Trabalho.*

Os depoimentos dos professores como repostas às entrevistas realizadas com professores do MOBRAL no período de estudo estão relacionados no decorrer da dissertação, especialmente no terceiro capítulo.

Uma investigação sobre a recepção das mensagens por parte de alunos do MOBRAL havia sido planejada, a partir de entrevistas, mas não foi possível, pois os ex-alunos consultados disseram não mais se lembrarem das aulas nem dos manuais, sendo, portanto, impossível registrar suas memórias, percepções e opiniões, que possibilitariam realizar aproximações, delinear considerações sobre a história da educação a partir dos alunos do MOBRAL na Escola Estadual Macedo Soares.

2 O MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES

2.1 A educação de jovens e adultos no Brasil – aspectos legais

A institucionalização da educação obrigatória no Brasil somente se realizou com a Constituição de 1824, que determinava que a Coroa se responsabilizasse pelo ensino superior, e as províncias deviam se ocupar da educação do ensino elementar e secundário (SEPÚLVEDA, 2004). Em 1876 ocorreram os "primeiros registros do Ensino Noturno para Adultos – denominado educação ou instrução cristã". (SCHNORR, 2005). Já se começa a pensar e a propor o modelo de escola tal como conhecemos hoje: uma escola leiga, mantida pelo Estado, destinada a todos, obrigatória, gratuita e pública. Segundo Cury (2000), o decreto n.^{0} 7.247 de 19 de abril de 1879 da reforma de ensino, exposto por Leôncio de Carvalho, supunha a criação de cursos para analfabetos, livres ou libertos, do sexo masculino, com a duração de duas horas por dia no verão e três horas no inverno. Entidades privadas que desenvolvessem os cursos receberiam auxílio. Mas na prática os cursos não se realizaram.

Em 1890, das pessoas acima de cinco anos, 82% eram analfabetas (HADDAD, 1991). E ao ser proclamada a primeira Constituição Republicana, em 1891, foram excluídas de seu texto as linhas referentes à gratuidade da instrução (presente na Constituição Imperial) "ao mesmo tempo em que condiciona o exercício do voto à alfabetização (art. 70 parágrafo 2.^{0}), dando continuidade ao que, de certo modo, já estava posto na Lei n. 3.029/1881 do Conselho Saraiva". (CURY, 2000, p. 14)

Na prática, isso quer dizer que a pessoa analfabeta adulta precisava buscar por si a alfabetização, ou seja, o indivíduo era colocado pela Constituição como "o pólo da busca pessoal de ascensão, desconsiderando a clara existência e manutenção de privilégios advindos da opressão escravocrata e de formas patrimonialistas de acesso aos bens econômicos e sociais" (CURY, 2000, p. 14). Por outro lado, conforme Decreto n.º 13 de 13 de janeiro de 1890, associações civis podiam oferecer cursos noturnos em instituições públicas.

Com a aceleração do desenvolvimento industrial e das idéias nacionalistas, mais especificamente a partir de 1920, os jovens e adultos analfabetos passaram a ser vistos como freio à continuidade do desenvolvimento, um "mal nacional". Eles somavam 75% da população analfabeta do país. (SCHNORR, 2005). E embora a Conferência Interestadual de 1921 sugerisse a criação de escolas noturnas para adultos, como parte do Decreto n. 16.782/A de 13/1/1925, na prática isso não se realizou.

A Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada por Heitor Lyra em 1924 no Rio de Janeiro, foi planejada como organização nacional a partir de núcleos nos Estados,

semelhante ao do Distrito Federal, e com a manutenção de debates de modo a tornar-se veículo de opiniões das classes “cultas”. O discurso existente na época, a partir de quem estava à frente da ABE, como o próprio Heitor Lyra da Silva, firmava-se em negar o fetichismo da alfabetização intensiva e defende

> [...] o levantamento (...) [em âmbito] popular (...) [em] “tríplice base: moral, higiênica e econômica, o que significa que sem a cultura das qualidades do caráter, sem a melhoria das condições de saúde da massa da população e sem uma racional organização do trabalho é utopia esperar que a alfabetização rápida e quase instantânea, se possível, viesse a transformar para o bem as atuais condições do nosso país. (CARVALHO, 1989, p. 46)

Entre outros objetivos, a ABE tinha em vista a “erradicação da ignorância como instrumento de qualificação do voto consciente e a formação e organização de uma opinião pública” (CARVALHO, 1989, p. 53). Seu discurso cívico era a transformação da figura de um “brasileiro doente e indolente, apático e degenerado (...) essa espécie de Jeca Tatu em brasileiro laborioso, disciplinado, saudável e produtivo”. (CARVALHO, 1989, p. 56)

A educação de jovens e adultos também se inseria nesse amplo projeto político de disciplinarização da população explicado por Carvalho (1989). Em 1925, quando a Lei Rocha Vaz instituiu a escola noturna, que foi o ponto de partida de uma série de campanhas de alfabetização, na prática isso também não se realizou pela falta de atendimento à população da forma por ela esperada. (CURY, 2000; CAFÉ *et al.,* 2005)

Mendonça (1985) destaca que na década de 1930 constituiu-se um núcleo de indústrias e bens de produção, e o papel do Estado foi redefinido em vista da transformação do pólo urbano-industrial em base da economia, demandando também novas exigências na área educacional. Na reforma de 1931 foram adotados regimes de séries para o ensino secundário, determinando, segundo Curry (2000, p. 16),

> [...] cada vez mais, a sinonimização entre faixa etária apropriada, seriação e ensino regular. A avaliação do processo ensino-aprendizagem se dava por meio de exames, provas e passagens para a série seguinte. Estava aberto o caminho para uma oposição dual entre o regular e o que se chamaria supletivo.

A Constituição de 1934 incluiu os adultos como parte da educação e como dever do Estado, primeiro reconhecimento em âmbito nacional. É preciso pensar sobre o tipo de reconhecimento que se fez com relação à educação de adultos em 1934. Na verdade, foi um reconhecimento relativo porque os adultos ficaram “fora” do sistema regular de ensino tal como foi sendo estruturado no país.

A Constituição outorgada de 1937 proibiu que menores de 14 anos trabalhassem de dia e que menores de 16 anos trabalhassem à noite, encorajando a criação de associações civis propostas à organização das disciplinas moral eugênica e cívica voltadas à segurança da nação. É importante lembrar que o acesso mínimo à escrita estava relacionado ao surto

de industrialização de padrão taylorista[1] de produção que requeria escolaridade mínima, como lembra Curry (2000, p. 18):

> Em termos de concepção, o Estado Novo chega a explicitar uma discriminação entre as elites intelectuais condutoras das massas e as classes menos favorecidas (art. 129 da Constituição) voltadas para o trabalho manual e com acesso mínimo à leitura e à escrita.

Na década de 1940, um caminho próprio da educação de jovens e adultos foi se projetando. Segundo Beisiegel (1982, p. 177),

> [...] as idéias, as leis e as iniciativas que se consolidam (...) [denotam] uma situação inteiramente nova. Até então, registravam-se alguns esforços locais, (...) mas, na década de 40, cogita-se uma educação para todos os adolescentes e adultos analfabetos do país.

Uma situação de consolidação do processo de substituição de importações começa a se delinear com o final do Estado Novo, em 1945, bem como a aceleração do capitalismo industrial, situação que requer uma educação direcionada à preparação de mão-de-obra para a área industrial.

A Lei Orgânica do Ensino Primário, Decreto-Lei n.^{0} 8.529 de 2 de janeiro de 1946 refere-se, no capítulo III do Título II, ao curso primário supletivo para adolescentes e adultos, com dois anos de duração. E a Constituição de 1946, afirma nos artigos 166 e 167 que o ensino primário oficial é gratuito a todos.

Constatava-se cada vez mais a necessidade de formação mínima para os trabalhadores. Na década de 1940, foram criados serviços específicos, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) (1942) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) (1946), tendo em vista superar este empecilho. Desse modo, a educação de adultos atrela-se à educação profissional. (SCHNORR, 2005)

Em 1945, após 15 anos do governo Getúlio Vargas, ocorreu uma campanha nacional de educação de adultos, tendo em vista provavelmente a integração e a democracia. Segundo Fávero (2004), em 1947, a União começou a Campanha de Educação de Adolescentes Adultos (CEAA), que tinha em vista a alfabetização e envolvia em sua ação educativa operações elementares de cálculo, leitura e escrita, noções fundamentais de geografia, história, higiene e saúde entre outros conhecimentos. No período entre 1952 e 1963 realizou-se a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) no Nordeste.

No final dos anos de 1940 e começo dos anos 1950, o número de analfabetos atingia 55% do total dos brasileiros maiores de 18 anos. Diante disso, a Organização das Nações

[1] O padrão taylorista de produção é o modelo projetado por Frederick Taylor. “Abrange um sistema de normas voltadas para o controle dos movimentos do homem e da máquina no processo de produção, incluindo propostas de pagamento pelo desempenho do operário (prêmios e remuneração extras conforme o número de peças produzidas)”. (SANDRONI, 1999, p. 593)

Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) passou a estimular mais a implantação de programas nacionais de educação de jovens e adultos. Programas voltados, inclusive, para aqueles que não eram contemplados pelo SENAI e pelo SENAC. Cabe questionar quem seria considerado estudante adulto: os maiores de 18 anos? Este ficava fora da idade escolar?

As respostas são encontradas na Lei n.^{0} 4.024/61, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Ela afirma a educação como direito de todos, em seu Título VI, capítulo II, artigo 27:

> O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento.

A propósito das campanhas, como mencionado acima, elas tinham como meta realizar a alfabetização em três meses, e a condensação do primário em dois períodos de sete meses. Já o Decreto-lei n. 8.529, de 2 de janeiro de 1946, estabelecia que

> (...) Art. 2.º O ensino primário abrangerá duas categorias de ensino: a) o ensino primário fundamental, destinado às crianças de sete a doze anos; b) o ensino primário supletivo, destinado aos adolescentes e adultos. (...) Art. 3.º O ensino primário fundamental será ministrado em dois cursos sucessivos: o elementar e o complementar. (...) O elementar com quatro anos de estudo (Art. 7.^{0}); (...) O primário complementar com a duração de um ano (Art. 8.^{0}). Art. 4.º O ensino primário supletivo terá um só curso, o supletivo. (...), com dois anos de estudos (Art. 9.^{0})

Em seguida, no MOBRAL, previa-se uma etapa de aprofundamento quanto à capacitação profissional. Segundo Di Pierro, Joia e Ribeiro (2001), nos primeiros anos dessa experiência, com a coordenação do professor Lourenço Filho, houve resultados importantes em diversos locais do país a partir de uma política governamental que entendia a educação de adultos como ponto importante da melhoria da situação educacional do conjunto da população.

Muitas pessoas foram mobilizadas, bem como profissionais e voluntários de diversas esferas administrativas. Depois, as campanhas foram se enfraquecendo devido às dificuldades encontradas em seu desenvolvimento. E no ponto de vista dos alunos, como afirma os jovens e adultos da escola de EJA tiveram de conviver com “a idéia de analfabetismo como inferioridade e doença que precisava ser erradicada para o progresso na nação”. (CALHAU, 2007, p. 80)

A propósito da atuação de Lourenço Filho, segundo Beisiegel (1996, p. 29),

> [...] a alfabetização de adultos era vista como peça importante nesse processo mais geral de promoção educacional de todo o povo. Mais ainda,

> essa educação do adulto analfabeto se inscreveria como elemento privilegiado no esforço mais amplo de elevação educacional do país.

De acordo com Fávero (2003, p. 2), após a década de 1940 foi gerada uma nova campanha.

> [...] curiosa, pouco estudada, ela (...) está no Ministério de Saúde, no Ministério da Agricultura. (...) Vai trabalhar diretamente a partir da saúde. (...) Chamava-se, na época, Departamento Nacional das Crianças. A campanha teve à frente Artur Rio, que tem um cunho mais sociológico; o forte dela [...] está no grupo de sanitaristas, grupo médico, e um pouco com a introdução de algumas técnicas rurais, falando em cooperativismo.

No decorrer da década de 1950, a Campanha de EJA sofria duras críticas, especialmente dirigidas à superficialidade do aprendizado, ao método não adequado aos adultos, ao curto período de duração e pela não consideração das diferenças locais.

A Lei n.^{0} 4.024/61, no artigo 99, afirma:

> aos maiores de 16 anos será permitida a obtenção de certificados de conclusão do curso ginasial, mediante a prestação de exames de madureza, após estudos realizados sem observância de regime escolar. Parágrafo único: nas mesmas condições permitir-se-á a obtenção do certificado de conclusão de curso colegial aos maiores de 19 anos.

Em 1961, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil criou o Movimento de Educação de Base (MEB), que passou a ser patrocinado pelo Estado mediante termos do Decreto n.^{0} 50.370, de 21 de março de 1961, para que fosse criada uma educação de base, veiculada por emissoras católicas conveniadas ao MEC. (BEISIEGEL, 1982)

No mesmo ano foi implementada a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, por parte da Secretaria de Educação de Natal-RN, com o objetivo de que toda população da região tivesse oportunidade de se alfabetizar.

Destaca-se, ainda em 1961, o Centro de Cultura Popular (CPC) fundado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), intelectuais e artistas com o objetivo de proporcionar o acesso à cultura por parte das camadas mais desfavorecidas da sociedade. Uma outra Campanha de Educação Popular (CEPLAR), que surgiu na Paraíba no mesmo ano a partir do governo estadual, seguia o método Paulo Freire. (BRASIL, 2003)

É importante observar que a educação de jovens e adultos articulou-se à educação popular a partir de Paulo Freire[2] e sua equipe que trabalhavam, no final dos anos 1950, no Movimento de Cultura Popular do Serviço de Extensão Rural da Universidade do Recife. Foram criados os Círculos de Cultura, em que a programação resultava de uma consulta

[2] Paulo Freire (1921-1997) nasceu no Recife em uma região das mais pobres do País. Sua postura educacional se manifestou em 1958 em sua tese de concurso para a universidade do Recife, posteriormente como professor de História e Filosofia da Educação, na mesma universidade, e principalmente em suas experiências de alfabetização, como a de Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963.

aos grupos envolvidos na aprendizagem. Aos educadores cabia tratar a temática proposta pelo grupo, podendo acrescentar temas de sua escolha.

Nos anos 1960, Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização que se torna conhecido como *Método Paulo Freire*. O trabalho começou no Centro de Cultura Dona Olegarina, do Movimento de Cultura Popular (MCP), em Recife, e foi "uma das armas mais utilizadas pelos jovens católicos radicais dos anos 60". (CUNHA; GÓES, 1999, p. 20)

No início de 1962, quatro homens e uma mulher passaram pelo processo de alfabetização de adultos com o método, que contava desde o início com a ajuda de técnicas visuais. Após dois meses, com 30 horas de curso, um aluno lia trechos "relativamente difíceis (...). Em março, forma-se nova turma, para repetir a experiência, obtendo-se resultados semelhantes". (CUNHA; GÓES, 1999, p. 20)

Três aspectos caracterizam o método Paulo Freire: A História, a Antropologia cultural e a Metodologia.

Que características têm a história nesse contexto? No II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958, no Rio de Janeiro, Paulo Freire defendeu a Tese *Educação e atualidade brasileira* (Recife, 1959), assim resumida por Cunha e Góes (1999, p. 11):

> [...] o educador nordestino defendeu a educação *com* o homem, denunciando a então vigente educação *para* o homem. E ainda: a substituição da aula expositiva pela discussão, a utilização de modernas técnicas de educação de grupos com a ajuda de recursos audiovisuais, etc. Demonstrou preocupação com metodologias e, principalmente, com o lugar (social, político, educacional, de autoridade) a ser assumido por educadores e educados.

No aspecto histórico propriamente dito discute o conceito de "trânsito", ou seja, o povo brasileiro vivia um processo de trânsito de uma sociedade fechada para uma sociedade em abertura, na qual a consciência do cidadão era menos mágica/intransitiva e mais crítica/transitiva.

No que se refere à Antropologia cultural, o método distingue o mundo da natureza e o mundo da cultura, bem como o papel do homem na sua realidade e a cultura como meio de acrescentar algo ao mundo.

Em relação à Metodologia, o método requer o cumprimento gradual das etapas:

a) "levantamento do universo vocabular" do grupo em alfabetização;
b) seleção nesse universo dos vocábulos geradores, de acordo com dois critérios: a "riqueza fonêmica e a pluralidade do engajamento na realidade local, regional, nacional";
c) "criação de situações existenciais típicas do grupo que se vai alfabetizar";
d) criação de fichas-roteiros, que auxiliam os coordenadores de debates no trabalho";

e) “feitura de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores” (CUNHA; GÓES, 1999, p. 21)

Gadotti (1989) resume o método de Paulo Freire nas seguintes etapas: investigação, tematização e problematização. Investigação é a procura do professor e do aluno das palavras e temas que tinham mais significado para a vida do aluno, no âmbito de seu universo vocabular; a tematização é a etapa da tomada de consciência do mundo mediante a análise dos significados sociais dos temas e das palavras; problematização é a etapa em que o aluno é desafiado pelo professor para adotar uma postura conscientizada.

O método Paulo Freire começa a ganhar repercussões nacionais a partir de janeiro de 1962 até o começo de 1964. O Governo de Jango, que tinha como meta acrescentar cinco milhões de eleitores ao corpo eleitoral em 1965, desequilibrando o poder da oligarquia vê nesse método uma possibilidade de isso realmente ocorrer. (CUNHA; GÓES, 1999)

Em 1964, Paulo Freire foi convidado para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), utilizando seu Programa de Alfabetização. Mas com o golpe civil-militar não houve continuidade, pois passou a ser visto como subversivo, o que aconteceu também com os outros programas, com exceção do MEB, que “se metamorfoseou para continuar com o apoio oficial e, assim, garantir sua inclusão, em 1970, no PNA. (VENTURA, 2001)

Segundo Medeiros (2005, p. 3), o pensamento pedagógico de Paulo Freire, bem como sua proposta de alfabetização “inspiraram os principais programas de alfabetização e educação popular que se realizaram no país no início dos anos 60”. Seu objetivo era conscientizar a população para que se empenhasse na transformação da sociedade.

Diversas outras experiências de Educação de Adultos surgiram antes de 1964. Primeiramente o MCP, criado em 1960 pela Prefeitura Municipal do Recife e presente em diversas partes do estado de Pernambuco, o qual concebia a educação como meio de oportunizar condições de melhor aproveitamento intelectual dos trabalhadores em vista de um comprometimento dos mesmos com as mudanças sociais. (VENTURA, 2001)

No período de 1964 até 1980 não mais foram permitidas iniciativas populares. “Muitos de seus participantes foram presos e cassados” (GERMANO, 1994, p. 106). Por meio dos acordos entre o MEC e a *United States Agency for International Development* (USAID), foram tomadas outras iniciativas como a substituição do PNA pela Cruzada da Ação Básica Cristã (Cruzada ABC).

Segundo Paiva (1998), a Cruzada tinha como finalidade articular programas de alfabetização e educação continuada e comunitária por meio de aceitação da submissão ao capital internacional. Havia também outra questão: a presença da ação cristã a partir dos protestantes. Não é de se ignorar isso. A cruzada era contrária à metodologia de Freire, pois apoiava o governo militar e tinha como meta a alfabetização para integrar os adultos na

sociedade. Na prática, esse programa se reduziu à distribuição de alimentos. Desse modo, a atividade voluntária dos professores para as atividades escolares estaria garantida. A Cruzada foi interrompida em 1971.

Segundo Xavier, Ribeiro e Noronha (1994), “a Cruzada ABC e o MOBRAL se inspiraram na Teoria do Capital Humano, fundamento economicista da proposta de organização do ensino” (OLIVEIRA, 1999, p. 2), que se repercute na visão utilitarista da educação, ou seja, buscam estabelecer estreitas relações entre a educação e o sistema produtivo, tendo em vista a formação de mão-de-obra e de consumidores, já que ocorrem no âmbito do desenvolvimentismo. Este constitui uma ideologia que “identifica o fenômeno do desenvolvimento a um processo de industrialização, de aumento de renda por habitante e da taxa de crescimento”. (SANDRONI, 1999, p. 169)

A idéia do capital humano é propagada por Schultz desde as décadas anteriores. Ele defende que são as pessoas que o compõem em cada país. Investir na educação é investir no capital humano. Schultz (1973, p. 79) explica:

> Proponho, por isso mesmo, tratar a educação como um investimento e tratar suas conseqüências como uma forma de capital. Dado que a educação se torna parte da pessoa que a recebe, referir-me-ei a ela como capital humano (...) A principal hipótese que está subjacente a este tratamento da educação é a de que alguns aumentos importantes na renda nacional são uma conseqüência de adições a esta forma de capital.

A influência dessa proposta se estende nas décadas 1960 e 1970 e, principalmente, na década de 1980, sob a óptica da perspectiva tecnicista. Segundo Frigotto (1993), essa perspectiva sustenta que é necessário redimir o sistema educacional de sua falta de eficiência, devendo oferecer uma metodologia competente de modo a se constituir em processo educacional, ou seja, como produção.

Segundo Fausto (2003, p. 495), no período militar, “a insistência no crescimento mostrou como era forte a crença nos círculos dirigentes de que o Brasil era um país predestinado a crescer”. Além disso, refere Oliveira (1999), o desenvolvimentismo se mostra associado aos projetos de alfabetização de massa, o MOBRAL e a profissionalização, como obrigação no 2.º grau, o atual ensino médio.

Quanto à obrigatoriedade e gratuidade nas constituições brasileiras, na primeira, promulgada em 1824 é estabelecida a instrução primária gratuita a todos os cidadãos, mas a Constituição republicana, de 1881, ignora gratuidade e obrigatoriedade, lembra somente o ensino leigo em instituições públicas, como refere Werle (2008, p. 1):

> [...] A constituição de 1934 indica o ensino primário integral e gratuito de freqüência obrigatória. As de 1937 e 1946 reafirmam a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino primário. A de 1937 lembra que a gratuidade não exclui o dever de solidariedade dos menos para os mais necessitados

> mediante a contribuição mensal para a caixa escolar. A constituição de 1969 especifica o ensino primário obrigatório para todos em faixa etária – dos 7 aos 14 anos – e a gratuidade nos estabelecimentos oficiais. Portanto a gratuidade precedeu a obrigatoriedade, tendo sido um discurso mais permanente na política brasileira. A partir da década de trinta é que obrigatoriedade e gratuidade foram de fato estabelecidas no direito positivo brasileiro. Entretanto, muito antes de estabelecidas na constituição essas idéias faziam parte do discurso das políticas públicas.

O ensino supletivo passou a ter bases legais próprias com as Leis n.º 5.540/68 e n.º 5.692/71. Esta dedicou cinco artigos para o processo de alfabetização de adolescentes e adultos, incluindo aprendizagem, qualificação e disciplinas de atualização.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi instituído em 1967 (Lei 5.379/67), mas com início em 8 de setembro de 1970[3], com a finalidade de acabar com o analfabetismo. Atendia pessoas de 15 a 35 anos de idade. Hoje uma pessoa de 15 anos já não se inseriria nesse tipo de programa.

O MOBRAL permaneceu durante todo período militar, apesar de que já houvesse consenso mundial da ineficiência das campanhas de alfabetização. Na década de 1970, sua organização ocorria em forma de comissões municipais que realizavam as atividades locais. O MOBRAL procurou desenvolver um trabalho semelhante ao de Paulo Freire no método e no material didático, mas evitou a parte problematizadora, ou seja, agiu contrariamente à educação de Paulo Freire, cujo método estimula o desenvolvimento da consciência crítica pela problematização. O método pedagógico de alfabetização do MOBRAL é, segundo Januzzi (1979, p. 67), "basicamente antidialógico, isto é, parte de objetivos previamente definidos como certos pelo MOBRAL/Central, jamais discutido ao nível das comunidades, que apenas operacionalizam os meios disponíveis para atingi-los".

Januzzi (1979, p. 72-73) enfatiza que Paulo Freire coloca o diálogo como elemento importante do processo educacional e do método de alfabetização, pois concebe o homem como o "ser da práxis". O MOBRAL concebe a educação como investimento, portanto, faz do encontro pedagógico um modelo a fazer aceitar. Impede o diálogo e torna autoritário o momento pedagógico. Como não precisa captar o pensamento ou linguagem do povo, utiliza as mesmas codificações e as mesmas palavras geradoras para o Brasil inteiro.

O MOBRAL oferecia aos estudantes a possibilidade de cursar as quatro primeiras séries do ensino fundamental e a participar de outros programas, como: Educação Continuada para Adolescentes e Adultos, o Programa de Educação Integrada, o Programa Cultural, o Programa de Profissionalização, o Programa de Diversificação Comunitária, o Programa de Educação Comunitária e o Programa de Autodidatismo. (CORRÊA, 1979)

---

[3] Comemorado como Dia Internacional da Alfabetização.

No presente trabalho, foca-se o Programa de Educação Integrada, como se explicará melhor nos próximos capítulos. Seus objetivos gerais são resumidos por Corrêa (1979, p. 177-178):

> a) propiciar o desenvolvimento da autoconfiança, da valorização da individualidade, da liberdade, do respeito ao próximo, da solidariedade e da responsabilidade individual e social;
> b) possibilitar a conscientização dos direitos e deveres em relação à família, ao trabalho e à comunidade;
> c) possibilitar a ampliação da comunicação social, através do aprimoramento da linguagem oral e escrita;
> d) desenvolver a capacidade de transferência de aprendizagem, aplicando os conhecimentos adquiridos em situações de vida prática;
> e) propiciar o conhecimento, utilização e transformação da natureza pelo homem, como fator de desenvolvimento pessoal e da comunidade;
> f) estimular as formas de expressão criativa;
> g) propiciar condições de integração na realidade socioeconômica do país.

No próximo capítulo, serão citados também os objetivos específicos, voltados à preocupação com a preparação de mão-de-obra para o mercado.

Na década de 1980, juntamente com movimentos populares que se organizavam para fazer frente à ditadura, surgiram novos projetos de alfabetização locais que reforçaram a autonomia dos municípios, enquanto o MOBRAL foi perdendo força. Foi extinto em 1985. Seus objetivos foram reformulados e foi criada a Fundação Educar - Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos, extinta em 1990.

No Paraná, a educação de jovens e adultos foi institucionalizada em 1972 mediante o Departamento de Educação Complementar que se tornou posteriormente Departamento de Ensino Supletivo. “Em acordo com pressupostos tecnicistas, adequado aos moldes da época, via-se na escolarização de adultos, concebida como suplência, uma estratégia para potencialização da preparação de mão-de-obra e sua inserção no mercado de trabalho” (EJA, 2001, p. 9). Na década de 1980 do século passado foram criados Centros de Estudos Supletivos (CES) em Curitiba, Cascavel, Ponta Grossa, Londrina e Maringá no âmbito de uma proposta de ensino asseriado e flexibilidade de horário. “O CES oferecia monitoramento e acompanhamento do aluno”. (EJA, 2001, p. 9)

No levantamento de analfabetos, realizado em 1971 por entidades, grupos, associações e coordenações religiosas, por solicitação da Coordenação Estadual do MOBRAL do Paraná e a Secretaria da Educação e da Cultura (GAZETA DO POVO, 1976), foi possível levantar os seguintes dados, conforme divulgação do **Diário do Paraná** (1971, p. 10).

> Há 2.100 analfabetos (..) na faixa de população com idade superior a cinco anos. O número dos que não sabem ler e escrever na mesma faixa é de 3.689.688 pessoas. Esses dados são do último recenseamento geral, divulgados agora pela delegacia regional do IBGE – Instituto Brasileiro de

> Geografia e Estatística. (...) De cinco anos de idade para cima, 3.689.688 pessoas sabem ler e escrever, e 2.100.228 não. De 10 anos para cima, 3.344.055 são alfabetizados, e 1.392.713 não o são. Na faixa dos 15 anos de idade em diante, 2.640.725 sabem ler e escrever e 1.199 não o sabem.

O Jornal **Folha de Londrina** de 4 de abril de 1984 apresenta um quadro de alunos matriculados, aprovados e evadidos ou reprovados em Londrina.

QUADRO 1 MOBRAL – LONDRINA - PR (1984)

Ano	Alunos matriculados	Alunos aprovados	Alunos evadidos ou reprovados
1970	255	209	46
1971	3.033	1.578	1.455
1972	2.410	1.057	1,353
1973	2.371	937	1,434
1974	2.303	615	1,688
1975	2.087	698	1.389
1976	2.005	315	1.690
1977	1.920	502	1.418
1978	3.578	1.032	2.546
1979	1.385	536	849
1980	560	214	346
1981	607	166	441
1982	700	104	596
1983	497	91	406

FONTE: Folha de Londrina, 4 abr. 1984, p. 12

O quadro mostra que com o passar dos anos diminuem as matrículas e que as evasões e ou reprovações são bastante expressivas.

O próximo passo é relatar como se desenvolveu a Educação de Jovens e Adultos em Campo Largo e como se desenvolveu o programa do MOBRAL na Escola Antônio Joaquim de Macedo Soares,[4] mais especificamente nas décadas de 1970 a 1980.

2.2 Notas sobre a Educação de Jovens e Adultos em Campo Largo-PR

Foram encontrados registros sobre a educação de Jovens e Adultos em Campo Largo a partir de 1949, como refere a “Ata da instalação das escolas supletivas no município de Campo Largo” (LIVRO ATA, 1949 p. 1)[5], em reunião realizada aos 5 de maio de 1949 no prédio da Prefeitura Municipal de Campo Largo.

Estiveram presentes, o prefeito, membros da Comissão Municipal de Educação de Adultos, Joaquim Ribas de Andrade, presidente, professor Antônio Cicarino Pereira, secretário, e Domingos Cavalli, entre outros. Agilizava-se a instalação de 10 novas escolas supletivas no município, de acordo com as instruções da Comissão Estadual. Mas, como moradores de outras localidades não previstas para serem atendidas tivessem realizado

[4] Futuramente se denominará Macedo Soares.
[5] Livro Ata da Instalação das Escolas Supletivas no município de Campo Largo em 1949. Está em poder do Departamento de Documentação Escolar da SEED no município de Campo Largo.

abaixo-assinados em locais ainda não contemplados como Retiro, Colônia e Cerne, os presentes solicitavam à comissão Estadual que atendesse ao seu pedido, o que aconteceu posteriormente. Para agilizar as atividades, em 4 de maio de 1950, realizava-se uma reunião no mesmo edifício com a finalidade de compor a Comissão Municipal de Educação de Adultos e nova instalação de Escolas Supletivas. Participaram autoridades, professores e funcionários, que indicaram os nomes de quem deveria compor a comissão, que, conforme o Livro Ata (Ata, 1949 p. 4), foi composta por: Joaquim Ribas de Andrade, Antonio Cicarino Pereira e Domingos Cavalli. Foram instituídas as seguintes escolas: Colônia Mendes de Sá, Itaqui, Retiro, Retirinho, Campinas, Bateias, Javacaen, Três Córregos, Taquara, Palmital e Bugre.

Para cada escola, foi indicado um professor ou uma professora. Reuniões semelhantes foram se realizando nos anos seguintes. Na reunião de 31 de maio de 1954, na qual se instalavam 25 escolas supletivas com a presença de alguns professores dos cursos supletivos, do prefeito municipal, e da inspetora de ensino, o prefeito solicitou aos professores "(...) o máximo de seus esforços (...) para extinguirmos o analfabetismo em nosso país".

A inspetora fez um apelo para que "promovam a propaganda e o interesse pelo curso, a fim de que esta campanha nacional possa verdadeiramente corresponder aos seus elevados objetivos". (LIVRO ATA, 1949 p. 8): Tratava-se da Campanha de educação que focalizava o valor da instrução no Brasil e que vinha sendo lembrada também nas reuniões anteriores, como a de 5 de maio de 1951.

Sobre a campanha, de acordo com a reunião de 6 de maio, como registra o Livro Ata de 1949 (p. 10), o prefeito solicitou "(...) o apoio integral em favor de tão altruística campanha", e fez um apelo aos professores para "não pouparem esforços para ajudar a extinguir o

Aspectos históricos do município de Campo Largo

O ciclo do ouro no Paraná em meados do século XVI foi o principal fator de formação de Campo Largo, acompanhado pelo desenvolvimento da pecuária e também dos pontos de pouso para os tropeiros que seguiam para São Paulo.

A origem de Campo Largo é antiga. Em 1819, o capitão Antônio da Costa doou parte de sua propriedade, permitindo que naquela região se instalassem grupos de pessoas, desde que cuidassem dessas terras.

No mesmo período, o capitão enviou uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, que mandou vir da Bahia. Em 1821, iniciou-se a construção da nova capela onde foi realizada a primeira missa local, tendo a santa como padroeira da então, futura cidade. Sua colonização foi fortemente influenciada pelos poloneses e italianos, além de alemães e portugueses, entre as principais etnias.

Campo Largo da Piedade foi elevado à categoria de Distrito Judiciário, pela da Lei n.º 23, de 12 de março de 1841, pertencendo à comarca de Curitiba. Pela Lei Estadual n.º 219 de 02 de abril de 1870, foi criado o município de Campo Largo, com território desmembrado de Curitiba e sua instalação oficial ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1871.

Campo Largo foi desmembrado de Curitiba no ano de 1870, e seu registro foi oficializado em 23 de fevereiro de 1871.

Conhecido como Capital Nacional da Louça, o

analfabetismo em nosso município, para maior grandeza da pátria e felicidade de nossos patrícios".

Nas reuniões seguintes, o apelo se renovou ano a ano até 1961. De acordo com o Livro Ata 1949 (p. 18-19), em 1961 o curso supletivo não funcionou até 12 de setembro. A partir de então, as reuniões de instalação das comissões e dos cursos procederam como nas reuniões anteriores. Houve somente mudança de local em 2 de maio de 1962, quando a reunião passou a se realizar na Inspetoria Auxiliar de Ensino.

> Município de Campo Largo inicia sua formação no final do século XVI, com a atração de garimpeiros de Paranaguá e São Paulo.
>
> Além do ciclo econômico do ouro, a erva-mate e o tropeirismo marcam os ciclos históricos do desenvolvimento econômico do Município e deixam traços históricos que oferecem um potencial bem diversificado à exploração da atividade turística.
>
> O município possui elementos diferenciais na oferta turística regional, representados principalmente pela produção de louças; pela qualidade dos equipamentos turísticos distribuídos no município (seja no espaço urbano e também no rural); e também pela forte influência das etnias italiana, polonesa e ucraniana.
>
> No setor industrial, Campo Largo se destaca pela existência de empresas de diversos segmentos; o moveleiro, o metal mecânico, o automotivo, a vinícola e principalmente o cerâmico (pisos, louças, porcelanas e azulejos). É considerada a "Capital Nacional da Louça" pela farta matéria-prima disponível para a produção desses bens; e por constituir um centro de compras, com lojas de varejo das fábricas e uma diversidade imensa de artesanatos.
>
> (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO, 2008)

Em 1970, os prefeitos de todo o Brasil recebiam a primeira solicitação para que fossem organizadas as lideranças locais com o objetivo de erradicar o analfabetismo, conforme solicitava o MOBRAL (CORRÊA, 1974). Segundo Alpendre (1972), nesse mesmo ano o MOBRAL reuniu 414 mil alunos no Paraná. Do total, 64% conseguiram completar o curso de cinco meses; os demais o deixaram por diversos fatores, entre os quais a relação "filho alfabetizado-pai analfabeto, um verdadeiro conflito de gerações". (Folha de Campo Largo, 26 nov. 1972, p. 1)

2.3 O Mobral nas notícias dos jornais de Campo Largo

Os dois principais jornais de Campo Largo a divulgarem notícias do MOBRAL numa conjuntura política eram a **Folha de Campo Largo** (a partir de 1961 com circulação mais intensa até os anos 1980) e **O Liberal** (a partir de 1973 com circulação mais intensa até a década de 1980)**. O Liberal** era de oposição, a **Folha de Campo Largo** era de situação. Essas tendências aparecem claramente nas notícias relativas ao MOBRAL, como se verá nos próximos parágrafos.

Os jornais foram aqui utilizados como documentos, pois os historiadores têm-se interessado "pela idéia da história dos homens em sociedade" (LE GOFF, 1990, p. 8). A história cultural e social, a partir dos anos 1960, vem sendo estudada mais intensamente. Por meio da história cultural dá-se mais importância aos estudos antes não revistos pela

historiografia. Atenta-se para a diferenciação entre história da cultura e história cultural. A história da cultura humana, segundo Burke (2005), têm início no final do século XVI em torno do ano 1780. A disciplina começa a tomar fôlego, aproximadamente em 1800, por meio de Burckhardt e Huizinga, que faziam comparações entre tipos de diferentes artes para proceder ao estudo da cultura.

Na década de 1960, destaca-se a história cultural em estudo da cultura "popular", pois a história política e a história econômica não a estudavam e a própria história da cultura não o fazia de modo adequado. O nome "nova história cultural" é utilizado pelos historiadores no final da década de 80 por apresentar um novo paradigma, a ênfase na história das mentalidades, dos sentimentos, das suposições e da preocupação com a teoria. Posteriormente, os historiadores percebem que a nova história cultural apenas refletia ou imitava a realidade social. Faz-se necessário construir a realidade por meio de representações. A percepção passa a ser observada como atividade percebida. As práticas narrativas de um povo, por exemplo, indicam aspectos da realidade que as construiu, e isso tanto no que diz respeito ao repertório cultural quanto à percepção da realidade por parte dos leitores. (BURKE, 2005)

Atualmente a utilização do jornal como fonte é aceita desde que de modo crítico, como se pretende fazer a seguir. Luca (2005, p. 132) lembra a importância de

> [...] estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural. Das letras miúdas comprimidas em muitas colunas às manchetes coloridas e imateriais nos vídeos dos computadores, há avanços tecnológicos, mas também práticas diversas de leitura.

O jornal **Folha de Campo Largo** de 29 de agosto de 1971 (p. 2) relata como o MOBRAL repercutiu no Paraná:

> Eclodiram no Paraná dois movimentos de extraordinário alcance: O Movimento Brasileiro de Alfabetização e Alfabetização de Adolescentes e adultos. E a repercussão em Campo Largo se fez sentir de maneira patriótica e empolgante.

De acordo com o jornal, houve mais de 20 professores que atuaram na cidade e nos locais vizinhos para que mais de 200 alunos adultos e adolescentes, durante cinco meses, pudessem participar do curso. E, sobre o dia da formatura, o jornal Folha de Campo Largo comenta:

> [...] No dia 21 do corrente, no salão de festas da sede das Associações Religiosas, com a presença do Sr. Prefeito Emigdio Pianaro e outras autoridades estaduais e municipais, professores e alunos receberam seus diplomas sob os aplausos de numerosa assistência. (...) As professoras presentes homenagearam a coordenadora dos cursos (...) prof.ª Eulália P. Chemin, pelos esforços dispendidos em favor da causa.

Em 14 de outubro de 1973, Eulália Chemin escreveu para o jornal **Folha de Campo Largo** (p. 2) que "no 2.^{0} Convênio assinado pelo Sr. Carlos Zanlorenzi, Prefeito Municipal, o Município conta com 22 Postos de Alfabetização, com 428 alunos matriculados, oito postos de Educação Integrada, com 365 alunos matriculados".

Aos alunos do curso de educação integrada eram ministradas palestras, das quais participavam as pessoas da comunidade. Também os professores de Educação Integrada e Alfabetização recebiam treinamento periódico. (FOLHA DE CAMPO LARGO, 16 nov. 1975, p. 1)

Em 1974, o MOBRAL nacional fez mais um contato com as Comissões Municipais para que então lançassem as bases do programa do MOBRAL Programa de Atividades Culturais.[6] (CORRÊA, 1974)

Em 6 de junho de 1974, o MOBRAL recebeu o Posto Cultural C, na Sala do MOBRAL na Prefeitura Municipal de Campo Largo. Era uma minibiblioteca "com renomados escritores nacionais, que irão despertar nos alunos o gosto pela boa leitura (...)", num momento em que somente "52 municípios paranaenses possuem o MOBRAL Cultural" (FOLHA DE CAMPO LARGO, 6 jun. 1974, p. 2). Nessa data, o coordenador estadual era José Carlos Alpendre, o prefeito era Arlindo Chemin, e a supervisora da área de Campo Largo era Odila Portugal Castagnoli.

O MOBRAL recebeu também sala própria, em junho de 1975, na antiga Prefeitura Municipal, que passou a contar também com Posto Cultural, como mencionado acima, sendo previsto para o futuro o balcão de empregos. (DIVISÃO DO ENSINO, 1975, p. 3). Para Chemin (1975), "o Posto Cultural é um ponto de encontro para a comunidade. É uma espécie de clube onde os professores e alunos do MOBRAL devem se sentir à vontade".

Os jornais divulgaram diversas vezes notícias sobre a diplomação dos alunos. As notícias às vezes eram escritas pelo jornal. Muitas vezes eram escritas pela coordenadora municipal do MOBRAL, Eulália P. Chemin, ou pela Divisão de Ensino da Prefeitura Municipal. Chemin (1972), por exemplo, divulga que "compareceram para receber os seus Certificados mais de 200 alunos dos diversos Postos de Alfabetização instalados em nosso município". (CHEMIN, 1972, p. 1)

A Divisão de Ensino da Prefeitura Municipal, de 26 de agosto de 1973, enfatiza a ação da prefeitura e do presidente: "ocorreu a colação de grau de 65 integrantes, proveniente dos postos de Itaqui, Rondinha, Bom Jesus e da Prefeitura Municipal. "O Sr. Carlos J. Zanlorenzi, Prefeito Municipal, tem apoiado de modo decisivo tão meritória campanha, idealizada pelo nosso condutor, o grande Presidente Médici".

---

[6] Tinha como objetivos, impedir a regressão do analfabetismo, agir como fator de mobilização, incentivar o espírito associativo e comunitário e divulgar a filosofia do MOBRAL, em atividades culturais e de lazer. (CORREA, 1974)

Notícias mais breves sobre entregas de certificados, formaturas e inícios de novas turmas tanto eram veiculadas pelo jornal Folha de Campo Largo quanto pelo O Liberal:

a) a comunidade era chamada a aconselhar os analfabetos a se inscreverem num dos postos do MOBRAL (O LIBERAL, 30 set. 1973, p. 1);
b) os dirigentes das Indústrias e Comércio em geral eram convocados a encaminhar os analfabetos ao posto mais próximo do MOBRAL (CHEMIM, 1975);
c) a entrega de certificados aos alunos do MOBRAL foi realizada e divulgada em diversos momentos. (O LIBERAL, 29 jul. 1973);
d) quase 100 alunos da Educação Integrada dos postos localizados nos arredores de Campo Largo (Bom Jesus, Sede, Itaqui, Pedreira e Ouro-Fino Grande) também receberam seus certificados.

Receberam certificados também:

a) do posto Cercado, 17 alunos (FOLHA DE CAMPO LARGO, 18 ago. 1974);
b) do posto Horto-Florestal 22 alunos, e do posto Javacên 111 (FOLHA DE CAMPO LARGO, 1.^{0} set. 1974);
c) em Rio Bonito, 13 alunos (FOLHA DE CAMPO LARGO, 10 ago. 1975) e 16 alunos no Posto Palmital (FOLHA DE CAMPO LARGO, 20 jan. 1974);
d) “Apesar da chuva incessante que caia, o MOBRAL foi até o posto de Salgadinho entregar os diplomas de alfabetização, a 17 alunos que fizeram jus aos certificados”. (FOLHA DE CAMPO LARGO 17 ago. 1975, p. 2)

E como era divulgado o resultado da alfabetização pelos jornais? As notícias veiculadas, especialmente pelo jornal **Folha de Campo Largo**, sobre resultados do MOBRAL tecem sempre muitos elogios, à semelhança deste: “Após cinco anos de produtivo trabalho que o MOBRAL vem desenvolvendo em nosso município, notamos gradativa diminuição do índice de analfabetos”. (FOLHA DE CAMPO LARGO, 18 abr. 1976)

Em 26 de setembro de 1976 (p. 1), o jornal **Folha de Campo Largo** divulgou a mobilização de analfabetos por rádio e contato pessoal com os professores após abertura de novos postos de alfabetização.

Nova comissão se organizou em outubro de 1977 em substituição àquela que era liderada por Eulália P. Chemin. (O LIBERAL, 30 out. 1977)

2.4 A Educação de jovens e adultos na Escola Estadual Macedo Soares

Na tentativa de se escrever sobre a Educação de Jovens e Adultos na Escola Macedo Soares em Campo Largo diversas dificuldades foram encontradas, especialmente quanto à localização de fontes que permitem conhecer a história da Escola e da Educação de Jovens e Adultos nessa instituição. Os tipos de fontes encontrados foram alguns Livros Atas, algumas páginas fotocopiadas e os jornais **A Folha de Campo Largo** e **O Liberal.**

A Escola Macedo Soares, primeiro estabelecimento educacional de Campo Largo, foi fundado em 1911 no prédio em que atualmente se encontra o Museu Municipal.

Figura 1: Escola Estadual Macedo Soares na década de 1930 do século passado.

No início de suas atividades, contava com aproximadamente 50 alunos dispostos em duas turmas. João Batista Valões ministrava aulas para os meninos; Almedina Augusta de Almeida ministrava aulas para as meninas. Os dois professores deixaram seu exemplo a todos os professores e à comunidade. Por ocasião da comemoração do cinqüentenário do colégio, o discurso dirigido pela poetisa Odila Portugal Castagnoli (1961, p. 8) exaltou seus nomes: “a lembrança imorredoura das suas vidas dedicadas, com devotamento e proveito à nobre causa do saber, e concedendo a muitas e muitas gerações a essência sublimada das suas missões perfeitas e nobilitantes”.

O colégio passou à categoria de Grupo Escolar em 1920. O primeiro professor tornou-se também o primeiro diretor, até 1930, sendo substituído pela professora Madalena Portela, quando já existiam seis turmas.

Os grupos escolares foram criados em 1893 no Estado de São Paulo como proposta de reunir escolas isoladas de acordo com suas proximidades. Segundo o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR, 2008), os grupos escolares constituíram um novo modelo de organização escolar na fase inicial da República, modelo em uso no final do século XIX em vários países da Europa e nos Estados Unidos com a finalidade de implantar a educação popular.

De acordo com Saviani (2004), os Grupos Escolares, fenômenos tipicamente urbanos, servira principalmente à formação das elites. Eram inicialmente conhecidos como escolas graduadas por adotarem o sistema de turmas seriadas.

A base da escola graduada era a classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos que se supunha homogêneos para a organização das classes de aula. Souza (2004, p. 114) refere:

> Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada série, um professor.

Quatro anos era a duração do ensino primário, envolvendo um programa de educação integral, educação física, moral e intelectual. Utilizava-se o método intuitivo, que dispunha de diversos materiais didáticos, laboratórios e museus, entre outros. Requeria-se disciplina rígida dos alunos e adotavam-se práticas ritualizadas, como exames finais, datas cívicas e festas de encerramento do ano letivo. Aos poucos, a implantação de grupos escolares ocorreu em diversas partes do Brasil.

Em 1940, diante do aumento de procura por parte de novos alunos, foi necessário construir um novo prédio, que passou a ter seis salas de aula, dependências administrativas e sanitários. O prédio precisou ser ampliado na década de 1970. Em 1973 passou a atender turmas de 5.ª a 8.ª séries, no antigo curso ginasial. O curso de 2.^{0} grau noturno só começou em 1991; o ensino médio diurno passou a funcionar em 1996. Esses dados foram coletados na escola a partir de folhas de xerox – que tratavam rapidamente do histórico da instituição e de agendas antigas que se encontravam na biblioteca.

Figura 2: Escola Estadual Macedo Soares – quadra de esportes (2008).

A fachada da Escola (Figura 2) é a original (construção de 1940), isto é, depois que a escola deixou o local onde primeiramente foi constituída. Na verdade, essa imagem é de uma ampliação do início dos anos 1970, sem que se saiba da data com exatidão.

Figura 3: Escola Estadual Macedo Soares – área interna (2008).

Odila Portugal Castagnoli, diretora na Escola Macedo Soares de 1952 a 1964 coordenou o "transcurso do Cinqüentenário do Grupo Escola Macedo Soares "Jubileu de Ouro" como atesta o livro de Atas (1911-1961) (p. 8), [7] festejado em 30 de novembro de 1961. Ex-professores e ex-alunos foram convocados para a festa a se realizar no dia 30, às 20 horas no cine Pedro II e dia 8 às 18 horas missa Campal em Ação de Graças no pórtico do grupo Macedo Soares.

Algumas formas pelas quais a Escola Macedo Soares conduzia sua educação desde o início estão registrados em documentos como as Portarias 1 e 11 do seu Regimento Interno,[8] que proibia a aplicação de castigos físicos. E por meio da Portaria n.^{0} 2[9], a diretora Odila Portugal Castagnoli solicitava aos professores que observassem os parágrafos que se referem ao artigo 6 do Regimento Interno dos Grupos Escolares. Entre eles: "Empregar todos os esforços possíveis para educar física, moral e intelectualmente os alunos da classe que reger [...] Tratar os alunos com carinho, desvelo e polidez". (Livro Ata iniciado em 1946, ano 1957, p. 71 e verso)

O Colégio Estadual Macedo Soares – Ensino Fundamental e Médio adotou esse nome do seu patrono Dr. Joaquim de Macedo Soares, o primeiro Juiz de Direito da Comarca de Campo Largo. Ele "nasceu aos 14 de janeiro de 1830, na fazenda do Bananal, distrito de Ponta Negra, município de Maricá, então Província do Rio de Janeiro". (SOARES[10], 2000, p. 9)

Apesar de ter estudado no seminário episcopal no Rio de Janeiro, não se tornou sacerdote. Após dar continuidade aos estudos na Faculdade de Direito de São Paulo, formou-se em ciências sociais e jurídicas em 1861. No decorrer de seus estudos na Academia de Direito de São Paulo, tornou-se redator do Correio Paulistano e escreveu artigos de crítica literária, que eram reproduzidos por jornais de outras cidades. Seu primeiro estudo de Direito Constitucional *Da liberdade religiosa no Brasil* defendia a liberdade de todos os cultos no império. A segunda edição de sua publicação teve grande repercussão e "provocou amplos debates no parlamento e na sociedade brasileira" (SOARES, 2000, p. 14)

O especial motivo dos debates produzidos pela publicação estava especialmente no seguinte trecho do livro, conforme Soares citado por Soares (2000, p. 16):

> [...] O artigo 5.^{0} da Constituição pátria deve ser riscado da Magna Carta; e em seu lugar há de o legislador burilar, em letras mais perenes que o bronze esta imensa verdade: *É LIVRE NO IMPÉRIO O EXERCÍCIO PÚBLICO DE QUALQUER RELIGIÃO*. Verdade política, verdade social, verdade econômica, verdade imperecível, vitória de uma grande idéia, triunfo incruento do espírito moderno.

---

[7] Livro Ata que está em poder da biblioteca da Escola Macedo Soares.
[8] Livro Ata iniciado em 1946.
[9] Livro Ata iniciado em 1946.
[10] Obra escrita pelo bisneto, o Sr. José Celso de Macedo Soares.

Segundo Soares (2000), Macedo Soares trabalhou na abolição da escravatura. Era genro de um dos chefes do partido conservador na província do Rio de Janeiro. Seu sogro tinha como cunhados os Viscondes de Itaboraí e do Uruguai, senhores de grandes propriedades agrícolas com aproximadamente 3000 escravos. Ele defendia gratuitamente os escravos que desejavam sua alforria ou tinham outras pretensões justas. Foi o primeiro magistrado a executar a lei de 7 de setembro de 1831, de Diogo Feijó, que afirmava que os escravos importados estavam, depois da lei, libertos.

Em 21 de junho de 1874 foi nomeado juiz de direito de São José do Campo Largo, então província do Paraná, comarca que ele instalou. Ali criou várias associações literárias, como o Clube Literário Campolarguense. Atuou também como chefe de polícia no governo de Frederico Abranches. Em 4 de dezembro de 1876 passou a atuar na província Mar de Espanha em Minas Gerais onde fundou um clube literário e uma grande biblioteca. Em 1881 foi transferido para a comarca de Cabo Frio na Província do Rio de Janeiro. Em 14 de março foi transferido para a 2.ª Vara Comercial da Corte e a partir de 1887 passou a acumular o exercício juntamente com o de juiz de Feitos da Fazenda. (SOARES, 2000)

Em 1890, ao ser nomeado Juiz da Corte de Apelação da capital, contribuiu com Rui Barbosa e o Barão de Sobral na elaboração de leis do governo provisório. É de sua autoria o decreto n.^{0} 25 de 30 de novembro de 1889, que versa sobre o tratamento forense. Em colaboração com Carlos de Carvalho, fez o decreto n.^{0} 917, sobre falências. No ano de 1891 substituiu o Marechal Deodoro da Fonseca na função de Grão Mestre, grande comendador da Ordem Maçônica no Brasil. Em 1892 foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal. Faleceu em 14 de agosto de 1905.

Escreveu a obra **Dicionário Brasileiro em língua portuguesa** (1870) e uma série de outras publicações nas áreas de filosofia, geografia, história e direito. Realizou diversos estudos botânicos e prestou assistência a meninas carentes no Instituto que é hoje conhecido como Instituto Macedo Soares, mantido pelos maçons. (SOARES, 2000)

2.5 O Programa de educação de jovens e adultos do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares

Desde 1953 encontra-se registrado nas Atas citadas a seguir que os educadores de Campo Largo se preocupavam com a educação de adultos. E que a Escola Macedo Soares era um dos locais de realização das reuniões e encontros.

Na Ata de instalação solene da Primeira Semana Educacional realizada na cidade de Campo Largo nos meses de maio e junho de 1953, como atesta o Relatório do 3.^{0} dia da Semana Educacional realizada numa das salas do Grupo Escolar Macedo Soares em Campo Largo, a professora Emília Dantas, ao tratar da educação rural enfatizou:

> A escola rural perfeitamente articulada com as realidades do meio ambiente pode, ainda mais que a urbana, tornar-se para a comunidade um centro de interesse, cooperação e progresso. Servirá assim de estímulo à organização (...) da educação dos adultos, por meio de um programa de instrução ajustado ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. [11]

A partir da instalação das Escolas Supletivas em 1949, a escola Macedo Soares passou a atender a Educação de Jovens e Adultos, e mais tarde, as turmas do Mobral. Na escola, era uma das diversas turmas que funcionavam na cidade, pois havia outras nos arredores de Campo Largo. A maioria das ações do MOBRAL na cidade foi liderada por Eulália Pereira Chemin, que será uma das entrevistadas do terceiro capítulo.

[11] LIVRO ATA, 28 maio 1953, p. 9 e verso (Ata iniciada em 1953).

3 OS LIVROS DIDÁTICOS DO MOBRAL NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES

Os livros didáticos utilizados na Escola Estadual Macedo Soares, na cidade de Campo Largo, Paraná, foram encontrados com a professora **Rosely Guerchewski**, a qual trabalhou durante vários anos com o ensino de jovens e adultos. Ela já está aposentada do quadro do magistério estadual. A professora trabalhou nessa escola durante o período de 1970 a 1982. O contato com a professora se deu por um professor que trabalha com a Educação de Jovens e Adultos no município de Campo Largo, o Sr. Alberto Bianco. A professora prontamente cedeu seus materiais, apesar de que em semanas anteriores ao contato quase entregou os livros aos catadores de papel. Isso conduz a uma discussão importante na área de história. Muitos pesquisadores têm dificuldades em encontrar materiais porque não há uma preocupação comum com a memória. A propósito Lovisolo (1989, p. 16) lembra:

> [...] É certo que a memória desvalorizada é a que resulta da vida de cada um, da capacidade de se lembrar, de fazer presente, de trazer à tona conteúdos. Contudo, o lembrar, o recordar (...) nem sempre foi desvalorizado na modernidade. Assim como a memória coletiva estaria estreitamente ligada à identidade do mesmo gênero, a memória individual se situaria como vetor constitutivo da identidade do eu. Entretanto, em ambos os casos, as operações de esquecimento seriam elementos produtivos da retórica da memória. Malhada ou desejada, carga ou ausência, a memória aparece como um tema recorrente na história do Ocidente.

O autor destaca que os processos de desvalorização da memória individual existem ao mesmo tempo em que se desvaloriza a memória coletiva e que tal desvalorização, possivelmente, destaque a existência de uma relação deteriorada da memória com os processos de mudanças.

Um outro aspecto relaciona-se ao que fazer com os livros velhos. Ainda não parece suficiente o esclarecimento do que fazer com eles ou como conservá-los. Basta ver na Internet[1] a grande quantidade de perguntas que chegam a propósito à Biblioteca Nacional, relacionadas aos cuidados de conservação, de armazenamento e de conservação de livros. Segundo Cobra, na falta de saber como restaurar é melhor procurar um bom técnico “com experiência em restauração de livros e documentos se o material a restaurar é importante e valioso”. (2001, p. 1)

[1] Especialmente no site: <http://www.cobra.pages.nom.br/rest-pmf.html>

As coleções, entendidas aqui como "lugares de memória"[2] da Escola Macedo Soares, foram entregues pela professora Rosely em sacos plásticos de lixo e estavam em regular estado de conservação. Imediatamente, tentei reorganizar o material. Alguns exemplares não puderam ser identificados e posteriormente analisados dentro desse trabalho, pois faltavam as páginas iniciais e finais com os dados das coleções, indícios do uso do material por diversos anos[3]. Outros apesar do avançado processo de deterioração foram recuperados com uma leve limpeza. Infelizmente, a professora Rosely não quis dar informações sobre o seu trabalho com o Mobral na época. Apesar da insistência em manter um futuro diálogo sobre suas atividades, ela respondeu que não, pois gostaria de "apagar o magistério de sua vida". Outros professores que foram consultados alegam que não guardaram nenhum material e/ou registros sobre o seu trabalho (livros, cadernos de anotações, registros de avaliação, planejamentos). Por incrível que pareça, nem fotografias, homenagens e lembranças dos alunos foram guardadas por essas pessoas.

3.1 Títulos encontrados

Alguns dos livros encontrados constituem o total das coleções à que pertencem enquanto outros são avulsos. Ambos os materiais, apesar de suas especificidades foram objetos de uso da escola e permitem compreender os caminhos percorridos pelo MOBRAL.

Os livros relacionados a seguir fazem parte de Programas criados pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a saber:

a) Plano de educação continuada para adolescentes e adultos;
b) Programa de Educação Integrada;[4]
c) Programa cultural;
d) Programa de profissionalização;
e) Programa de diversificação comunitária;
f) Programa de educação comunitária para a saúde;
g) Programa de esporte;
h) Programa de autodidatismo.

[2] A expressão "lugares da memora" é usada por autores, como Nora (1993). Essa categoria é por ele apresentada como resposta à necessidade de identificação sentida pelo indivíduo contemporâneo. (NORA, 1993)
[3] A professora não lembra com exatidão dessas informações.
[4] Os manuais utilizados na dissertação são do Programa de Educação Integrada, criado em 1971 com a finalidade de proporcionar aos alunos que já haviam passado pelo Programa de Alfabetização Funcional a continuação dos estudos.

Adotam-se como pressupostos metodológicos da análise da materialidade, aquilo que Roger Chartier (1996, p. 251) chama de diferentes formas de construir relações entre elementos referentes à colocação em texto e os procedimentos da colocação em livro:

> Os procedimentos de colocar em texto são construídos pelo conjunto dos procedimentos retóricos, dos comandos que são dados ao leitor, dos meios pelos quais o texto é construído, dos elementos que devem conduzir à convicção ou ao prazer. Existe, de outra parte, os procedimentos de colocar em livro, que podem apropriar-se diferentemente do mesmo texto. Eles variam historicamente e também em função de projetos editoriais que visam usos ou leituras diferentes. [...] Um remete para o lado da análise e da pragmática dos textos, da análise das formas retóricas, do estudo literário. O outro remete para um saber mais técnico, o da história do livro, da bibliografia material da história da tipografia.

Ao trabalhar os dados dos manuais no *Relatório livros do Mobral* (2007)[5] (ver anexo 1), colocam-se duas dimensões: dados que envolvem autores, títulos e subtítulos, número do volume, número de páginas de cada volume, editora, ano de publicação e formato, que se associam ao que Chartier (1996) denomina procedimentos de colocar **em livro**. Procedimentos esses que não envolvem apenas o autor, mas todo um conjunto de estratégias editoriais. Sendo assim, por meio dos dados gerais é possível posicionar o livro no contexto editorial, observar o grau de responsabilidade da intervenção do Estado na circulação do livro e registrar informações relativas a capas, mensagens ou recados para o estudante, bem como a metodologia adotada, que possibilita observar o grau de prestígio de um livro, seus divulgadores e seu ideário.

Também, por meio dos dados específicos, referentes a inúmeros aspectos, como conteúdos, utilização de ilustrações (fotos, desenhos, gráficos, figuras), atividades de exercícios e informação sobre se há ou não manual do professor, descrevem-se informações sobre diretrizes, objetivos do programa ou coleção, objetivos específicos, proposta metodológica e de avaliação, ou seja, o que Chartier (1996) denomina de procedimentos de colocar **em texto**. Os dados específicos permitem analisar o conteúdo, que se distribui em configurações textuais e imagéticas, intencionalmente colocadas e que denotam sua proposta didática.

No conjunto, busca-se realizar uma análise de conteúdo dos manuais e de suas ilustrações, uma vez que os livros analisados no presente trabalho são livros coerentes com os objetivos do propósito do surgimento do MOBRAL: preparar para o desenvolvimento, "criar condições para que o homem brasileiro aumente sua produtividade e conseqüentemente sua renda, também influenciada pela maior mobilidade ocupacional"

[5] Como pode ser verificado no anexo 1, o relatório é resultado de um levantamento dos principais itens respectivos a 15 volumes. Contém: Título e subtítulo, autores, volume, número de páginas por volume, editora, local/ano de publicação, formato. No mais extenso é previsto um fichamento de conteúdo. Nos demais, as observações foram colocadas diretamente no corpo do texto. O material foi produzido pelo autor deste trabalho.

(MENDONÇA, 1985, p. 52). Nesse contexto, o desenvolvimento é uma ideologia que o associa a um processo de industrialização, de elevação de renda por habitante e da taxa de crescimento (SANDRONI, 1999), tendo como base a participação do Estado que visa o aumento da economia e do consumo.

Destaca-se o aspecto social dos livros utilizados pelo MOBRAL, pois constituem um meio de aproximação do alfabetizando, de suas famílias e de suas comunidades, ou seja, possibilita uma forma de relações sociais, embora não fosse a desejada democracia necessária à sociedade brasileira.

Segundo Beisiegel (1982, p. 236),

> [...] uma das grandes tarefas do Ministério da Educação era fazer a campanha nacional de alfabetização e a meta era alfabetizar um milhão de pessoas em um ano. A entrada de milhares de eleitores do interior e alfabetizados pelo método de Paulo Freire era tida como um dado que poderia alterar toda a correlação de forças entre os partidos [...]. A sensação era de um país em movimento. Sua luta de classes e sua luta política davam a sensação de que algo era possível fazer, que um processo revolucionário estava em curso. Estou convencido de que até 1963 um processo revolucionário era possível no Brasil. Possivelmente não o socialismo. Mas uma democracia avançada era possível. E um desenvolvimento econômico mais nacionalista.

Um outro aspecto a observar é a dimensão comunitária concedida pelos militares ao MOBRAL, também focado como um Movimento Comunitário, ao lado do Banco Nacional de Habitação (BNH) e dos Centros Rurais Universitários de Treinamento de Ação Comunitária (CRUTACs). A população que tinha menos acesso aos meios econômico-culturais poderia alimentar a esperança de que seus problemas estariam se resolvendo, mas os bens de moradia, de transporte e da luz elétrica não eram para todos, como continua acontecendo atualmente. Desse modo, quando os manuais apontam o diálogo com pessoas da comunidade, a partir de temas tratados pelos livros, que envolvem práticas políticas, sociais e discursivas, que classificam e excluem, também possibilita que o mesmo diálogo seja viabilizado pela comunidade para intensificar a resistência à imposição e a comunidade, como diz Chartier (2002, p. 165-166), torna visível a multiplicidade de apropriações das representações.

Os livros constituem também memórias coletivas, ao se perpetuarem na memória dos estudantes, cujas recordações do ensino, conforme se relatará nos próximos capítulos, também são resultados de uma transmissão cultural. (CATTEEUW; DEPAEPE; SIMON, MIMEO - palestra proferida na FEUSP em setembro de 1999)

3.1.1 O programa de educação integrada

O Programa de Educação Integrada, criado em 1971, tinha como objetivo possibilitar aos alunos iniciados no Programa de Alfabetização Funcional a continuidade dos estudos. Sofreu reformulações em 1977, quando o foco passou a ser o acompanhamento por parte dos municípios que tivessem muitas classes. Segundo Costa Brasil (2006) tinha como objetivo geral fazer com que o alfabetizando tivesse autoconfiança e utilizasse o conhecimento que obtinha no cotidiano. Os objetivos específicos tinham como meta o ensino básico alcançado nas primeiras séries do ensino básico, ou seja:

> (...) proporcionar conhecimentos básicos relativos aos conteúdos das diferentes áreas, correspondente ao núcleo comum das quatro primeiras séries do ensino do primeiro grau, observando as características de funcionalidade e aceleração e, fornecer informações para o trabalho, visando o desempenho em ocupações que requeiram conhecimentos [no âmbito] das quatro primeiras séries do primeiro grau, proporcionando condições de maior produtividade, aos já integrados na força de trabalho, e permitindo o acesso a níveis ocupacionais da maior complexidade. (CORRÊA, 1979, p. 178)

Além de propor atividades relacionadas às quatro primeiras séries do primeiro grau, propõe a formação de mão-de-obra e a colocação do alfabetizando adulto no mercado de trabalho.

Figura 4: Capa da primeira edição do livro *Para início de conversa* (n.º 3).

O livro *Para início de conversa*, de autoria de Nelson Rosamilha, Samuel Pfromm Netto e Cláudio Zaki Dib, é o terceiro da coleção, com 128 páginas; foi publicado por MEC/MOBRAL e Editora Primor, no Rio de Janeiro, em 1978, com formato 21x27 cm. A partir de 1948 os "documentos brasileiros" foram padronizados no formato 21,5 x 13,5 cm para quase todos os tipos de livros na José Olympio, que se destacava entre as concorrentes na época pelo cuidado editorial (HALLEWELL, 1985, p. 378). Quanto ao formato 21 x 27 cm, não encontrei ainda referência quanto a se os outros materiais da época também o utilizavam. Das 128 páginas, 113 se intercalam em páginas pares de texto e fotos coloridas, e as páginas ímpares, de atividades.

A “alegria de transmitir novos conhecimentos às pessoas com quem convive” quer se fazer sentida pelo estudante adulto após a aprendizagem nas aulas do MOBRAL por meio da leitura, conforme é explicitado na apresentação do livro.

Entre as fotos são utilizadas imagens publicitárias, como a do Banco Real (p. 75), na qual aparece o nome; as das máquinas na Transamazônica, com a legenda “Máquinas ajudam a construir rodovias, para desenvolver o país” (p. 104), entre outras. Segundo Fausto (2003, p. 487), no governo Médici, “a palavra ‘ecologia’ mal entrara nos dicionários e a poluição industrial e dos automóveis parecia uma bênção. [...] O projeto da Rodovia Transamazônica representou um bom exemplo desse espírito”. No próximo capítulo voltaremos a este tema.

Os textos apresentam temas diversos sobre a comunicação, em forma de poesias de autores brasileiros, a exemplo de Casimiro de Abreu. Abordam a arte sacra, como destaca ser a escultura do Aleijadinho; distinguem outros temas, como a comunicação pelo rádio, o futebol, a vida dos índios brasileiros e sua influência nos costumes dos não-índios; as lendas, como a do negrinho do pastoreio; as festas do povo, como a noite de São João. Esses aspectos são importantes tanto para a constituição da memória nacional quanto pela possibilidade de serem associados com a presença do Estado, que se mostra pródigo em proporcionar o seu reviver, despertando a emoção dos indivíduos e também seu reconhecimento.

Essa ação do Estado lembra a exegese que faz Baudrillard (2000) da lógica do Papai Noel. As crianças não mais acreditam que os presentes são trazidos por ele na noite de Natal. No entanto, explica Baudrillard (2000, p. 293), a crença no Papai Noel permite que na segunda infância se realize

> [...] a relação miraculosa de gratificação pelos pais [..] que caracteriza as relações da primeira infância. [...] A ficção não é artificial, pois se funda no interesse recíproco que as duas partes mantêm na manutenção da relação. A criança crê no Papai Noel porque ele não tem importância. O que ela consome por meio dessa imagem, dessa ficção, desse álibi – e em que acreditará mesmo quando deixar de crer – é o jogo da solicitude miraculosa dos pais e os cuidados que estes assumem em ser cúmplices da fábula. Os presentes apenas sancionam tal compromisso

Os autores desse livro colocam o Estado como distribuidor de presentes, ação que não é artificial porque tanto o Estado quanto as famílias dos alfabetizandos, especialmente eles próprios têm interesse em manter a relação recíproca. As pessoas acreditam na solicitude “miraculosa” do Estado não só porque o estado a promete em sua publicidade, mas porque é conveniente que elas acreditem. O MOBRAL é como um presente que sanciona o compromisso do governo com o povo. Ocorre, portanto, uma prática apropriativa conforme Chartier (1999) de produção de sentido, uma vez que os leitores têm

possibilidades limitadas por acordos que orientam suas práticas como leitores e pelas formas discursivas e materiais, referentes à leitura dos textos.

Chama-se a atenção ao que refere Paiva (1981), que é de o regime militar estabelecer com clareza **sua linha de ação nacional** no que diz respeito à educação popular, em cujo contexto o Mobral precisa ser observado como programa de impacto, como é a transamazônica do governo Médici, ou como é o Projeto Rondon, implantado pelo governo federal em 1966.

Nesse âmbito, o livro *Para início de conversa*, ao tratar, por exemplo, do problema da habitação, apresenta também o Banco Nacional da Habitação (BNH) (p. 28) nestes termos: "O governo criou o BNH para facilitar a compra ou construção da casa própria, financiando empréstimos de longo prazo. Você sabe como obter essa ajuda do BNH?"[6]

Ao abordar entre outros temas o crescimento das cidades e a falta de esgoto e de água encanada, a importância do esporte para a saúde, a divisão do trabalho, as máquinas, a indústria brasileira e a seca do Nordeste, o livro apresenta a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) [7], as riquezas do subsolo, as rodovias e a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM)[8], além das datas importantes para o país e os símbolos brasileiros. Assim, os manuais exercem o papel de intermediadores entre o Estado e seus órgãos e os trabalhadores. Mostrar a falta que muitas pessoas têm de moradia, transporte, educação, saúde, acaba se tornando uma estratégia de publicidade. É comum que uma agência de publicidade anuncie um problema para em seguida apontar a solução pelo produto que quer vender. É isso que o governo faz, refere-se a problemas de moradia, habitação, etc. e aponta as soluções vindas das políticas desenvolvimentistas.

---

[6] O Banco Nacional de Habitação, criado em 1964, não operava diretamente com o público. Tinha como papel agilizar as operações de crédito e gerir o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), mediante bancos privados e/ou públicos e de agentes promotores, como as companhias habitacionais e as companhias de água e esgoto. Outras informações podem ser lidas em AZEVEDO, S. A política habitacional para as classes de baixa renda. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1975.

[7] A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) foi criada em 1959, no decorrer do governo de Juscelino Kubitschek. Tinha o objetivo de "impulsionar o desenvolvimento mediante o planejamento e a coordenação das atividades dos órgãos federais na região". (SANDRONI, 1999, p. 582).

[8] A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia foi criada em 1966 no modelo da SUDENE. Seu objetivo era "promover a execução, coordenar e controlar a ação federal na região sob sua jurisdição". (SANDRONI, 1999, p. 582).

Os autores do livro *Bom de aprender... fácil de usar*, também publicado por MEC/MOBRAL e Editora Primor, são Nelson Rosamilha, Samuel Pfromm Netto e Cláudio Zaki Dib. É o quarto livro da coleção, publicado no Rio de Janeiro, em 1978, com formato 21x27 cm.

Figura 5: Capa da primeira edição do livro *Bom de aprender... fácil de usar* (n.^{0} 4).

O livro utiliza a mesma seqüência do livro *Vivendo e aprendendo - Matemática* (1980), a saber: conhecer e trabalhar com números, calcular com frações decimais, usar medidas e conhecer a geometria e suas aplicações. Na mensagem inicial, convoca o aluno para a realização dos exercícios, pois é intenção dos manuais que os conhecimentos que o estudante recebe o ajudam a resolver problemas do cotidiano. Não utiliza o mesmo número de ilustrações que usará em 1980, mas ilustra os temas desenvolvidos com gráficos em preto-e-branco e colocando em cor rosa os títulos das unidades, dispositivos facilitadores da leitura (CHARTIER, 1990). Começa com pequeno texto ilustrado com desenhos, e em seguida passa para as atividades quase todas ilustradas.

O livro *Você precisa saber* é o oitavo livro da coleção; tem como autoria e publicação o MEC/MOBRAL, no Rio de Janeiro, em 1978, em formato 21x27cm, com 204 páginas[9].

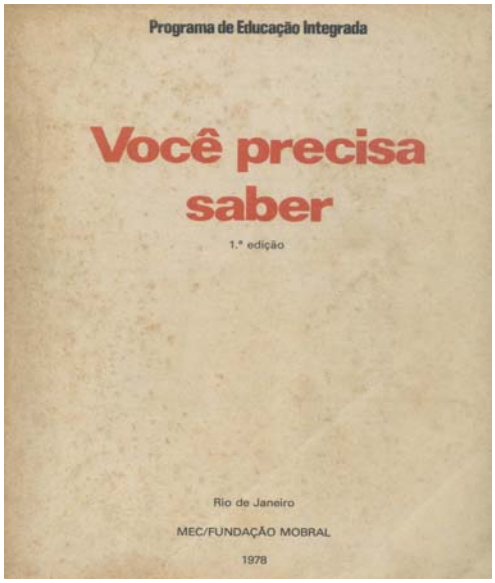

Figura 6: Capa da primeira edição do livro *Você precisa saber* (n.º 8).

Trata-se de um livro voltado à preservação da memória oficial da nação por meio do conhecimento da terra, da luz, da água, do ar e da riqueza do solo, bem como da existência dos seres vivos. Recebem maior destaque itens, como a localização do Brasil, seu desenvolvimento, sua organização em regiões, sua história, a formação do povo brasileiro, o Brasil Colonial, a vinda da família real, o Império, a República e os presidentes. Como pressupõem leitores pouco ágeis, as ilustrações são abundantes, 145 páginas com fotos e 37 com desenhos. As fotos fazem publicidade do desenvolvimento do país, mostrando letreiros do Ministério da Agricultura (p. 110), da riqueza do petróleo (p. 124), usina hidrelétricas (p. 125), as construções de Brasília (p. 131-132), a construção de Itaipu (p. 150), o Banco do Brasil e a casa da moeda (p. 181), entre diversas outras. Das atividades, 49 são pequenas perguntas e sete são mais longas. Abordam o cotidiano dos estudantes e o tema de estudo, além de ensinarem a realização de experiências, em três páginas, e solicitar a pesquisa dos alunos, em duas páginas.

[9] O livro encontrado não está completo, faltam páginas, indício de seu uso por diversos anos.

O livro *Como o homem faz o mundo* é o 10.^{0} da coleção e conta com 80 páginas; foi editado por MEC/MOBRAL e pela Editora Primor, no Rio de Janeiro, em 1979. Seus autores são Nelson Rosamilha, Samuel Pfromm Netto e Cláudio Zaki Dib. Nos manuais não consta como eles participaram do projeto do Estado.

Figura 7: Capa da primeira edição do livro *Como o homem faz o mundo* (n.^{0} 10).

Explica de início que seu objetivo é apresentar as ocupações existentes no campo e na cidade para que o aluno usufrua dos benefícios da profissionalização, uma vez que "cada forma de trabalho é importante para o bem comum", como diz o livro na mensagem inicial (p. 4). Os temas constantes do livro, portanto, referem-se ao trabalho de cada um e, se necessário, ao balcão do emprego do MOBRAL, ao trabalho no campo, mais especificamente nas atividades envolvendo madeira, pesca, indústria, a construção civil, o comércio, a prestação de serviços gerais e as oportunidades de cursos.

Os temas são apresentados por histórias em quadrinhos, por vezes nas páginas pares e ímpares, por vezes somente nas pares, a partir das quais surgem as 34 páginas ilustradas que se alternam com 34 páginas de atividades. Estas se dividem em partes individuais, com perguntas abertas relacionadas à história em quadrinhos e à realidade do cotidiano do aluno, e, de uma a três, para discutir em grupo sobre alguma ligação do tema com a realidade deles.

Tal como se entende aqui, a realidade dos alunos não é conhecida pelas comissões do MOBRAL que elaboram os livros didáticos. Embora pareça existir essa preocupação, o intuito é de lhes impor uma realidade. Por quê? O MOBRAL cresceu muito na década de 1970 e não trabalhava de maneira descentralizada, o que desfavorece o conhecimento das diferentes realidades regionais. Machado (1999) lembra que nesse período o Ministério da Educação procurava a descentralização do Ensino Fundamental, mas o MOBRAL agia de modo centralizador, em âmbito nacional, sem relação com uma coordenação direta do Ministério. Assim sendo, os livros tomavam por referência outros autores, como Paulo

Freire, que desenvolveu um método de alfabetização com base na concepção de educação como situação de conhecimento em que educadores e educandos tomam consciência de sua historicidade e de seu compromisso histórico de transformar a humanidade, mas o MOBRAL não desenvolvia o contato com a realidade dos alunos, como fazia Freire e seus seguidores.

Também, como lembra Paiva (1990, p. 11), quando se refere à política do período, acreditava-se que o campo oferecia “grandes riscos políticos”, porque ali poderiam se formar núcleos populares. A campanha de alfabetização era utilizada para exercer o domínio ou lutas de representações em todos os municípios brasileiros e perceber mobilizações ainda existentes oriundas dos movimentos guerrilheiros. Além disso, faz sentido o constante empenho de apresentar o governo e a força militar como aqueles que sabem o que é melhor para o país e exercem a força nacional.

3.1.2 Roteiro de Matemática

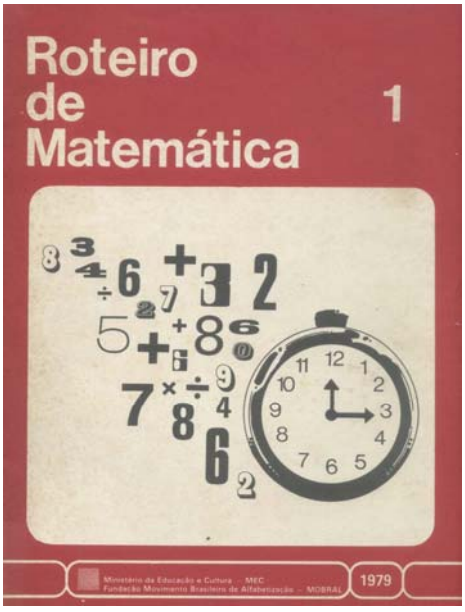

Figura 8: Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 1.*

O *Roteiro de Matemática* n.^{0} 1, com 64 páginas, tem como autores o MOBRAL, a Gerência Pedagógica (GEPED)[10] e o Centro de Treinamento, Pesquisa e Documentação (CETEP)[11]. A responsabilidade da publicação é do MEC/ MOBRAL, no Rio de Janeiro, em 1979, em formato 20x27 cm.

[10] A Gerência Pedagógica era uma das gerências do MOBRAL, fazendo parte de uma estrutura que possibilitava o empreguismo. (EUGENIO, 2004)

[11] O Centro de Treinamento, Pesquisa e Documentação (CETEP) era responsável pelos treinamentos dos professores que se responsabilizariam pelo MOBRAL nos municípios, bem como pela distribuição dos materiais.

Figura 9: Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 2.*

O *Roteiro de Matemática* n.^{0} 2, com 85 páginas, é de autoria de Assessoria de Avaliação de Publicações (ASVAP), Gerência Pedagógica (GEPED) e Centro de Treinamento, Pesquisa e Documentação (CETEP). A responsabilidade da publicação é do MEC/MOBRAL, realizada no Rio de Janeiro, em 1979, em formato 20x27 cm.

O *Roteiro de Matemática* n.^{0} 1 apresenta os assuntos: lendo e escrevendo números, comparando números, operando com números e medindo o tempo. No recado inicial, convida-se o aluno a ler o roteiro com atenção, a fazer os exercícios e a conferir as respostas.

Para cada tema, o livro parte de uma retrospectiva histórica e em seguida, eventualmente, relata um conto do cotidiano. Após explicação do assunto em questão, encaminha o aluno ao Roteiro de Exercícios de Matemática, um outro livro, que deve ser buscado no Posto do Mobral. O texto utiliza, em seus exemplos, animais, especialmente patos, frutas, calendários, relógios, jogos de cadeiras. Os desenhos, apresentados em 23 páginas, são todos em preto-e-branco (o que barateia a produção e distribuição dos livros). No final do livro, orienta-se o aluno a apanhar, no Posto, o Roteiro 2[12]. Antes de terminar, são reservadas três páginas para avaliação ou para conhecer melhor o aluno, com perguntas sobre nome, município, estado, ocupação, se teve dificuldades de realizar o que se solicitava no roteiro e o que gostaria de saber mais. As últimas seis páginas são reservadas para anotações do aluno. Os manuais têm valor central no universo escolar e nos planos dos governantes. (GATTI JÚNIOR, 2008)[13]

[12] O Posto ficava numa sala no prédio da Prefeitura Municipal de Campo Largo, que atendia como o faz uma secretaria.

[13] GATTI JÚNIOR, Décio. Dos antigos manuais escolares aos modernos livros didáticos de história: um percurso de massificação do ensino escolar brasileiro (1960-1990). Disponível em: < http://200.198.106.117/phl5/html/43.htm> Acesso em: 11 mar. 2008.

No *Roteiro de Matemática* n.^{0} 2, os assuntos apresentados partem de situações-problema do cotidiano para frações, números decimais, múltiplos e divisores e o trabalho com dinheiro. Retoma exercícios do número anterior e busca solucionar o problema apresentado. Da mesma forma que indicado no livro acima, no recado inicial convida-se o aluno a ler o roteiro com atenção, a fazer os exercícios e a conferir as respostas. No final de cada unidade, encaminha-se o aluno ao Roteiro de Exercícios de Matemática que deve ser buscado no Posto do MOBRAL.

Entre os temas constantes do texto estão algumas representações sobre o cotidiano dos alunos, como gastos dos preparativos para o casamento, quantidade de peças numa fábrica de roupas, os prejuízos causados pela seca no sítio e os gastos na feira. Os desenhos, apresentados em 19 páginas, são todos em preto-e-branco, bem como as fotos de cédulas de dinheiro, apresentadas em quatro páginas, as quais estimulam a guardar o dinheiro no banco. Em quase todas as páginas constam pequenos gráficos para ilustrar os temas. No final, o livro orienta o aluno a apanhar no Posto o Roteiro 3.[14] E reserva três páginas para conhecer o aluno ou para avaliação com perguntas sobre nome, município, estado, ocupação, se teve dificuldades de realizar o que se solicitava no roteiro e o que gostaria de saber mais, como no número anterior.

Figura 10: Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 3.*

Os autores do *Roteiro de Matemática* n.^{0} 3, com 94 páginas, são Vera Borges Leão, Vilma Pereira Galvão e Carmem Perrotta. Foi publicado pelo MEC/ MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1979, em formato 21x27 cm.

Os assuntos referem-se a medidas de comprimento, de capacidade, de velocidade e trabalho com números grandes. Nos dois números anteriores, no recado inicial convida-se o

[14] Os roteiros faziam parte do material do Mobral, que ficavam à disposição do estudante adulto em uma sala na Prefeitura Municipal de Campo Largo.

aluno a ler o roteiro com atenção, a fazer os exercícios do Roteiro e a conferir as respostas. No presente número, coloca-se como início do desenvolvimento assuntos do cotidiano, como a necessidade da costureira tirar medidas, as máquinas de pesar e o tamanho das primeiras estradas de ferro; eventualmente relata-se uma curiosidade e no final de cada unidade remete-se o aluno a realizar os exercícios do roteiro.

As páginas de texto são intercaladas com 41 páginas de desenhos em preto-e-branco. No final, o aluno é convidado a preencher uma ficha de avaliação[15] sobre o que achou dos temas tratados, das dificuldades e o que deseja manifestar, como nos volumes anteriores. O livro finaliza com quatro páginas para as anotações dos alunos. A linguagem coloquial dos livros é utilizada como estratégia discursiva.

Os autores de *Roteiro de Matemática* n.^{0} 4, com 88 páginas, são Vera Borges Lúcia Leão e Carmem Perrotta. Foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1979, em formato 21x27 cm. Em sua primeira parte, o livro apresenta as primeiras noções de geometria, o perímetro de figuras geométricas, a área de figuras geométricas, os sólidos geométricos e o volume de sólidos geométricos. Na segunda parte, os assuntos abordados referem-se à multiplicação e divisão por dois algarismos, por números decimais, a frações e a porcentagens.

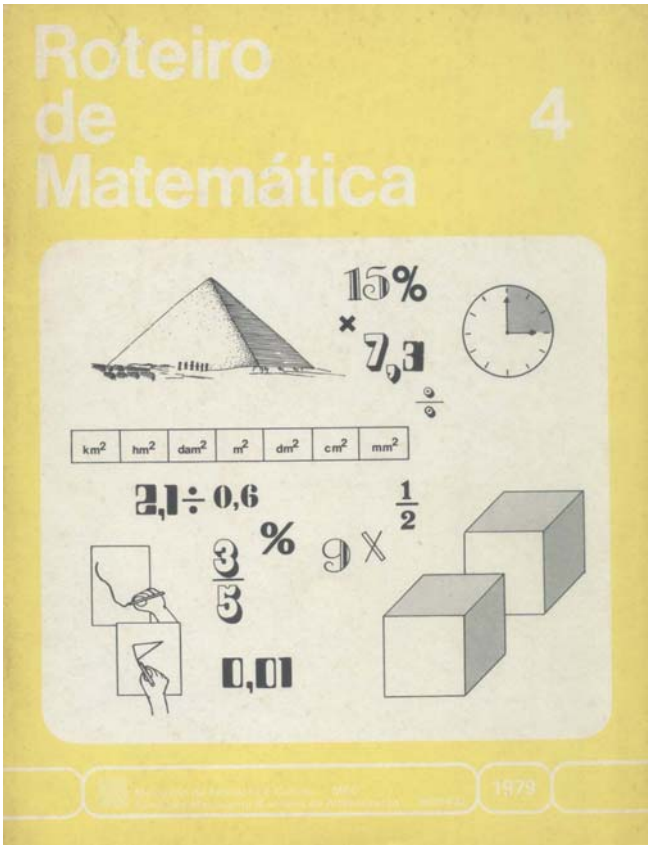

Figura 11: Capa da primeira edição do livro *Roteiro de Matemática 4.*

[15] Essa ficha de avaliação conduz a pensar que os livros queriam fazer com que o aluno acreditasse que o MOBRAL estava preocupado em saber a sua opinião, mas o que os "avaliadores" queriam era saber mais da vida dos alunos e de sua comunidade, inclusive, nomes de pessoas que exerciam atividades x ou y, tendo em vista conhecer melhor em cada local aqueles que com quem poderiam contar não somente em relação a uma possível reeleição, como referem Cunha e Góes (1999), mas também quantos seriam aqueles com quem poderiam contar em profissões que auxiliassem ao aceleramento da industrialização no país, tema que retornará no próximo capítulo.

Nas 50 primeiras páginas, relativas à primeira parte, 30 são páginas ilustradas com desenhos em preto-e-branco. A partir da página 51, que dá início à segunda parte, até a página 74, apresentam-se sete páginas com desenhos. Como os anteriores, o presente volume parte de algo que julga conhecido do aluno para desenvolver a idéia. No caso de frações, por exemplo, a divisão de terras de um fazendeiro com seus filhos (p. 62); no caso de multiplicação e divisão, o encaixotamento da colheita de maçãs do Sr. Antônio (p. 54); no aspecto de perímetro de figuras geométricas, o exemplo é o lavrador que vai fazer uma cerca (p. 25).

No final, o livro incentiva o aluno a se dirigir ao Posto Cultural do MOBRAL e a conversar com o Encarregado da Área Cultural (ECULT) para prosseguir seus estudos, mostrando, assim, os esforços para manter o aluno no sistema, como forma de controle do Estado. Apresenta respostas a dois exercícios contidos no interior do livro, às páginas 17 e 28, e solicita que o aluno analise um desenho de uma barra com quadradinhos, que os recorte e os utilize para calcular a área dos cômodos da casa, conforme a página 28. Nas páginas 79 e 81 solicita-se que o aluno recorte os desenhos de um quadriculado. Em seguida apresenta-se uma ficha de avaliação, para que o aluno preencha. Também, oferece duas páginas de anotações para o aluno.

3.1.3 Vivendo e Aprendendo

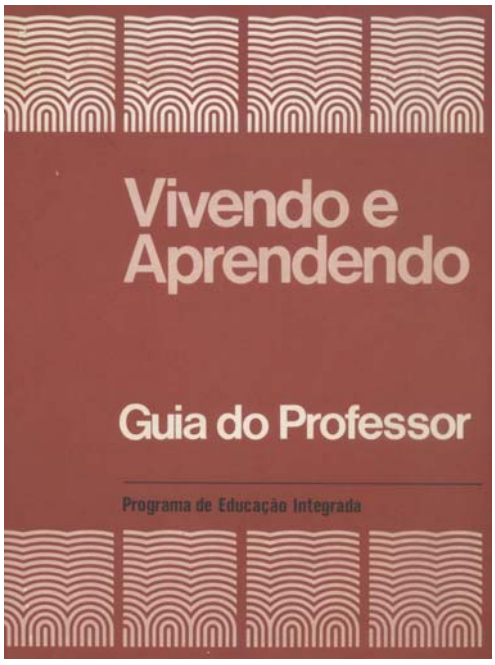

Figura 12*:* Capa da primeira edição do livro *Vivendo e Aprendendo – Guia do Professor.*

Vivendo e Aprendendo, Guia do Professor, é de autoria de Almir Nina Soares, Guterres, Ione Salomão Rahy, Magdalena d'el Valle Gomide, Maria Cristina Baeta Neves, Nilda Bethlem (Coord.). Conta com 112 páginas, editado e publicado pelo MEC/MOBRAL, no Rio de Janeiro, em 1980, em formato 21x28 cm.

Outra estratégia discursiva de sedução é a mensagem inicial; o livro estimula o professor a ajudar os alunos adultos a “ampliar suas experiências” e destaca que o “desenvolvimento do Programa de Educação Integrada se faz com você”. Na verdade, isso não acontece porque os objetivos do MOBRAL são feitos anteriormente e não existe o esforço de conhecer o universo vocabular dos alunos, mas de impor em negrito as palavras que eles deveriam aprender, referentes às profissões nas quais deveriam se encaixar. As ilustrações em preto-e-branco estão presentes em 31 fotos, cinco figuras, 10 desenhos, 30 quadros referentes a conteúdos, atividades e objetivos, sendo sete páginas reservadas para as anotações dos alunos. A idéia de “lutas de representações” (CHARTIER, 1991) é útil para compreender o confronto que se opera entre a imposição do universo vocabular, empregado para inculcar nos estudantes adultos a aceitação dos termos próprios utilizados no âmbito do desenvolvimento industrial, e o mundo dos alunos com seu próprio vocabulário. Como refere Chartier (1991, p. 5), eles “não se confrontam nunca com textos abstratos ideais, separados de toda materialidade: manejam objetos cujas organizações comandam sua leitura”.

Dividido em duas partes, a primeira agrupa cinco unidades: o programa de educação integrada ou curso supletivo faz uma apresentação geral dos objetivos, do programa, da metodologia utilizada e diz que “alunos e professor formam um grupo, são adultos que vão estudar e aprender juntos. O professor é o coordenador do grupo”. (p. 11), transparecendo, portanto, algumas inspirações em Paulo Freire. A segunda unidade indica como deve ser o desenvolvimento do programa de educação integrada, em itens, como: cartazes, textos geradores, técnicas de exploração de textos geradores, articulação das áreas de estudo, planejamento e os livros. A terceira unidade relata o desenvolvimento do estudo de um tema a partir do cartaz e de textos geradores. A quarta e a quinta unidades focam a avaliação no programa e as técnicas de trabalho. A segunda parte do livro reúne exemplos para que o professor não tenha dúvidas de como deve agir a partir de temas geradores, como saúde, habitação, diversão e turismo, comunicação, esporte, produção, higiene e saúde, educação e alimentação.

Torna-se importante lembrar que o MOBRAL desenvolveu algumas técnicas pedagógicas e a forma do material didático no âmbito das concepções de Paulo Freire. No entanto, como lembra Corrêa (1979), há grande diferença entre ambos. Enquanto o Método Paulo Freire trabalha as palavras do cotidiano dos alunos, o MOBRAL define as palavras por meio de seus tecnocratas tendo como ponto de partida o estudo das necessidades básicas dos indivíduos.

Vivendo e Aprendendo, Educação para o Trabalho, n.^{0} 11, com 80 páginas, tem como autores Almir Nina Soares, Ione Salomão, Magdalena d'el Valle Gomide, Maria Cristina Baeta Neves e Nilda Bethlem (Coord.). Foi editado e publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1980, em formato 21x28 cm.

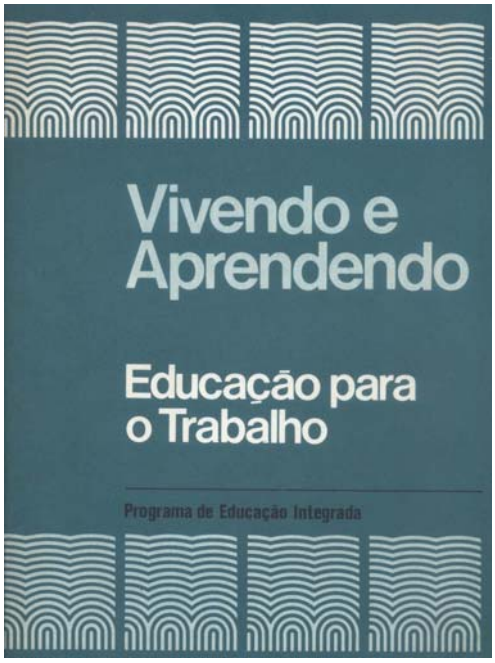

Figura 13: Capa da primeira edição do livro Vivendo e Aprendendo - *Educação para o Trabalho* (n.^{0} 11).

Em *Vivendo e aprendendo, Educação para o trabalho n.^{0} 11,* a mensagem inicial destaca que a aprendizagem abrange o conhecimento das diferentes profissões, os direitos e deveres de cada um e "a necessidade de aprendizagem e do aperfeiçoamento profissionais como meio de promoção pessoal e de desenvolvimento da comunidade".

Das 80 páginas do livro, 33 são de histórias em quadrinhos, cujos principais temas são a descoberta das profissões, no campo e na cidade, o aproveitamento da floresta para a confecção de móveis, a pesca, a criação de gado, a indústria do campo, a confecção de tecidos, o transporte, o trabalho em supermercados e em hospitais, o cuidado com os acidentes de trabalho e as compras a prazo. Na maior parte das páginas, os papéis em destaque cabem aos agrônomos, os agricultores aparecem como aqueles que sabem menos ou não sabem, pois em quase todo o texto estão em situação de dependência de profissionais mais capacitados. As atividades que constam em 35 páginas são de perguntas abertas, as quais solicitam o levantamento do que existe na comunidade, e em algumas, direcionam a discussão dos temas tratados com os colegas. Nove páginas são de glossário.

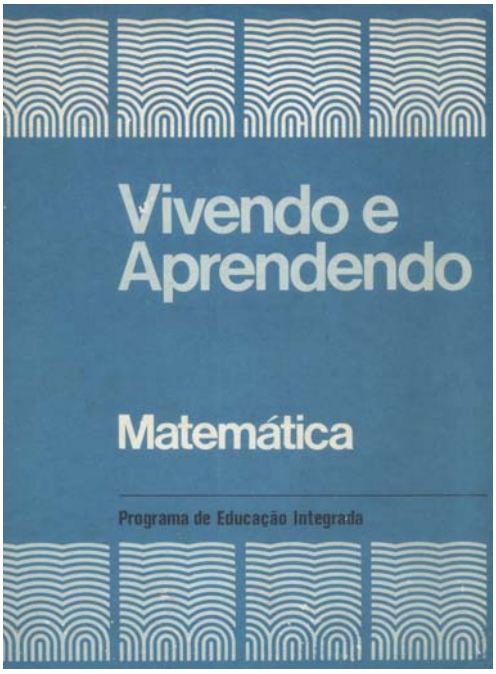

Figura 14: Capa da primeira edição do livro Vivendo e Aprendendo - *Matemática*

Os autores de *Vivendo e Aprendendo, Matemática* são Almir Nina Soares, Ione Salomão; Magdalena d'el Valle Gomide, Maria Cristina Baeta Neves e Nilda Bethlem (Coord.). Sua edição, com 112 páginas, e publicação foi efetuada pelo MEC /MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1980, em formato 21x28 cm.

O objetivo do livro é oferecer recursos aos alunos para que melhorem sua capacidade de fazer cálculos, tendo em vista a facilitação da vida nas questões do dia-a-dia. Esses procedimentos são usados para facilitar a leitura. O procedimento adotado é partir de um exercício com desenhos ou de uma pequena história sobre um determinado tema que envolva conhecimento de números e desenvolver noções de conjunto, de leitura de números, de trabalho com números e, em seguida, uma série de atividades. Desse modo, as 112 páginas do livro apresentam, em conjunto ou separadamente, 47 desenhos e 96 exercícios. Os exemplos mais utilizados referem-se a cidades mais populosas do Brasil, livros de receitas, feiras, caminhões, criação de galinhas, picos brasileiros, coleções de figuras, compras nos supermercados, entre outros.

A utilização de palavras geradoras, método utilizado por Paulo Freire "expurgado pela mesma ditadura que implantou o MOBRAL" (BELLO, 1993, p. 13) não seguia os mesmos procedimentos de Freire:

> Mas na pedagogia de Paulo Freire há uma equipe de profissionais e elementos da comunidade que se vai alfabetizar, para preparação do material, obedecendo os seguintes passos:
>
> a) levantar o pensamento-linguagem a partir da realidade concreta;
> b) elaborar codificações específicas para cada comunidade, a fim de perceber aquela realidade e,
> c) dessa realidade destacam-se e escolhem-se as palavras geradoras.
>
> Todo material trabalhado é síntese das visões de mundo educadores/educando. No MOBRAL não se executa essa primeira etapa.

> As codificações elaboradas são para todo o Brasil, tanto quanto as palavras geradoras. Trata-se fundamentalmente de ensinar a ler, escrever, contar e não a busca da síntese das visões de realidade elite/povo. (BELLO, 1993, p. 8)

Nos procedimentos do MOBRAL, em contrapartida, é a equipe central que projeta um modo de ver o mundo para as diferentes regiões do país.

3.1.4 Roteiro de atividades

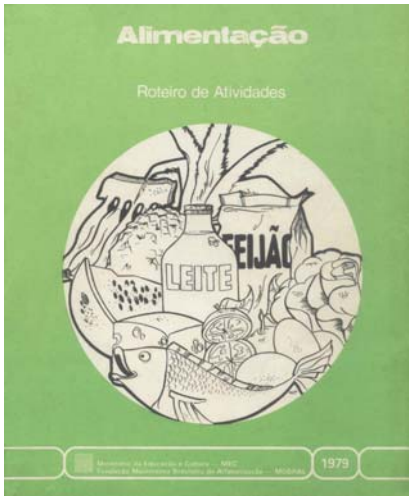

Figura 15: Capa da primeira edição do livro *Alimentação.*

Figura 16: Capa da primeira edição do livro *É tempo de plantar... é tempo de criar animais.*

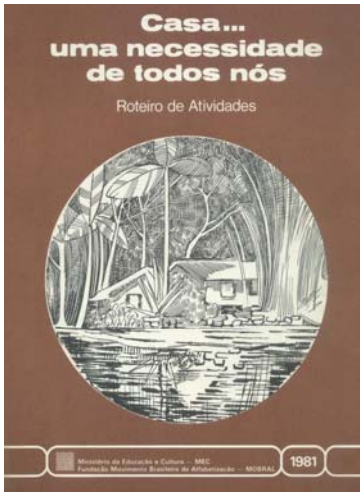

Figura 17: Capa da primeira edição do livro *Casa... uma necessidade de todos nós.*

O livro *Roteiro de Atividades – Alimentação*, de autoria do MOBRAL e da Gerência Pedagógica (GEPED), foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1979, com 80 páginas e formato 21x27 cm. Das 80 páginas, 44 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco e 10 apresentam exercícios.

O livro *Roteiro de Atividades – É tempo de plantar... é tempo de criar animais,* tem autoria de Sergio Pinheiro Guerra; foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 88 páginas e formato 21x27 cm.

O livro *Roteiro de Atividades – Casa... uma necessidade de todos nós,* de autoria de Sandra Regina Ferreira Paes, foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 52 páginas e formato 21x27 cm.

O livro *Roteiro de Atividades – Alimentação* apresenta informações sobre os alimentos, especialmente voltadas para necessidades específicas da mulher, do homem e das crianças. Destacam-se dentre os itens básicos: Por que precisamos comer? O que

existe nos alimentos? Comer bem não é comer muito! A alimentação da gestante e do bebê. Como escolher, conservar e preparar os alimentos. A produção dos próprios alimentos. As pessoas que trabalham para nossa alimentação. Nas páginas finais, o livro apresenta um glossário relativo à mesma temática.

O texto não aborda o tema da fome, mas da abundância de alimentos. A capa apresenta alimentos que todos gostariam que estivessem em sua mesa, pois não faltam feijão, verduras, frutas, leite e carne, com incentivo ao consumo de peixe. A fartura apresentada em livros didáticos nesse período da história brasileira não é um retrato do que vive a maior parte da população, possivelmente representada pelos alfabetizandos, público-alvo dos livros do MOBRAL. Nosella (1981, p.163) também afirma que ela "não traduz 'fielmente' a realidade da grande maioria das famílias brasileiras (...)".

Dá-se visibilidade apenas ao progresso. Os alunos são incentivados a criar animais, a plantar hortaliças e a pescar. Será que as pessoas que participavam do Mobral em Campo Largo-PR tinham acesso a todos os alimentos e a terrenos em tamanho suficiente para desenvolver a criação de animais? A resposta está nas lutas de representação conforme Chartier (2002, p. 45), que objetivam ordenar a estrutura social. O MOBRAL oferece aos alunos a imagem de grandes terrenos como mediação, assim faz com que os objetos ausentes ou que os estudantes não têm figurem em sua memória. As imagens produzem signos. Lembram Fischman e Cruder (2003, p. 47) que "as câmeras produzem imagens, que não são apenas registros de uma determinada coisa, mas também signos que pertencem ao campo da produção de significados (...) A fotografia é uma ação social e não apenas expressão de um (...) efeito técnico".

Entende-se que as imagens dos manuais do MOBRAL de forma alguma são ilustrativas; têm como meta produzir significados diferentes daqueles que pertencem ao mundo dos alunos. Lembra-se, assim, do comentário de Prost *apud* Clevel (1990, p. 209): "Nós constatamos todos os dias (...) que os alunos sabem de coisas que não lhes foram ensinadas (...)" e que se ensinam coisas, complementa-se aqui, que não faz parte do seu aprender.

No livro *Roteiro de Atividades – É tempo de plantar... é tempo de criar animais,* a capa mostra um homem capinando sua lavoura, em médio plano, pois a enxada está em primeiro e o bovino em terceiro planos. O que o homem planta e o que ele cria é o que ele come e o que ele pode vender.

O contraste entre cidade e campo incorpora a idéia de progresso veiculada desde os anos 30. Destaca-se a importância do campo, onde crescem os vegetais, vivem os animais, que dão ao homem carne, leite, ovos, couro e lã. O livro faz um comparativo entre cidade e campo; a cidade é apresentada como possibilidade de realizações nas áreas de indústria e comércio, "as casas são juntas umas das outras, na cidade vive muita gente".

E no campo? “A paisagem do campo é diferente. No campo, as casas são mais separadas. As pessoas moram longe umas das outras”. As atividades do campo precisam de muito espaço. “São esses espaços que separam as casas” (p. 4 e 5). Versa sobre os cuidados com a terra, destaca a importância da mecanização da lavoura, da união de todos no trabalho, da criação de animais. “No campo, as pessoas são mais simples e têm uma vida muito tranqüila”. Ali “acontece uma coisa extraordinária: apesar das distâncias entre as casas, as pessoas se conhecem pelo nome e se respeitam”. “As pessoas da cidade, por exemplo, precisam do trabalho das pessoas do campo”. (p. 5). A impressão é de que a vida no campo não tem tantas atividades como na cidade, é tranqüila. Impõe-se a visão romântica de que todo mundo se conhece e se dá bem. E entra o juízo de valor de que as pessoas do campo são mais simples, e aqui “simples” é traduzido por “analfabetas”.

A visão ideológica do campo é salientada também por Nosella (1981, p. 97), que ressalta que o homem do campo “é feliz com sua idílica vida campestre em contato com a natureza, não apresentando nenhuma espécie de problemas concretos mais sérios”. A tranqüilidade da vida no campo esconde a realidade de luta de classes e deixa de mostrar a exploração existente na agricultura.

Das 80 páginas do livro, 52 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco, nove páginas têm exercícios, pouquíssimos são subjetivos.

O livro *Roteiro de Atividades – Casa... uma necessidade de todos nós,* trata do importante tema da moradia como necessidade de todos. Faz uma retrospectiva da habitação, indica como tornar uma casa agradável, como conseguir ter a casa própria, quais os materiais utilizados para construí-la, aponta as profissões relacionadas com a construção da casa e a diferença entre casa e lar, ou seja, casa é a construção, lar é a situação na qual “os filhos colaboram com os pais, alegrando a casa, estudando, ajudando nas tarefas, mais tarde dividindo a responsabilidade de sustentar a casa. Dessa forma, a casa passa a ser um lar. Um recanto onde vivem pessoas que se querem bem. Cada um com direitos e deveres, mas sempre pensando no bem de todos”. A capa apresenta uma casa bastante poética, em local ladeado por árvores, com lago ou açude, em sua frente, repleto de peixes. Uma casa em harmonia com a natureza. A visão da harmonia no lar é novamente uma imposição de representação.

Alerta Chartier (1995, p. 10):

> Frente a esses textos e a essas imagens, que põem em cena as leituras populares, é indispensável uma precaução. Quaisquer que sejam, essas representações nunca mantêm uma relação imediata e transparente com as práticas que permitem ver. Todas remetem às modalidades específicas da sua produção, e, portanto, às intenções e interesses que levaram à sua elaboração, aos gêneros onde se inscrevem e aos destinatários visados. Reconstruir as regras e os limites que comandam as práticas da representação letrada, ou popular, do popular é, por conseqüência, uma

> precondição necessária para decifrar corretamente o laço forte, porém sutil, que une essas representações e as práticas sociais que constituem seu objeto.

De acordo com o conceito de representações de Chartier (1991), verifica-se que o Governo utiliza estratégias simbólicas que formam a sua identidade. As identidades sociais se constituem, assim, como relações de forças entre as representações impostas pelo MOBRAL, que, no caso dos livros didáticos, têm o poder de valorizar sua maneira de ver, e as representações que os alunos dão a si mesmos. Os alfabetizandos circulam também pelos dois pólos que poderiam ser traduzidos como modos de fazer e modos de ver. Somente uma análise crítica a partir dos alunos consegue perceber a relação por vezes invisível das práticas e das representações.

Enfatiza-se também o BNH e a ajuda tida como benévola do prefeito. Das 52 páginas do livro, 26 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco e oito páginas contêm exercícios.

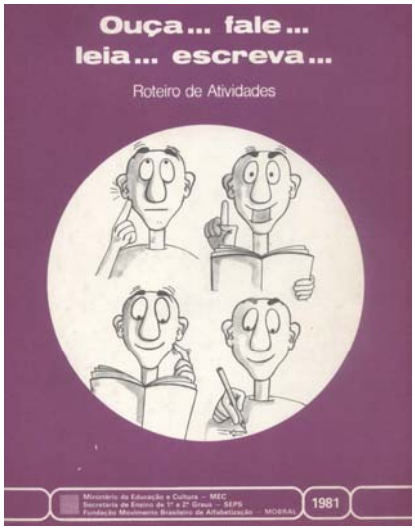

Figura 18: Capa da primeira edição do livro *Ouça... fale... leia... escreva...*

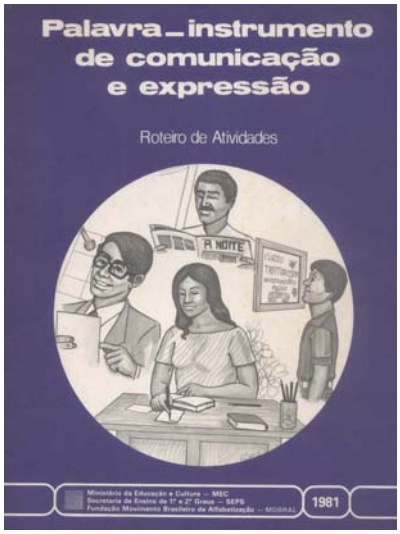

Figura 19: Capa da primeira edição do livro *Palavra – instrumento de comunicação e expressão.*

O livro *Roteiro de Atividades – Ouça... fale... leia... escreva...*, de autoria de Luiz Tosta Paranhos, contou com publicação do MEC/ MOBRAL e Secretaria de Ensino de 1.º e 2.º Graus (SEPS) no Rio de Janeiro, em 1981, com 70 páginas e formato 21x27 cm. Das 71 páginas, 22 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco e 17 páginas têm exercícios referentes aos temas desenvolvidos.

O livro *Roteiro de Atividades – Palavra – instrumento de comunicação e expressão*, de autoria de Luiz Tosta Paranhos, foi publicado pelo MEC/SEPS/ MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 56 páginas e formato 21x27 cm. Das 56 páginas do livro, 22 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco, 22 páginas têm exercícios relacionados aos textos.

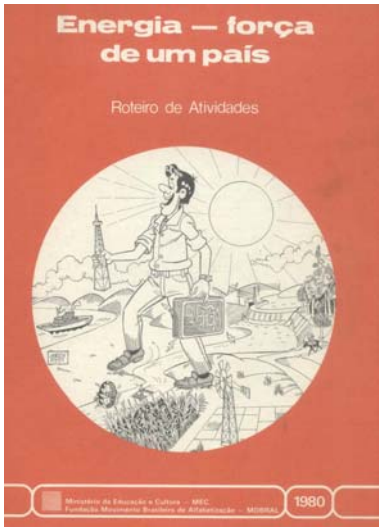

Figura 20: Capa da primeira edição do livro *Energia – força de um país.*

O livro *Roteiro de Atividades – Energia – força de um país*, de autoria de Ana Lúcia Kastrup Friedheim, Anna Beatriz de Moraes Sampaio, Sérgio Pinheiro Guerra, foi publicado pelo MEC/MOBRAL e pela Editora Vecchi no Rio de Janeiro, em 1980, com 56 páginas e formato 21x27 cm.

O livro *Roteiro de Atividades – Ouça... fale... leia... escreva...* aborda a comunicação, questionando, inicialmente, o que ela significa, o motivo pelo qual as pessoas se comunicam, a importância da transmissão de mensagens, os tipos de linguagem e seus símbolos, o significado das palavras e a importância de utilizar a escrita, por meio de bilhete e carta, bem como pelos meios de comunicação quando possível. Embora o desenho da capa mostre pessoas nas posições de ouvir, falar, ler e escrever, a fala não é estimulada para a reivindicação dos direitos próprios. A posição da segunda pessoa não é aquela que transmite seu ponto de vista como sujeito autônomo, mas que busca no livro do MOBRAL os sentidos de sua comunicação, ou seja, ele é estimulado a falar, preferencialmente sobre as lições apreendidas nos livros do MOBRAL, não sobre suas próprias idéias e reivindicações. Em outras palavras, a fala reivindicatória deve dar lugar ao conformismo “O que está feito foi bem feito e deve continuar assim”. (NOSELLA, 1981, p. 173)

O livro *Roteiro de Atividades – Palavra – instrumento de comunicação e expressão*, que se anuncia como roteiro de comunicação e expressão, aborda itens, como: sons das palavras e sua representação, entoação e pontuação, formação e significação das palavras, construção das frases, diversas formas de expressão, uso da língua escrita e o mundo da leitura.

Diversos exemplos são dados com enaltecimento do MOBRAL. Na construção das frases destaca-se a bondade do prefeito, que “distribuirá sementes de hortaliças aos agricultores”. Aparecem também exemplos relacionados a podas de árvores, costura, documentos e mensagens escritas, como a carta, finalizando com a lenda *A gruta dos amores*.

Das 52 páginas do livro *Roteiro de Atividades – Energia – força de um país*, 40 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco, seis apresentam exercícios, quase todos relacionados com os temas. Aborda a importância da energia elétrica no país e a necessidade de não desperdiçá-la, portanto, a existência de campanhas, em itens, como: o homem e as principais fontes de energia, destacando o petróleo como ouro brasileiro, o carvão, como energia das matas ou das minas, o gás como energia que não se vê e a água como solução brasileira.

Destaca a importância de economizar energia, uma tarefa de todos, no uso doméstico. Destaca elementos, como querosene, gás, eletricidade, e, nos transportes, o carvão. Aponta as pesquisas do governo com empresas particulares, cita a substituição da gasolina pelo álcool, a plantação de eucalipto em grandes áreas para fazer carvão, lenha, celulose, resina, cortiça, dormentes, etc. Questiono se os alunos do MOBRAL de Campo Largo, no Paraná, tinham luz elétrica em suas casas.

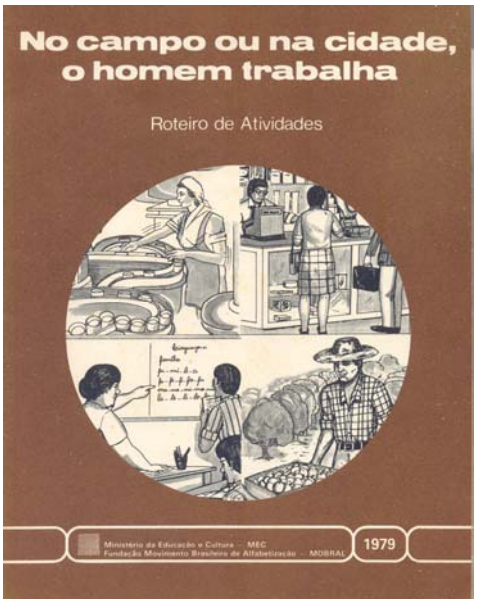

Figura 21: Capa da primeira edição do livro *No campo ou na cidade, o homem trabalha.*

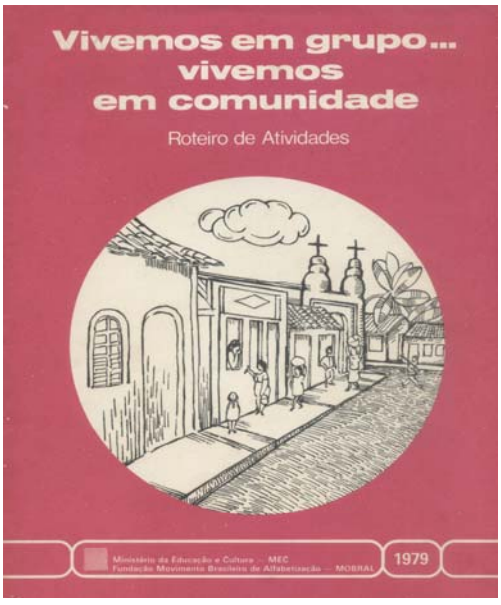

Figura 22: Capa da primeira edição do livro *Vivemos em grupo... vivemos em comunidade.*

O livro *Roteiro de Atividades – No campo ou na cidade, o homem trabalha*, de autoria da Gerência Pedagógica (GEPED), foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1979, com 80 páginas e formato 21x27 cm. Das 80 páginas do livro, 35 são ilustradas com desenhos ou gráficos em preto-e-branco e 16 páginas têm exercícios referentes aos temas estudados.

Roteiro de Atividades – Vivemos em grupo... vivemos em comunidade, de autoria do MOBRAL/Gerência Pedagógica (GEPED), foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1979, com 40 páginas e formato 21x27 cm. Das 40 páginas, 10 são ilustradas com desenhos em preto-e-branco, 12 páginas têm exercícios relacionados aos temas.

No livro *Roteiro de Atividades – No campo ou na cidade, o homem trabalha*, o trabalho aparece como meio de transformação do mundo e da obtenção de alimentos, roupas, moradia, entre outros. Enaltece-se a importância do trabalho, dos instrumentos que ajudam o homem em suas tarefas, das diferentes profissões, dos cursos profissionais, dos documentos necessários ao trabalhador, dos direitos e deveres de quem trabalha, da importância da divisão, cooperação e organização de outras pessoas para a realização do trabalho e da higiene e segurança no trabalho. Observe-se que na capa as profissões denotam trabalhos manuais, pois é sobre eles que recai o foco ao constituírem as bases da construção do desenvolvimento da pátria. Como diz Nosella (1981, p. 171), o capitalismo "impede que se realize uma análise crítica da injustiça e da absoluta irrealidade do [valor social econômico] de cada trabalho, que implica importantes diferenças socioeconômicas".

O livro afirma que todos devem trabalhar. Será que os alunos do Mobral tinham emprego? O trator é apontado como a máquina introduzida na agricultura. De que modo os alunos do Mobral tinham acesso ao trabalho? Como tratoristas, como peões? Esse tipo de questionamento é ocultado nos textos dos manuais examinados. O livro diz "na cidade existem grandes atividades", (p.14), a indústria, o comércio e os serviços. Afirma que as profissões diferentes dependem somente das habilidades das pessoas. Questiona-se aqui se: Isso ocorria com os alunos do Mobral? O SENAC é citado como apoio para aqueles que moram na cidade, o SENAI como apoio para aqueles que querem trabalhar na indústria. Já aqueles que estudam no MOBRAL têm o programa de profissionalização do MOBRAL, que oferece carteira de trabalho e balcão de emprego. As crianças de 12 a 18 anos são convidadas a trabalhar e a estudar, as mulheres são estimuladas a trabalhar fora de casa. A divisão do trabalho, visando maior produtividade, é estimulada. A organização, com sentido de ordem, no trabalho não tem em vista melhores salários, mas o maior rendimento do trabalho.

Fica evidente que a noção de trabalho que está em jogo é o da indústria, do comércio, dos serviços. De acordo com Woleck e Kanbben (2002), o termo ocupação, que significava anteriormente, atividades relacionadas à satisfação pessoal, desenvolvidas por iniciativa própria, passam a ser entendidas como emprego, negócio ou profissão, ou seja, foram circunscritas ao trabalho e ao emprego na sociedade atual. Emprego, segundo Ramos (1989, p. 101), "é um fenômeno da modernidade. (...) Antes que as fábricas transformassem o trabalho em rotina, as pessoas (...) não utilizavam um emprego para estruturar e conter suas atividades".

A publicação *Roteiro de Atividades – Vivemos em grupo... vivemos em comunidade*, a capa não mostra pessoas reunidas em grupo, embora incentive a organização em grupos comunitários, para resolver problemas e a realização de contato com a Igreja, com os Sindicatos, com os Clubes e as Cooperativas. A capa mostra a igreja, duas pessoas

conversando e outras andando pela calçada, que está em perfeitas condições. Transmite-se a idéia de pessoas que vão à Igreja, conversam rapidamente e seguem para o trabalho. Talvez porque a maior ênfase no corpo do texto é dada à organização do município feita pelo governo municipal.

Aborda também a vida em comunidade, o MOBRAL e o trabalho comunitário, o conhecimento de outras comunidades, a vida na cidade, sua história, conhecimentos sobre os municípios, a importância da organização, com sentido de ordem, nas famílias e no município, o governo do município, os poderes executivo, legislativo e judiciário, e a importância do voto. Nas páginas finais, o livro apresenta um glossário que explica palavras supostamente ainda não conhecidas, cuja chamada é assinalada em negrito no corpo do texto, palavras que obrigatoriamente o aluno precisa conhecer, uma vez que deverá buscar o mercado de trabalho. Também, incentiva-se a organização de grupos comunitários, para resolver problemas e a realização de contatos com a Igreja, Sindicatos, Clubes e Cooperativas. Dá-se ênfase à organização do município feita pelo governo municipal.

O livro *Roteiro de Atividades – Você, a poesia e o mundo* destaca-se a poesia como linguagem de comunicação e expressão, e o poeta como artista, pois trabalha com as palavras. Destaca vidas de autores e algo do que fizeram: a vida de Manuel Bandeira e a poesia *O menino doente*; a vida de Casimiro de Abreu e *O que é – simpatia*; a vida de Cecília Meireles e *O chão e o pão; a vida de* Cassiano Ricardo e *Metamorfose* e a história do Brasil; Gonçalves Dias e *Canção do exílio*. Incentiva-se a leitura de outros poetas, como Castro Alves, Álvares de Azevedo e Carlos Drummond de Andrade. São textos voltados ao engrandecimento ou à valorização do país.

Logo no início do livro encaminha-se o aluno ao Posto Cultural[16] para buscar livros de romances, poesias, etc. O livro conclui com perguntas abertas e outras com espaço em branco para que o aluno complete as frases. No final, são apresentadas três páginas de perguntas abertas sobre dados pessoais e avaliação do aluno.

[16] Posto de referência do MOBRAL que se encontrava na Prefeitura Municipal, na Secretaria de Educação.

Figura 23: Cartaz comemorativo dos cinco anos da Revolução de 1964, publicado no editorial da revista Veja, n. 30, de 2/04/1969, comentado por Cerri (2000, p. 62)

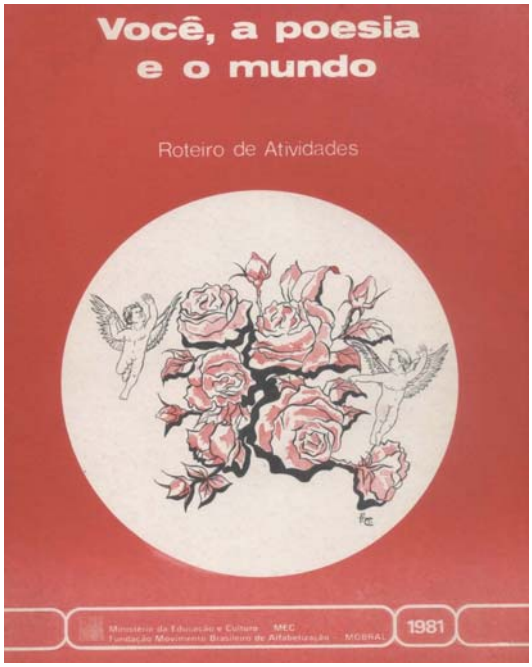

Figura 24: Capa da primeira edição do livro *Você, a poesia e o mundo.*

O livro *roteiro de atividades – você, a poesia e o mundo*, de autoria de Luiz Tosta Paranhos, foi publicado pelo Mec/Mobral no Rio de Janeiro, em 1981, com 64 páginas e formato 21x27 cm. das 64 páginas, 19 apresentam ilustrações em forma de desenhos em preto-e-branco.

Ao analisar o cartaz comemorativo dos cinco anos da Revolução de 1964, publicado no editorial da revista Veja, n. 30, de 2 de abril de 1969, no qual a rosa aparece no alto do cartaz em forma de botão e na parte inferior como flor desabrochada, Cerri (2000, p. 62), comenta que

> [...] a rosa é enfocada em apenas dois momentos de seu ciclo, o botão e a flor aberta, e aos demais momentos não se faz referência, ao contrário de uma rosa natural, essa rosa metafórica da nação não tem um começo, um fim e um recomeço, não obedece a um ciclo. Por ser uma rosa da história, e não da natureza, seu tempo é linear e irreversível, seu início é dificilmente identificável, e seu fim não é visível". (CERRI, 2000, p. 62)

Da mesma forma que refere Cerri (2000), o livro do MOBRAL, *Você, a poesia e o mundo,* apresenta botões e rosas já desabrochadas, mas acrescenta dois anjos para conduzir os artistas para a poesia e da poesia para o mundo, ou seja, a poesia é associada a flores que se associam ao espírito, preferencialmente distantes da realidade do cotidiano vivido pelos alunos.

Figura 25: Capa da primeira edição do livro *O fazer, o saber, o sentir de nossa gente.*

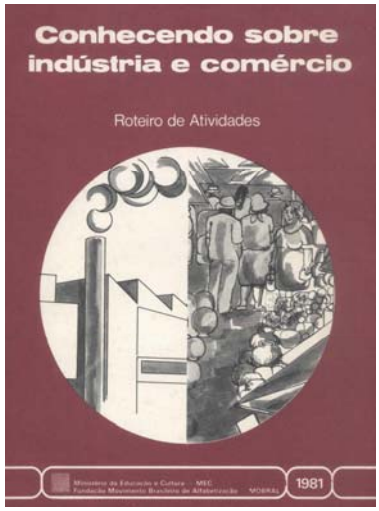

Figura 26: Capa da primeira edição do livro *Conhecendo sobre indústria e comércio.*

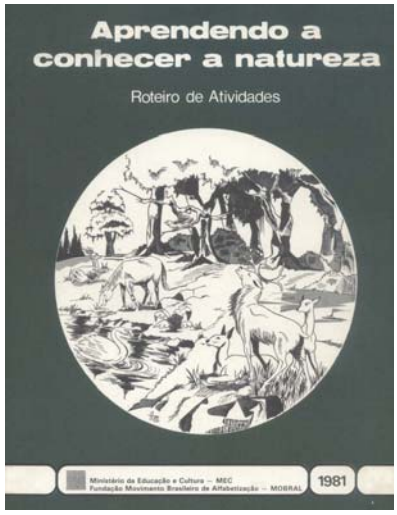

Figura 27: Capa da primeira edição do livro *Aprendendo a conhecer a natureza.*

O livro *Roteiro de Atividades – O fazer, o saber, o sentir de nossa gente*, de autoria de Carmen Perrota e Luiz Tosta Paranhos, publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 84 páginas e formato 21x27 cm. Das 84 páginas, 11 apresentam fotos, 30 apresentam desenhos, todos em preto-e-branco. Em 17 páginas as perguntas são abertas e em 12 solicitam-se relações e numerações da segunda coluna de acordo com a primeira.

O livro *Roteiro de Atividades – Conhecendo sobre indústria e comércio*, de autoria de Sérgio Pinheiro Guerra, foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, em formato 21x27 cm. Das 56 páginas do livro, 21 apresentam desenhos em preto-e-branco, nove apresentam perguntas abertas, quatro são de levantamento da realidade do aluno e três páginas são de glossário.

O livro O livro *Roteiro de Atividades – Aprendendo a conhecer a natureza*, de autoria de Anna Beatriz de Moraes Sampaio e Jane Paiva Ferreira, foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 72 páginas e formato 21x27 cm. Das 72 páginas, 41 apresentam desenhos em preto-e-branco, 10 apresentam atividades, seis com perguntas tipo levantamento da realidade do aluno, as demais com perguntas relacionadas aos temas tratados, três páginas são de glossário e duas de anotações.

O livro *Roteiro de Atividades – O fazer, o saber, o sentir de nossa gente* apresenta, inicialmente, um recado sobre o Centro Cultural (CECUT), que estimula atividades em diversos municípios do país convidando o aluno a ler. O tema do livro é a cultura, que envolve religião, educação, família, artes, diversões, alimentação e moradia. Trata também de lendas, mitos, músicas, danças e ritmos populares, jogos e brincadeiras, comidas típicas, receitas, pintura e literatura. O Posto cultural é lembrado freqüentemente.

A formação do povo brasileiro ainda é colocada sob a base de índios, brancos e negros, conforme Gilberto Freyre em *Casa grande & Senzala* (1933), e o manual do MOBRAL destaca as contribuições de cada povo e de seus costumes. A capa mostra o espírito comunicativo dos brasileiros, cujas características são salientadas pelos autores, como o espírito de paz, a emotividade, a cordialidade, a facilidade de adaptação, a improvisação, o imediatismo e o espírito comunitário. O MOBRAL é colocado como o incentivador da criação do espírito comunitário. No entanto, segundo Januzi (1983, p. 70), isso não acontece, pois na própria maneira de alfabetizar "a discussão conjunta é desnecessária para o MOBRAL, porque parte para a situação pedagógica com as metas definidas".

No livro *Roteiro de Atividades – Conhecendo sobre indústria e comércio*, a capa indica que enquanto de um lado a indústria, com suas chaminés, é sinônimo de desenvolvimento, de outro lado, trabalhadores fortes postam-se em compras e vendas, mas aparecem de costas. De frente, é mostrada uma trabalhadora gorda, com lenço na cabeça, balde em uma das mãos e algo não definido em outra mão. Vasos estão no chão à sua frente, sendo que os demais objetos de venda se assemelham a pedras amontoadas. Embora a capa queira demonstrar a indústria e o comércio, e, principalmente, a chaminé, como sinônimo de desenvolvimento, mostrava já naquele tempo a falta de cuidado ambiental. E os trabalhadores, da forma como estão postados e gordos, se parecem a pessoas aguardando algo novo que venha a acontecer em um lugar letárgico e sem vida.

O recado inicial do manual refere-se à venda de excedentes do sítio. Trata-se em seguida do comércio, como atividade antiga, e das trocas, que não buscam o lucro, e do surgimento dos comerciantes, além de questionar sobre a atividade dos bancos que emprestam dinheiro a "juros". O livro vai chamando a atenção, freqüentemente, para o Posto Cultural do MOBRAL, transparecendo novamente o papel da intermediação do Estado. Menciona o início do comércio no Brasil, citando como o primeiro produto o pau-brasil. A relação entre os não-índios e índios é colocada como algo sempre pacífico, leitura incentivada já nos anos 30 por Gilberto Freyre. (FREYRE, 1998)

Em seguida refere-se a itens, como: cana de açúcar, gado, ouro, café, ferro, petróleo e seus derivados, carvão e a necessidade do comércio, a indústria, que precisa de gente preparada, e outros, como a independência do Brasil. Distingue o Serviço Nacional de

Aprendizagem Industrial (SENAI), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), o Serviço Social da Indústria (SESI), as escolas técnicas e programas, como o Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra (PIPMO), a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e o MOBRAL. É enfatizada a ação do governo para o desenvolvimento, a possibilidade de empréstimo bancário, com alguns exemplos. Os exercícios procuram saber como é o meio onde o aluno vive, se ele tem melhorado na profissão e o convida a procurar a Comissão Municipal do MOBRAL do município.

No livro *Roteiro de Atividades – Aprendendo a conhecer a natureza,* o recado inicial refere-se à relação do homem com a natureza e destaca que nem sempre o homem agiu adequadamente em relação a ela de modo que animais e vegetais foram desaparecendo. Descreve, primeiramente, sobre as fases da vida dos diferentes seres vivos e sobre a dependência recíproca dos seres, bem como sobre a conservação dos vegetais, o conhecimento dos diferentes animais, as formas de se evitar doenças e como se prevenir do ataque dos animais. Repete-se diversas vezes no decorrer do texto a importância de procurar o Encarregado da Área Cultural (ECULT).

A capa deixa claro o esforço dos autores de colocar os animais em relações recíprocas. O veado, que está em primeiro plano, é desenhado de tal forma a indicar comunicação. As pessoas não são consideradas natureza. Ausentes da natureza, as pessoas a tratam como serva, não como parte de si. Segundo Camargo (2007, p. 277), “a crença fragmentada no meio ambiente e na sociedade alienou-nos da natureza e dos companheiros humanos, e, dessa maneira, nos diminuiu”.

Figura 28: Capa da primeira edição do livro *Conheça melhor o seu corpo.*

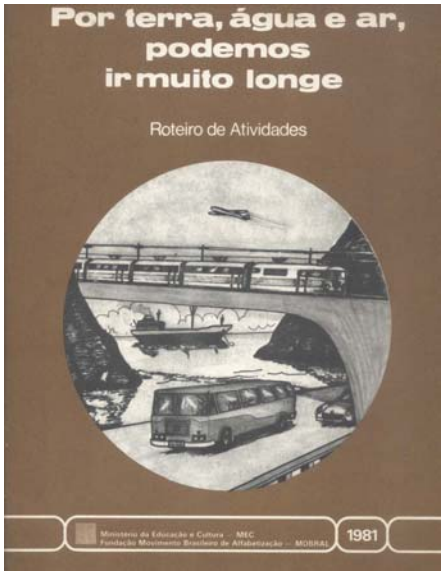

Figura 29: Capa da primeira edição do livro *Por terra, água e ar, podemos ir muito longe.*

O livro *Roteiro de Atividades – Conheça melhor o seu corpo*, de autoria de Carmen Perrota e Sandra Regina Ferreira Paes, teve publicação do MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 52 páginas e formato 21x27 cm. Das 52 páginas, uma apresenta foto, 20 apresentam desenhos, todos em preto-e-branco, sete apresentam perguntas e sete páginas, no final, apresentam perguntas de levantamento sobre o aluno, quatro páginas são dedicadas ao glossário.

O livro *Roteiro de Atividades – Por terra, água e ar, podemos ir muito longe*, de autoria da Gerência Pedagógica (GEPED), foi publicado pelo MEC/MOBRAL no Rio de Janeiro, em formato 21x27 cm. Das 52 páginas, 24 apresentam desenhos em preto-e-branco, 10 apresentam perguntas e duas apresentam um levantamento com perguntas sobre dados pessoais do aluno, duas páginas são de glossário.

Figura 30: Capa da primeira edição do livro *O mundo das palavras.*

O livro *Roteiro de Atividades – O mundo das palavras* de autoria de Carmen Perrota, foi publicado pelo MEC e pelo MOBRAL no Rio de Janeiro, em 1981, com 72 páginas e formato 21x27 cm. Das 72 páginas, 21 apresentam desenhos, três apresentam fotos, todos em preto-e-branco, três expõem perguntas abertas, 23 atividades que solicitam a complementação de frases, duas apresentam atividades de ligações de quadros ou de numeração de colunas, sete apresentam exercícios em relação a todo o livro e duas fazem perguntas e levantamentos da vida do aluno. Finalmente, quatro são reservadas para anotações dos alunos.

No livro *Roteiro de Atividades – Conheça melhor o seu corpo,* o conhecimento do corpo por dentro é o convite feito em seu recado inicial. Parte da descrição dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, segue com dados sobre a formação do corpo, o trabalho dos ossos e músculos e trata das posições adequadas ou não ao corpo e o que mantém sua

vida, além dos comandos do corpo, os sentidos, o que ocorre com os alimentos após a mastigação, como o corpo se defende das doenças, as vacinas e informações sobre em que alimentos encontrar determinadas vitaminas.

Na capa, a mulher faz tricô e olha para o marido que chega da pescaria com cinco peixes que mal cabem em sua mão. Em segundo plano, dois filhos realizam atividades diferentes. Enquanto um mostra a importância da higiene o outro trabalha com a bigorna e o martelo. Uma família em harmonia e todos exercendo uma atividade. Expressa o modelo da família burguesa, conforme Ariès (1981), já presente no século XV e XVI, na qual a mãe se dedica totalmente aos filhos, com forte tendência de que a vida privada da família se estabeleça, fortalecendo a união entre seus membros. Um sentimento muito forte se formou ao redor da família, constituída por pai, mãe e filhos. A família mostrada pelos livros do MOBRAL continua sendo a do modelo burguês.

No recado inicial do livro *Roteiro de Atividades – Por terra, água e ar, podemos ir muito longe* anuncia que tratará de estados e territórios, dos fatores da integração nacional, dos transportes e das vias de comunicação. E, ainda, dos transportes por terra, do automóvel, do trem de ferro, das ferrovias, do transporte por água, por ar e coletivos. A capa reúne os principais meios de transporte, ou seja, uma ponte que tem sobre si um avião e sob si, de um lado, um navio e, do outro lado, um ônibus e um carro em estradas perfeitas. Aqui também mostra a harmonia dos meios de transporte com a natureza.

O recado inicial do livro *Roteiro de Atividades – O mundo das palavras* chama a atenção para o modo de utilização das palavras, simbolizadas na capa por um satélite em comunicação especialmente com as Américas.

E começa questionando para que as palavras servem. A seguir, aborda assuntos, como os nomes das pessoas e suas histórias, as palavras que dão qualidade às coisas, as fábulas, os poetas como Casimiro de Abreu, Maria de Souza e os contos do povo brasileiro, como o de Aluísio de Almeida; palavras que indicam ação, como Menino de engenho, adaptado de José Lins do Rego. A professora é apresentada como segunda mãe.

Os números acima citados da presente Coleção Roteiro de Atividades têm sua importância no fato de ter se tornado a principal fonte de informação impressa para muitos dos alunos do Mobral. Mas o texto escrito dá a entender que a posse do saber não está com os alunos, que têm nos livros papel subordinado.

3.1.5 Livros avulsos

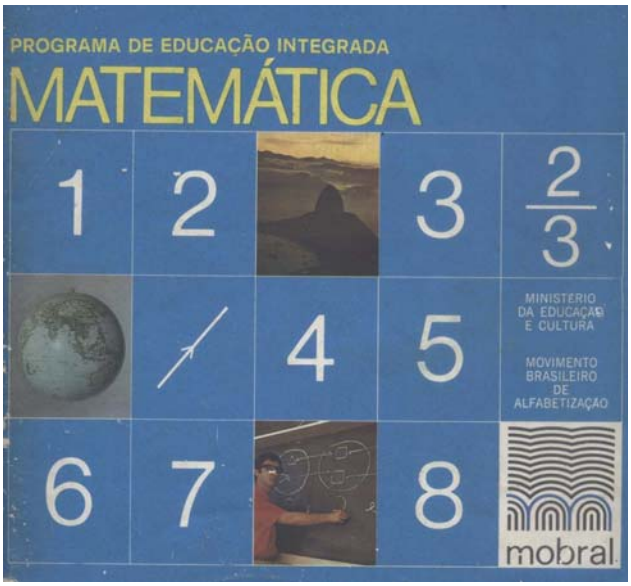

Figura 31: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Matemática* (n.^{0} 1);

De autoria do MEC e do Mobral, o *Programa de Educação Integrada – Matemática*, de número 1, com 112 páginas, de autoria do Mobral, foi publicado pela Editora Bloch, no Rio de janeiro, 1976, em formato de 22x20 cm.

A capa, de fundo azul, intercala quadros de números e de imagens, mas em seu interior não existem imagens, somente os símbolos da matemática, trabalhados em cor rosa, cor também presente nas linhas que circulam os textos. O livro completo é dedicado aos exercícios em seis unidades. A primeira unidade contém exercícios sobre numeração, a segunda, sobre operações com números naturais, a terceira, sobre propriedades dos números naturais, a quarta, sobre conjunto dos números racionais e absolutos, a quinta sobre medidas, a sexta sobre geometria. Em seguida são vinculados os exercícios de revisão.

O livro *Programa de Educação Integrada – Nosso Mundo*, n.^{0} 2, com 157 páginas, tem como autora Nilda Bethlem. Foi editado pela Bloch no Rio de Janeiro, em 1974, sob o formato 22x20 cm.

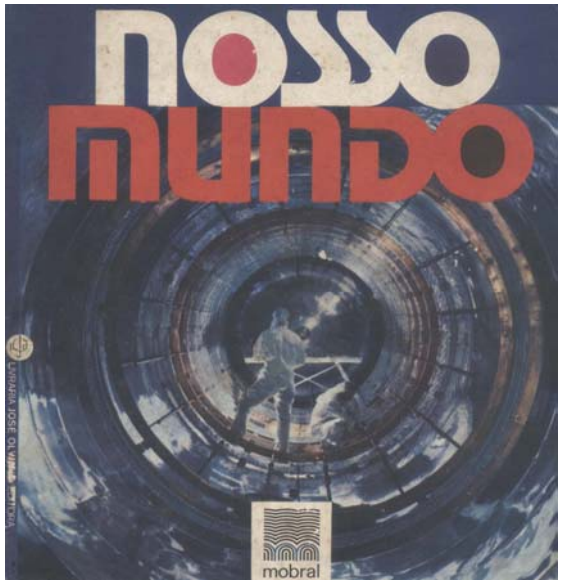

Figura 32: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Nosso Mundo* (n.^{0} 2).

No livro *Programa de Educação Integrada – Nosso Mundo*, n.^{0} 2, com exceção de quatro páginas, as demais ilustram, com desenhos ou fotos, coloridos ou em preto-e-branco, alternadamente, diversos temas. A primeira unidade descreve o amor entre o homem e a mulher, a reprodução, o corpo humano, o prolongamento e a defesa da vida, a profilaxia, e a alimentação. A segunda unidade trata do meio em que vivem as pessoas, como a superfície da terra, o mar e sua riqueza, a luta pela vida, os portos, as bacias, os vales, os açudes, a força hidráulica, o relevo e os animais das matas. A terceira unidade descreve as máquinas simples, aquelas que precisam de energia, a sua utilização e a energia do homem.

A quarta unidade do livro *Programa de Educação Integrada – Nosso Mundo*, n.^{0} 2 estuda a região Sul com suas paisagens específicas. A quinta unidade refere-se aos três territórios da Amazônia, Amapá, Roraima e Rondônia, com destaque para a rodovia Transamazônica.

A sexta unidade trata do Brasil como uma nação-continente, especialmente a vocação de unidade nacional, com destaque para a marinha no Brasil, o exército brasileiro, a aeronáutica militar, a invenção de Alberto Santos Dumont, o serviço militar e a segurança nacional. A sétima unidade diz respeito à união dos homens por meio da Empresa Brasileira de Comunicação, a EMBRATEL.

A oitava unidade apresenta o mundo, o homem na lua, a medição do tempo, o telescópio de Galileu, a descoberta de um novo Continente, a América, a busca de um mundo melhor pelo trabalho para vencer a fome, e termina apresentando a bandeira brasileira, como símbolo da unidade e solidariedade e como forma de preservação do

mundo. As últimas páginas apresentam quatro quebra-cabeças com suas soluções, três páginas de glossário e um índice.

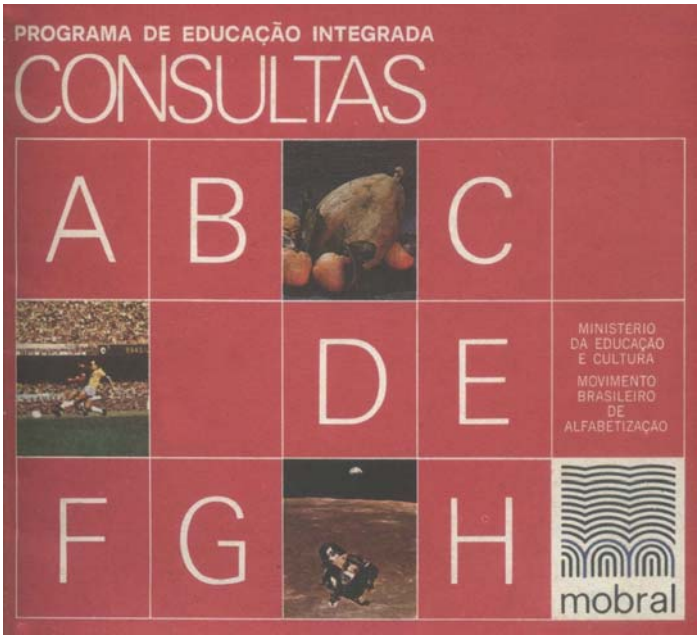

Figura 33: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Consultas* (n.^{0} 5);

O livro *Programa de Educação Integrada – Consultas*, de n.^{0} 5, com 48 páginas, de autoria do MEC e do MOBRAL, foi publicado pela Bloch no Rio de Janeiro, sem data, em formato 22x20 cm. Trata-se de um livro tipo dicionário com termos de A a V. A capa, de cor rosa, intercala quadros de letras e de imagens.

Com exceção de oito páginas, todas as demais são ilustradas com desenhos, fotos coloridas ou em preto-e-branco. As fotos mais freqüentes referem-se à arte, como a de Aleijadinho, ao corpo humano, especialmente o aparelho respiratório, ao símbolo nacional, a bandeira, à arte popular, às estradas duplicadas, às barragens, aos produtos agrícolas, ao comércio internacional (moedas), ao saber do povo, ao desmatamento, a alguns personagens da história do Brasil. E a outros itens, como as fronteiras, as usinas elétricas, as importações, a indústria, os jatos, as ocas, o patrimônio público, as reservas florestais, os satélites artificiais, as telecomunicações as usinas hidrelétricas e siderúrgicas e os viadutos. A grandeza das ações do governo federal é anunciada em diversos momentos.

O livro *Programa de Educação Integrada – Eu agora sou mais eu*, n.^{0} 6, terceira edição, é de autoria do MEC/MOBRAL. Utiliza-se a estratégia discursiva para o título. Com 66 páginas, foi publicado pela Editora Abril Cultural, em 1971, em formato 23x20 cm.

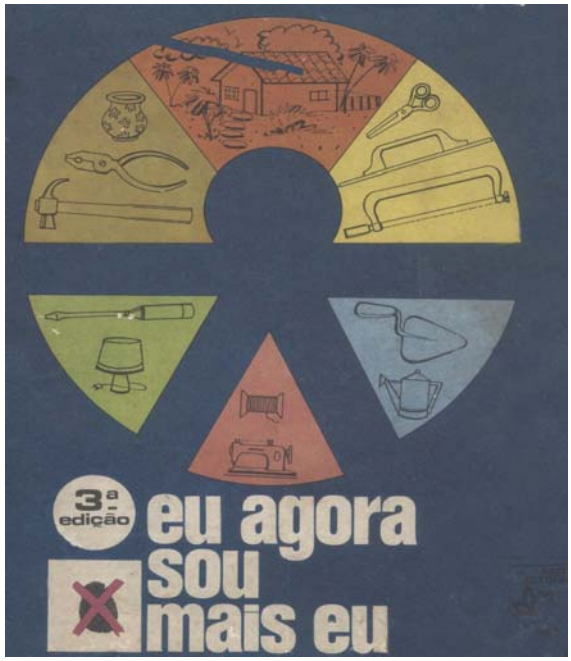

Figura 34: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Eu agora sou mais eu* (n.^{0} 6);

Com a afirmação “Sou mais eu” por ter aprendido a ler, a mensagem inicial convida o aluno ao trabalho. A capa do livro se ocupa em mostrar que tipos de ocupações são esperados, ou seja, especialmente os trabalhos de pedreiro, de costureira, de tecelã e de carpinteiro, que ajudam a construir a casa própria e a de outros.

O convite para que o aluno seja mais do que é, por meio da leitura, é uma forma de ordenar a estrutura social, é uma estratégia simbólica utilizada pelos autores do MOBRAL em atendimento a seus objetivos. Como lutas de representações, as “estratégias simbólicas determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser percebido” constitutivo de sua identidade” (CHARTIER, 2002, p. 45). Se a leitura se torna incentivo para o desenvolvimento da autopercepção do aluno de que ele se “constrói” ao adquirir conhecimento, para que isso é importante? Para que ele se torne mão-de-obra da indústria, que, agora, no âmbito do desenvolvimentismo exige pessoas alfabetizadas.

Todas as páginas, de fundo branco, têm, em cada uma delas, um tema em fundo vermelho e desenhos e ou fotos coloridas. Os grandes temas são subdivididos em cada página em temas menores, como: a escolha do lugar certo para construir, a importância da planta da casa, o quintal, o mutirão para a construção da casa, ou seja, o livro ensina como devem ser colocados os alicerces, como se levantam as paredes, como deve ser feita a instalação elétrica, o encanamento, o ajardinamento, a alimentação da família, a preferência por alimentos frescos, a opção pela água pura, a saúde da criança, a educação da criança,

as despesas da casa, os cuidados com a terra, os instrumentos de trabalho, o armazenamento das colheitas e a venda.

Enfatiza o Estatuto do Trabalhador Rural, as principais plantações, a alimentação de bois e vacas, dos carneiros, dos porcos, dos cavalos, dos coelhos, das galinhas e das abelhas. Ensina também a fazer trabalhos com barro, couro, madeira, fibras e apresenta as profissões de pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista, pintor de obras, costureira, cabeleireira, manicure e pedicure e termina indicando a importância do cidadão ter seus documentos. Na parte inferior de cada página, com fundo em amarelo, são oferecidas dicas, como: “A soja é um alimento melhor que o feijão” (p. 52); “Não tome remédio sem ordem do médico” (p. 42); “Enfeite sua casa. É bom morar em lugar bonito”. (p. 41); “Ferva a água para matar os micróbios”, entre outros. Em outras palavras, para tudo o que vão fazer, os alunos precisam do MOBRAL. Isso porque “o adulto analfabeto era tratado como incapaz e marginal, identificado psicológica e socialmente com a criança”. (PICONEZ, 2001), distante, portanto, dos ideais de progresso que se queria impor.

Figura 35: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – A Nossa Ilha.*

O livro tem 64 páginas e publicação pela editora Bloch no Rio de Janeiro, 1976, em formato 28x21 cm. Foi aprovado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura, conforme parecer GAB 63/72, com direitos reservados para o Ministério da Fazenda, Secretaria da Receita Federal, conforme ficha técnica do livro.

A obra *Programa de Educação Integrada – A Nossa Ilha* é um livro específico de Educação Moral e Cívica. Na contracapa interna do livro consta o Decreto-Lei, n.^{0} 869 de 12 de setembro de 1969. Todas as páginas têm fundo colorido e diversos desenhos ou desenhos e gráficos coloridos em cada uma. Nas páginas 63 e 64, as duas últimas do livro, o leitor é convidado a escrever sobre o contribuinte do futuro e entregar seu texto ao professor.

O título da capa deve-se à história que começa a ser contada na página 3, sobre uma pequena ilha sem ponte de ligação com o continente, pois as pessoas vivem isoladas

umas das outras. A partir disso, a página 4 é de *Exercício de realidade 1*. Com perguntas abertas, questiona-se sobre o tamanho da cidade e sobre sua ligação por estradas com outras cidades. E assim prossegue: uma página ou uma página e meia conta a vida na ilha e uma página, ou meia, ou uma e meia são de *Exercício de realidade 2,* que segue até o número 19. Os temas em destaque são as trocas de trabalhos entre vizinhos e a troca de tudo o que cada qual tem demais. O sistema de trocas leva o progresso à ilha porque todos podem comer alimentos variados, morar em casas de tijolos e as crianças podem estudar. Intermediando os moradores faz-se presente o “Luis Corujão”, que é quem tem as idéias sábias.

No entanto, os problemas começam no transporte das mercadorias, surgem então as feiras, depois os vales, feitos pelo Luís Corujão, que trabalha para todo povo e que passa a ser chamado de funcionário público, recurso meio infantil. Em seguida relata o surgimento dos impostos, sempre com as soluções apontadas pelo Luis Corujão, as discussões sobre lucros, descontos, doenças, formulário de declaração de imposto de renda. Assim a ilha passa a ter ordem e seus moradores aprendem a guardar o dinheiro no banco, por meio do depósito, em cheque, e ocorre a veiculação da idéia de que quanto maior é o tamanho do bolo maior é a fatia para cada um.

Surgem aprendizagens, como a abertura de capitais, as ações, porque todos passam a ter confiança no Luis, a construção de hotéis, o reflorestamento, a construção de fábricas para ocupar as pessoas desempregadas. No final do livro, mostra-se em um mapa do Brasil que a participação de todos faz o país ir adiante, e em cinco fotos coloridas o que se faz com o dinheiro do imposto, a empresa brasileira de telecomunicações, as salas de aula, o setor de Previdência e Assistência Social, a ponte Rio-Niterói, o metrô de São Paulo, entre outros, e conclui-se com a vista aérea de Brasília, local de onde emana o poder.

O livro *Programa de Educação Integrada – Eu resolvo 1, Programa Alfa dois*, com 94 páginas, publicado, em 1978, pela Editora Abril, em formato 21x28 cm, tem como editores Ana Maria Poppovic (Coord.), Yara Lúcia Espósito, Marta Wolak Grosbaum, Lia Rosenberg, Maria Inês Silveira Bueno e Teresa R. Neubauer da Silva.

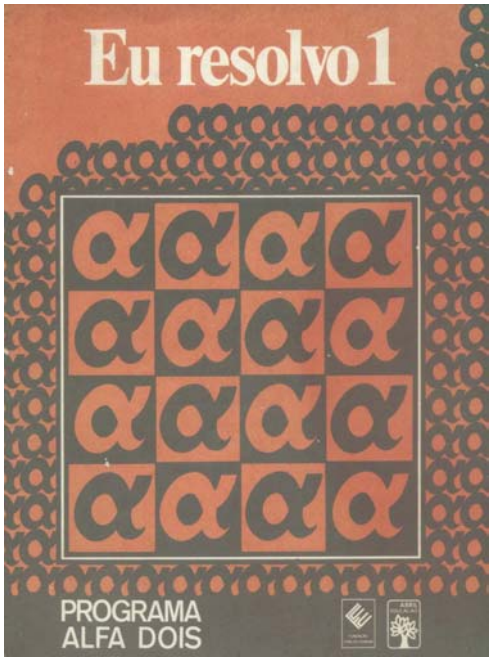

Figura 36: Capa da primeira edição do livro *Programa de Educação Integrada – Eu resolvo 1.*

Todas as páginas do livro *Programa de Educação Integrada – Eu resolvo 1, Programa Alfa dois* se apresentam coloridas, algumas têm fundo branco, outras, colorido, com desenhos de crianças, parques, frutas, animais, insetos, quadrados, círculos, retângulos, entre outros. Os temas desenvolvem a aprendizagem de seqüência de numerais – operações (adição, subtração, adição, problemas, dezenas, decomposição, operações, entre outros). Grande parte mostra pequenos bonecos e linguagem própria para crianças pequenas.

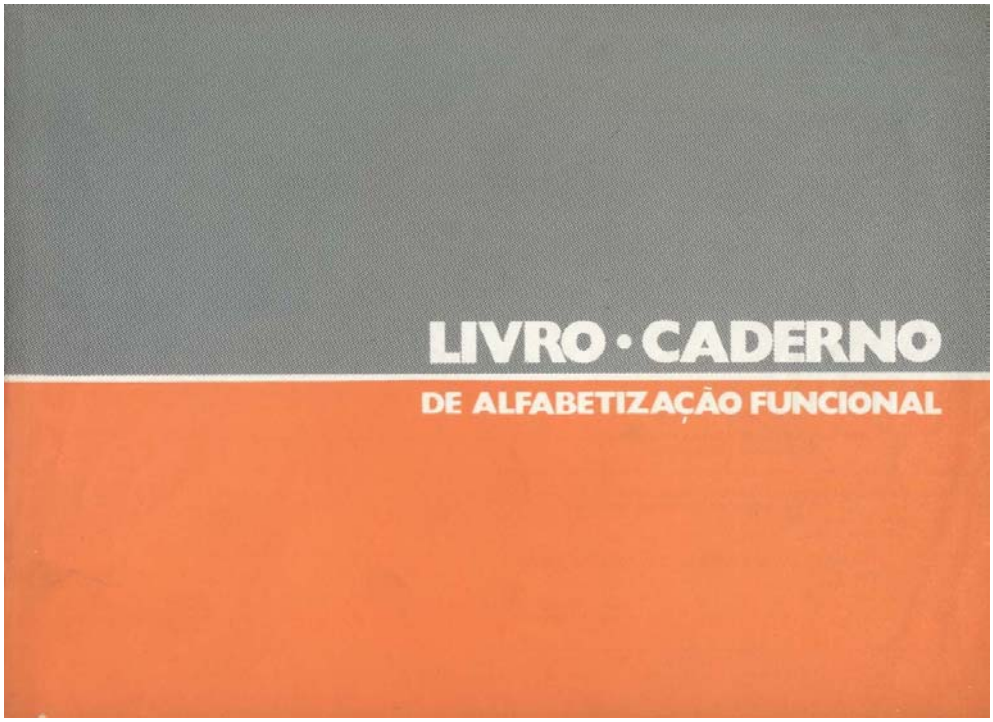

Figura 37: Capa da primeira edição do livro *Caderno de Alfabetização Funcional*

O livro Caderno de Alfabetização Funcional, n.^{0} 7, de 244 páginas, foi elaborado e publicado no Rio de Janeiro em 1983 pelo MEC/MOBRAL, em formato 28x21 cm. Sua capa é dividida horizontalmente nas cores cinza e laranja, cores também mantidas em alguns desenhos no interior do livro. A partir de palavras, como tijolo, comida, remédio, sapato, barriga, correio, chuva, roça, fossa, futebol, máquina, dinheiro, viagem, professora, entre outras, ensina a alfabetização funcional. Todas as páginas são ilustradas com desenhos e ou gráficos coloridos.

Aqui se volta ao que se disse anteriormente. A equipe do MOBRAL, embora até utilizasse algumas palavras geradoras como tijolo, não tinha em vista a transformação da sociedade. Segundo Bogo *et al.* (2007; 75),

> [...] a figura do professor Paulo Freire representava para muitos e principalmente para aqueles que se constituíram em grupos de resistência às práticas educativas calcadas no ideário do MOBRAL, a possibilidade da definição de uma política que incorporasse a importância da educação de jovens e adultos na transformação social da cidade e não somente uma educação visando o processo produtivo da Nação.

No próximo capítulo serão retomados os temas da importância da industrialização rápida no país, do escoamento da produção e dos discursos ufanistas de um país grande, no contexto do “milagre brasileiro”.

3.1.6 A coleção *Um passo a mais*

Figura 38: Coleção *Um passo a mais*.

Na pesquisa histórico-educativa, há duas perspectivas importantes em relação aos livros didáticos: são “fontes para a reconstrução do passado escolar, ao situarem-se no núcleo do processo curricular, e em si mesmo, na sua própria materialidade, são materiais curriculares que reclamam o estudo específico”. (GABRIEL; SALVADO, 1997, p.111)

Todos os livros desta coleção apresentam projeto e supervisão do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) – Gerência Pedagógica e publicação pelo Ministério da Educação e Cultura, Mobral, com uma editora explícita ou não, e, inicialmente, apresenta mensagem de otimismo e índice.

Chama-se a atenção para a grande quantidade de ilustrações (figuras, fotos, desenhos e atividades), que contribuem com a leitura do passado da educação, em um período específico, 1981. Sua análise é feita tendo por base não somente o que ali está expresso, mas também no seu modo de exprimir e seus silêncios, pois, “os ‘silêncios’ podem ser tão importantes como suas mensagens expressas, pois estas tanto como aquelas dão conta do processo de seleção, hierarquização e exclusão dos saberes” (OSSENBACH; SOMOZA, 2001, p. 11). Entre outros silêncios, nos manuais está silenciada a experiência anterior dos alunos com a agricultura e com a pecuária, como se eles não

tivessem acumulado os conhecimentos tradicionais e começassem a aprender tudo a partir do MOBRAL, e, em conseqüência, é silenciado o diálogo libertador.[17] Isto significa que não está aberta a possibilidade de manifestar livremente os próprios pensamentos, mas de aceitar os outros discursos.

Pode-se observar que as cinco capas dos manuais mostram um novo passo a ser dado pelo alfabetizando, a Educação Integrada. As capas sugerem que esse passo é dado pelo estudante do sexo masculino, que usa sapatos e roupa próprios para o trabalho manual. Nessa coleção, portanto, é a figura dos pés que ganha destaque, e o elemento comum a todos os manuais é a grandeza da nação, que o estudante é chamado a ajudar a construir. A presença dos pés nas capas dos livros lembra a valorização das mãos em um cartaz do período militar, relativo ao incentivo em aplicações na Bolsa de Valores de São Paulo, cujos dizeres incentivam: “O Brasil espera que cada um compre suas obrigações”.

Figura 39: Revista Veja n.^{0} 76, de 18/02/70, comentada por Cerri (2000, p. 39).

Ao analisar essa imagem da mão apontando para o leitor, Cerri (2000, p. 39) diz que “o apelo é reforçado pela figura da mão que aponta e intimida, afirmando que a mensagem refere-se ao leitor mesmo, não a uma massa anônima”. A partir desse ponto de vista, no caso dos manuais do MOBRAL, não há intimidação, mas incentivo, para que todos avancem como exigência do mercado de trabalho. E, assim, como os pés constituem a parte inferior do corpo humano, que, no entanto, o sustentam também os trabalhadores se constituem na

[17] No próximo capítulo este aspecto será mais detalhado.

parte inferior do corpo da nação, e seu trabalho é indispensável ao desenvolvimento da indústria, mas, nem por isso, eles recebem um salário condizente.

Figura 40: Capa da primeira edição do livro *textos geradores* (n.^{0} 13)

O livro *Textos Geradores* é de autoria de Heliette Covas Pereira Mendes da Silva e Helly Covas Pereira Leiras, tem projeto e supervisão do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) – Gerência Pedagógica. Publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, Mobral, em 1981, com 128 páginas e formato 21x27 cm. O livro apresenta 53 páginas com fotos, uma com desenho, 55 páginas com atividades (perguntas abertas e semi-abertas), oito páginas com glossário e cinco páginas para anotações.

Exalta o Mobral, a importância da educação, da valorização das tradições, a riqueza da terra brasileira, a ajuda do governo ao homem do campo pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Agropecuária (EMATER), o respeito pela natureza, a plantação, como forma de proteger a terra, e a grandeza do Brasil em seus rios, florestas, rodovias, transportes terrestre e marítimo.

Figura 41: Capa da primeira edição do livro *educação para o trabalho* (n. º 14).

Educação para o Trabalho tem autoria de Lenyr Alves da Costa, projeto e supervisão do Mobral – Gerência Pedagógica. Foi publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, Mobral, em 1981, com 80 páginas e formato 21x27 cm. O livro abre com mensagem que estimula a descoberta da chamada felicidade, segue com índice, 33 páginas com desenhos, 33 páginas com atividades e sete páginas com glossário.

Destaca a necessidade do trabalho, a importância do balcão de empregos do MOBRAL como forma de ajuda para a escolha de um bom emprego, o trabalho em cooperação com os vizinhos como forma de vencer as dificuldades, o conhecimento dos próprios direitos e deveres, as normas básicas para a plantação de soja, para venda e consumo, a criação de gado e de aves, a pesca, a abertura de caminhos na mata para escoar a produção, a fabricação de móveis, a implantação de outros negócios, como alfaiataria, restaurante, hotelaria, tinturaria, entre outros.

Matemática (n.^{0} 15), de Arthur Ramon Nogueira Parahyba Dias, foi publicado pelo Mobral e por Abril Educação, em 1981, com 112 páginas e formato de 21x27 cm.

Figura 42: Capa da primeira edição do livro *Matemática* (n.^{0} 15).

A mensagem inicial sugere troca de conhecimentos entre o Mobral e os estudantes, especialmente por meio da matemática relacionada com o cotidiano. Distribui em suas 112 páginas, simultaneamente, os textos, os exercícios e a recapitulação relativos aos números, em sua contagem, em sua utilização, em cálculos e porcentagens, utilizando medidas, tabelas, gráficos e fórmulas. Os conhecimentos são alternados com desenhos, quadros, gráficos e atividades, que se distribuem em forma de relações, espaços a serem completados e perguntas abertas. Em diversos momentos, o texto sugere que os alunos relatem suas experiências, especialmente relacionadas a temas, como dívidas, prestações, compras e vendas.

Figura 43: Capa da primeira edição do livro *Integração social e ciências* (n. º 16).

Integração social e ciências (n.^{0} 16) conta com texto de Nilson Lopes da Silva, publicação pelo Mobral e por Abril Educação, em 1981, com 208 páginas e formato de 21x27 cm.

Na mensagem de abertura, o texto enfatiza que a história de todos interessa a todos, pois é “história de nossa gente”. O significado dessa representação é estimular o alfabetizando a se sentir incluído na história de um país grande onde ele também tem sentido se estudar, pois o Brasil para se desenvolver precisa de mão-de-obra especializada e treinada.

O índice divide-se em quatro unidades. A primeira aborda a vastidão do mundo e a força da natureza. A segunda, o homem, como máquina humana ou corpo, sua saúde e sua vida em sociedade. A terceira enaltece o Brasil como gigante entre os trópicos e especifica as riquezas regionais. Ganha destaque a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), a Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO). O Mobral é citado como aquele que acaba com o analfabetismo

e trabalha junto com a comunidade. A quarta descreve a História do Brasil em seus reinados, a caminhada para a República e a democratização do País.

De suas 208 páginas, oito apresentam gráficos, 23 ilustram os temas com desenhos, 89 mostram fotos das regiões estudadas, 30 apresentam figuras e fotos, 14 misturam desenhos e fotos e duas páginas são dedicadas a possíveis anotações dos alunos. Em grande parte das páginas reserva-se um espaço sombreado de verde para estabelecer um possível diálogo com o estudante e solicitar que realize uma atividade, ou simplesmente para introduzir os parágrafos seguintes.

Figura 44: Capa da primeira edição do *livro do professor* (n. º17).

> As 128 páginas, em formato 21x27 cm, de autoria de Heloísa M. Leiras Mattos, publicado pelo Mobral e por Abril Educação, em 1981, apresentam sete páginas com gráficos, 26 com fotos, oito com desenhos, 17 páginas com espaços para atividades e mantêm um diálogo com os professores por meio de quadros sombreados de cor marrom claro.

Em sua mensagem inicial, o *Livro do professor* estabelece que tanto os professores quanto os coordenadores do Mobral estão envolvidos no mesmo trabalho. Solicita que os professores partam das experiências dos alunos e que utilizem a metodologia do Programa para capacitarem-se a orientar a aprendizagem dos alunos. Isso significa que é utilizado o princípio semelhante, em parte, ao de Freire de partir da experiência do aluno. Mas, enquanto em Paulo Freire alfabetização é conscientização, no MOBRAL “é aprendizagem do ler, escrever, contar, início, portanto, da preparação de mão-de-obra, em que estas habilidades são elementos importantes, devido à necessidade de informação e treinamento no processo produtivo do modelo socioeconômico brasileiro”. (JANNUZZI, 2002. p. 15)

O livro apresenta em suas seis unidades, o programa de Educação Integrada, o desenvolvimento do programa de Educação Integrada, o planejamento de ensino, a avaliação do programa de Educação Integrada, as técnicas de trabalho em grupo, a exemplificação do desenvolvimento do estudo dos temas a partir de cartazes e textos geradores.

Diante do fato da coleção apresentar quatro livros para os alunos e um para o professor, destaca-se o que diz Munakata (1999, p. 579): “ler/usar o livro didático implica assumir pelo menos dois leitores permanentes: aluno e professor. (...) se um aparecer sem o outro, pode-se até mesmo dizer que o livro didático deixa de sê-lo. Esses leitores, além disso, mantêm entre si certa relação de poder; mesmo que o leitor final seja o aluno, não cabe a este escolher o livro”. (1999, p. 579)

4 A COLEÇÃO "UM PASSO A MAIS" NA ESCOLA ESTADUAL MACEDO SOARES

No presente capítulo, busca-se realizar uma análise dos manuais da coleção *Um Passo a Mais,* previamente apresentados no capítulo II, a saber: *Textos Geradores e Educação para o Trabalho.* A escolha por estes livros deve-se ao fato de proporcionarem condições favoráveis para a análise que se pretende, oferecendo elementos esclarecedores do contexto histórico, político, sociológico e educacional da época e por explorarem diferentes formas de apresentação gráfica: fotos, no caso dos *Textos* Geradores, quadrinhos, no que diz respeito ao manual *Educação para o Trabalho.* Entende-se a importância do livro como fonte de pesquisa, uma vez que "desde a Antigüidade Grega até o presente, foi, se não o único veículo, o veículo essencial da transmissão dos conhecimentos, saberes, prazeres, que cada indivíduo pode ter com o passado, com o presente, ou com a sociedade em que ele vive". (CHARTIER, s.d., p. 3)[1]

Os manuais destinavam-se aos alunos do MOBRAL. Em Campo Largo participavam das aulas alunos com idade entre 15 a 50 anos,[2] mas havia alguns mais idosos.[3] Levando em consideração essa realidade e com base nas influências que os textos, os quadrinhos e os desenhos representam para o leitor, procura-se questionar: qual é o discurso que se manifesta nos textos? Ou que tipo de representações se expressam no discurso textual, quadrinizado ou desenhado, das personagens apresentados nos manuais*?* Objetiva-se, neste capítulo, analisar que tipos de representações são expressas nesses discursos.

As repercussões do uso dos livros do MOBRAL na Escola Estadual Macedo Soares são expressas por representantes de dois grupos de pessoas: monitores e alunos. Dentre os monitores,[4] quatro pessoas que trabalharam com o MOBRAL, entrevistadas para esta dissertação em dezembro de 2007 (ver anexo 2), cujas colaborações serão citadas no decorrer deste trabalho. Trata-se de Beverly Chemin de Quadros, Eulália Cicarino P. Chemin, Rosely Maria Guerchewski e Osvaldo Andrade Zotto, das quais se faz a seguir breve apresentação. Optou-se por entrevistar pessoas com base no julgamento pessoal do pesquisador (BUNCHAFT; KELLNER, 1998), tendo em vista o atendimento dos objetivos da pesquisa.

Beverly, que tem curso superior, atuou no magistério por 30 anos. Seu contato com o ensino de jovens e adultos ocorreu aproximadamente em 1980, ao exercer papel de

---

[1] CHARTIER, Roger. **O leitor, o livro e a leitura**. Tradução: Maria do Carmo Costa. Disponível em:< http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm> Acesso em: 11 mar. 2008.
[2] Entrevista concedida por Beverly Chemin de Quadros em dezembro de 2007.
[3] Entrevista concedida por Osvaldo Andrade Zotto em dezembro de 2007.
[4] Nomes citados com a permissão dos entrevistados.

professora. Eulália, que concluiu o segundo grau, trabalhou por 32 anos no magistério e participou como supervisora geral no MOBRAL. Rosely, com escolaridade de segundo grau – normal colegial, trabalhou no MOBRAL na década de 80 como professora regente. Osvaldo, que cursou jornalismo e atua na administração municipal, trabalhou como voluntário em 1971/1972, ajudando na criação de Postos no interior de Campo Largo. Relata ter participado de um grupo de jovens que acompanhava a coordenadora do MOBRAL, Sra. Eulália Chemin, nas visitas aos Postos do MOBRAL e na promoção de eventos para arrecadar recursos.

Segundo esses entrevistados, entre os alunos que freqüentavam o MOBRAL no município de Campo Largo, estão agricultores (produtores de batata, milho, cebola e hortifrutigranjeiros), ceramistas (trabalhadores das indústrias de cerâmica, porcelana e artesanato do município e região), comerciários (atendentes de lojas de roupas, eletrodomésticos e ferragens em geral), autônomos (pedreiros, pintores de parede, mecânicos, vendedores e representantes comerciais), empregadas domésticas e donas de casa. No interior do município, a maioria dos alunos constituía-se de agricultores. Na cidade, trabalhavam ceramistas, comerciários e autônomos.

O contato com os alunos, a partir do conceito de representações de Bourdieu[5] *apud* Chartier (2002, p. 177) permite entender o ser-percebido que os alunos constroem e propõem para si próprios:

> [...] a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela).

Na leitura dos manuais, objetiva-se a análise de conteúdo, entendida como "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 1977, p. 42). Outros procedimentos específicos serão explicados posteriormente.

Compreendendo o conceito de representação e de lutas de representações como importantes para essa discussão, vale buscar no próprio Chartier o sentido do conceito. Ele o define como “toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida”. (CHARTIER, 2002, p. 45). De acordo com Chartier, as representações coletivas é que edificam o mundo social e a estrutura social é ordenada por essas lutas de representações.

---

[5] Bourdieu, P. **La distinction.** Critique sociale du jugement, 1979.

E acrescenta: “As estratégias simbólicas determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade”. As representações, mesmo as mais elevadas, não têm sentido sem as ações. (CHARTIER, 2002, p. 45).

O conceito historiográfico de cultura popular ganha sentido específico nesta dissertação, especialmente no que se refere ao enfrentamento de relações que ligam dois conjuntos de dispositivos, conforme discussão de Chartier (1995,p. 10): “de um lado os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto”.

Essa tensão entre estratégias e táticas, comenta Chartier (1995, p. 7), ao citar Michel de Certeau, é um recurso importante para pensar que “as estratégias supõem a existência de lugares e instituições, produzem objetos, normas e modelos, acumulam e capitalizam. As táticas, desprovidas de lugar próprio e de domínio do tempo, são ‘modos de fazer’, ou melhor dito, de ‘de fazer com’.”

Nesta dissertação as estratégias são pensadas a partir dos autores dos livros do MOBRAL, ou seja, a partir do governo militar. As táticas produtoras de sentido, pensadas a partir dos alfabetizandos, embora silenciosas, manifestam-se mediante os “modos de usar” os produtos impostos pela ordem econômica dominante” (CERTEAU, 1980, p. 37). Com isso se afirma que embora os manuais imponham uma forma de ver a realidade, ou seja, de forma concordante com o ideal desenvolvimentista, não conseguem anular o espaço da recepção do leitor ou do aluno do MOBRAL e de sua interpretação.

4.1 O contexto em que os livros foram preparados

Leva-se em consideração o contexto da coleção analisada, ou seja, que ela tem como publicação o ano de 1981, mas que foi preparado em anos anteriores, após a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), projeto criado pelo governo brasileiro, pela Lei n. 5.379, de 15 de dezembro de 1967, quando o Marechal Costa e Silva foi eleito presidente (indiretamente).

Observando o período de 1964 a 1973, envolvendo, portanto, a fase do “Milagre Brasileiro”, duas características dos governos militares se manifestaram: a repressão e a propaganda política por meio do discurso ufanista. Estes se faziam em campanhas, como: “Brasil, ame-o ou deixe-o” e a divulgação de músicas ufanistas como "Eu te Amo, Meu Brasil", "Você também é Responsável", hino do Movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL, e "Obrigado ao Homem do Campo", gravadas por Dom e Ravel, músicas de

apoio ao governo. Não podemos esquecer dos famosos Tonico e Tinoco que gravaram “Bendito seja o Mobral”.

Bourdieu (2004) comenta que aquilo que em geral as pessoas consideram realidade social é em grande parte representação e produto da representação. A política é uma questão de palavras e o conhecimento científico da realidade quase sempre inicia por uma luta contra as palavras. Assim, nesta dissertação, ao encontrar nos Manuais do Mobral frases, como: “O país é uma grande nação, que tem como sujeito o Estado”, o propósito dos autores é fazer entender que aquilo que as palavras designam existe. Uma das manifestações do poder simbólico é o poder de nominação, pois “ao nomear faz existir”. (BOURDIEU, 2004, p. 72)

Pessoas adultas e crianças eram incentivadas a usar adesivos "Brasil: Ame-o ou deixe-o!", que também eram utilizados nos vidros das casas e nas janelas dos automóveis e vitrines comerciais.

Figura 45: Adesivos utilizados nos vidros das casas e das janelas dos automóveis.
Fonte: Clio História (2007).

No esporte também era utilizado o ufanismo, especialmente na Copa do Mundo de 1970, ocasião em que foi elaborado o hino *Pra frente Brasil*:

Setenta Milhões em Ação
Pra Frente Brasil
Do Meu Coração
Todos juntos vamos
Pra Frente Brasil
Salve a Seleção
De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil! Brasil !
Salve a seleção!

Figura 46: Médici entre o capitão Carlos Alberto e Falcão na copa de 1970.
Fonte: Eduquenet (2002).

Figura 47: Pelé comemora após fazer um dos gols na vitória da seleção brasileira por 2 a 1 sobre o time da Tchecoslováquia.
Fonte: Folha Online (2007).

Esse ufanismo vai direto das propagandas políticas para os Manuais elaborados pelo MOBRAL. O país grande foi tema intensamente trabalhado, como se verá posteriormente.

No manual *Um Passo a Mais: Textos Geradores*, o governo incentiva o esporte: “Mexa-se!” (p. 60). Estimula não somente assistir aos esportes que consagraram o Brasil: boxe (Eder Jofre), futebol (Pelé) e automobilismo (Emerson Fittipaldi), mas também a participar, pois “o exercício dará a sua colocação na competição. O reconhecimento do vencedor e o respeito aos vencidos são atitudes sociais”. Na página das atividades (p. 61) resume-se que “o esporte não só melhora o físico, como também desenvolve atitudes e hábitos necessários à vida em grupo”. Mas também há uma afirmativa: “O lazer faz esquecer a luta diária”. Se o esporte contribui para deixar as pessoas em forma, há também o aspecto de tirar o foco das atenções do que se decide politicamente no país.

4.2 A política desenvolvimentista do período militar e a educação: o MOBRAL na cidade de Campo Largo

Os dados divulgados pelo Censo Demográfico de 1970 (CUNHA; GÓES, 1999) mostraram que a grande maioria do povo brasileiro não estava bem e que os pequenos empresários eram encurralados pela competição das grandes empresas monopolistas e pelos altos juros impostos pelos banqueiros. Diante disso e da exploração da maioria, os defensores do regime autoritário buscaram explicações longe do campo econômico, na educação.

Como no período de 1960-1970 os ricos haviam enriquecido mais e os pobres haviam empobrecido mais, a explicação dada é que não se devia à exploração capitalista,

mas a renda estava mal distribuída porque uns tinham acesso à escola e outros não. Para fazer valer tal argumento, observam Cunha e Góes (1999), utilizava-se e abusava-se dos meios de comunicação, especialmente da televisão, tentando convencer as pessoas de que a educação tinha o poder milagroso da distribuição de renda.

Na tentativa de convencer de que estavam certos, os representantes do governo autoritário organizaram o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cuja finalidade era, no decorrer de uma década, reduzir a proporção de analfabetos para menos de 10%. Foi montada, inclusive, uma rede de ensino supletivo, utilizando o rádio, pelo Projeto Minerva, e a televisão, que explorava o gênero de novela com a finalidade de educar.

Por meio da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de $1.^0$ e $2.^0$ graus, a Lei 5.692, tornou-se fora de questão o exame de admissão ao ginásio. Foram fundidos os vários ramos do ginásio em um único.

A lei. 5.692, no art. 24 afirma:

> Art. 24 O ensino supletivo terá por finalidade:
>
> a) suprir, a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;
>
> 1) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.
>
> Parágrafo único. O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas de acordo com as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.
>
> Art. 25 O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e **a formação profissional definida em lei específica** até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.
>
> § 1º Os cursos supletivos terão estrutura, duração e regime escolar que se ajustem às suas finalidades próprias e ao tipo especial de aluno a que se destinam.
>
> § 2º Os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos.

A escolaridade obrigatória passava de sete para quatorze anos, ou seja, dobrava de quatro para oito anos. Se, antes, o país era citado como o de mais baixa escolaridade, passou a uma das mais altas do mundo, ou seja, como mencionado anteriormente, “era o tempo do ‘Brasil Grande’; ‘ame-o ou deixe-o’; os incomodados que se mudassem – senão, a polícia cuidava deles...” (CUNHA; GÓES, 1999, p. 56)

No entanto, a realidade mostrava algo diferente. Em vez da taxa de escolarização melhorar, em 1980, havia passado de 66,3% para 65,5%, sinônimo de que mais de um terço

das crianças estava fora da escola. Segundo Cunha e Góes (1999, p. 57), os "excluídos da escola aumentaram em um milhão no período entre 1970 a 1980".

O livro *Um Passo a Mais: Textos Geradores* faz propaganda da Reforma do Ensino, pois "ninguém hoje deixa a escola de 2.^{0} grau sem uma profissão. (...) O MOBRAL oferece condições para que seus alunos se aperfeiçoem para o trabalho. (...) Outras entidades, como o SENAR[6], SENAI[7, 8] SENAC[9] dão cursos de aperfeiçoamento ou de formação profissional". A ênfase ao Ensino Profissionalizante ocorre por meio dos Órgãos: SENAR, SENAI, SENAC. (p. 50). Precisou, procure o FUNRURAL[10] E O INAMPS[11].

O MOBRAL contava com o dinheiro que precisava a partir da Loteria Esportiva e dos incentivos fiscais. "(...). Apoio institucional, o MOBRAL também teve, em todo o país, em todos os horários". (CUNHA; GÓES, 1999)

O MOBRAL se fazia presente nos municípios mediante convênios com as Secretarias de Educação e de Comissões Municipais, do Programa de Alfabetização e do Programa de Educação Integrada (PEI) com versão compactada das 4.^{as} séries iniciais do ensino primário anterior.

Machado (1999) refere que ele se organizava em comissões municipais que executavam diretamente as atividades. A produção do material didático, a supervisão pedagógica e as diretrizes orientadoras ficavam centralizadas.

Em Campo Largo, além da Escola Macedo Soares, existiam turmas do MOBRAL em localidades vizinhas à cidade de Campo Largo. Algumas das mais citadas eram Cahiva, Três Córregos, Retiro Pedro Alves, Bateias, Cerne, Km 9, e, no centro da cidade, no bairro Bom Jesus e em uma das salas da residência da Sra. Rosa Grachewski. Prevaleciam na maior parte das turmas os alunos do sexo masculino. As aulas eram ministradas por monitoras, de segundas a sextas-feiras, das 19 às 21h, no período de seis meses. [12]

Segundo Eulália Chemin,

---

[6] Serviço nacional de aprendizagem rural. "A finalidade dos cursos oferecidos pelo SENAR é a preparação de pessoal para o trabalho no setor primário" (agricultura, pecuária, extrativismo). (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 122).

[7] Criada em 1942 pelo governo federal para a formação e especialização da mão-de-obra industrial, voltada para o primeiro e segundo graus.

[8] O SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial constituía-se de Escolas (...) "que atendiam à formação de pessoal para o trabalho do comércio". (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, p. 122).

[9] SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Atendia à formação de pessoal para o Trabalho no Comércio (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 122).

[10] Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural. Tem como atividade básica conceder benefícios ao trabalhador e produtor rural, aos pescadores, garimpeiros e safristas, entre outros.

[11] Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social. "(...) Dá assistência médica, odontológica, farmacêutica e hospitalar a todo trabalhador que desconta para a Previdência Social". (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 77).

[12] Entrevistas concedidas por Eulália Chemin, Rosely Guerchewsi e Osvaldo Zotto em dezembro de 2007.

> [...] os programas do MOBRAL passaram (...) por dificuldades financeiras. As monitoras recebiam um pequeno salário, pago pela supervisora, que organizava eventos para manter os alunos em sala de aula. Os professores e alunos recebiam materiais, porém não eram suficientes para todos". Osvaldo Zotto diz que "na época o auxílio da comunidade era comum e bem- visto pela sociedade. Havia festas e programações para ajudar escolas, igrejas e o MOBRAL.

De acordo com Rosely Guerchewski, havia "boas condições de trabalho na Escola Macedo Soares. Também, ocorriam algumas discriminações por parte de alunos de 5.ª a 8.ª série". Beverly Quadros relata que na Escola Macedo Soares "as condições eram normais, dentro do possível, apesar do pouco material". Osvaldo Zotto declara que "na maioria, ou talvez nos postos do interior (...) as condições eram precárias".

Quanto ao material didático, segundo Eulália Chemin, "professores e alunos recebiam material, porém não era suficiente para todos". Rosely Maria Guerchewski conta que os materiais "eram disponibilizados até o término (...). Quando tinha pouco material, eu apenas emprestava aos alunos". Beverly de Quadros lembra que "recebiam material do governo, que era repassado para o Ensino de Jovens e Adultos". Os entrevistados indicam que para a manutenção da alfabetização local, o MOBRAL dependia dos monitores voluntários.

A propósito, Cunha e Góes (1999) comentam que o MOBRAL inspirava-se em muitas campanhas e cruzadas que se promoviam para tirar a "sujeira" do analfabetismo, como se o não saber ler e escrever constituísse a causa dos males de grande parte da população, como da pobreza, das doenças e até da opressão política educacional.

Segundo os entrevistados, os alunos correspondiam à proposta de trabalho apresentada pelos professores, pois tinham vontade de aprender. Eulália Chemin conta que

> [...] os alunos conseguiam corresponder aos resultados e muitos deles com os diplomas que lhe eram conferidos conseguiam arranjar bons empregos. As maiores dificuldades [referiam-se à alfabetização], pois [têm] suas mãos pesadas e calejadas pelos serviços prestados à agricultura, mas pela boa vontade de aprender superavam estas dificuldades. Todos vinham de muito longe para freqüentar às aulas. Vinham a pé, a cavalo ou de carrocinha. Eles se esforçavam para atingir todas as matérias, conforme programa organizado pelos monitores.

Rosely Guerchewski conta que a maioria conseguia corresponder aos resultados pretendidos pelo programa. Tinham dificuldades para interpretar textos, analisar situações-problema e realizar a aprendizagem de leitura e escrita. Além das dificuldades relacionadas a aprendizagem havia também "a falta de estímulo e de ânimo". Beverly de Quadros lembra que existiam dificuldades, como falta de tempo, cansaço, poucos recursos para ministrar aulas, pois "todos trabalhavam e chegavam direto do serviço para a sala de aula". "Gostavam de todos os conteúdos do conhecimento, mas a preferência era pela leitura e pela escrita". Osvaldo Zotto lembra que "no interior não havia luz elétrica e alguns postos

usavam lampiões a gás, chamados liquinhos". Essas dificuldades não estão muito distantes das hoje existentes no trabalho de Educação de Jovens e Adultos (EJA), embora aproximadamente 30 anos tenham se passado entre o MOBRAL e a EJA, especialmente a passagem direta do trabalho para a sala de aula e a falta de recursos.

As maiores necessidades dos alunos apontadas pelos entrevistados eram em geral da aprendizagem do cálculo, mas era ainda maior a aprendizagem da escrita e da leitura. E as situações que mais perturbavam os entrevistados eram "a falta de atenção de alguns alunos" (Eulália Chemin), "embriaguês e uso de outras drogas" (Rosely Guerchewski) e "... a dificuldade do aluno que chegava muito cansado e a Escola não oferecer muitas condições. O material era precário". (Beverly de Quadros).

A explicação dada pelo Governo para a existência do MOBRAL é esta: "Para quem chegou à idade adulta sem poder estudar, o Governo criou o MOBRAL. Deu, assim, oportunidade de uma vida melhor a milhares de brasileiros" (*Um Passo a Mais: Textos Geradores,* p. 8). Ele esclarece que a obrigação dos governos estaduais e municipais é "atender à população escolar, construindo escolas, oferecendo professores, distribuindo merendas, etc.". Por isso todos os que não tiveram oportunidade de estudar precisam entrar no MOBRAL. Nas atividades (p. 115), questiona: "Você conhece alguém que ainda não sabe ler nem escrever?" "Você conhece alguém que esteja querendo voltar a estudar? Não deixe de conversar com essas pessoas! Como aluno do MOBRAL, você pode passar para elas a sua experiência, pode informar sobre aquilo que o MOBRAL tem para oferecer". Apostava na propaganda boca a boca. Deixa claro que "O MOBRAL faz muito mais do que ensinar a ler e escrever" (p. 114). Refere-se à preparação para o trabalho, mas autores como Cunha e Góes (1999) lembram também o interesse político relacionado às próximas eleições.

E como resposta a uma pergunta da entrevista "...os programas do MOBRAL apresentados pelo governo e desenvolvidos na cidade representaram algum avanço na vida dessas pessoas e para a comunidade em que estavam inseridas?", Eulália Chemin respondeu que

> [...] o programa do MOBRAL trouxe muitos benefícios à nossa comunidade e principalmente ao meio rural onde os alunos continuaram seus estudos e conseguiram bons empregos. (...) Os alunos participavam de atividades organizadas pela coordenação e monitores que realizavam no final do curso, festas de formaturas e entrega de certificados.

No entanto, para Rosely Guerchewski, os programas do MOBRAL representaram pouco avanço na vida das pessoas, "pois os alunos não deram continuidade aos seus estudos (na grande maioria)!". E quanto à participação de atividades estudantis, "participavam apenas de festas juninas e assistiam a alguma apresentação cultural ou comemorativa (Escola Macedo Soares)". Eles não participavam de concursos de poesias,

redação, teatro, etc. Ao ser questionada se o MOBRAL dava a garantia para o aluno de que a partir do programa de alfabetização do MOBRAL ele seria um cidadão diferente no trabalho e nas relações com a sociedade", Guerchewski respondeu: "Creio que muito pouco".

Osvaldo Zotto acredita que os programas do MOBRAL representaram algum avanço na vida dos alunos, "porque havia grande entusiasmo por parte dos alunos. Para mim, como voluntário, foi muito importante conhecer a realidade das escolas rurais (...)".

Logo que foi criado, pela Lei 5.379, de 15-12-1967, como proposta da chamada alfabetização funcional a jovens e adultos, o Estado previa uma verba anual de Cr$ 500.000,00 para que os programas funcionassem, mas só passou a se concretizar em 1970 quando optou por desviar 6,75% da receita líquida da loteria esportiva e deduções voluntárias de 1% do imposto de renda devido pelas pessoas jurídicas para o programa de alfabetização. Desse modo, em 1971, tinha à sua disposição 67 milhões de cruzeiros. (FREITAG, 1984)

Sua estrutura se descentraliza em quatro âmbitos: MOBRAL central, coordenações regionais, estaduais e comissões municipais. Organiza-se por estruturas compostas de gerências pedagógicas, de mobilização comunitária, de assuntos financeiros, de atividades de apoio; e assessorias, como planejamento, métodos e supervisão. (FREITAG, 1984)

Os programas do MOBRAL foram criticados pelos profissionais da educação. A esse respeito Machado (1999) relata que o MOBRAL representou ação centralizadora de âmbito nacional, **desvinculada da coordenação direta do ministério**, a qual se orientava pelo consenso mundial a respeito da ineficiência das campanhas de alfabetização.

Segundo Fávero (2003, p. 1) o MOBRAL não trabalhou vinculado ao Ministério da Educação, mas à sua margem. Como tinha dinheiro, criou uma campanha de alfabetização e, depois, uma de educação integral, de primeira a quarta séries. "Nunca se soube se as pessoas alfabetizadas em cinco ou seis meses pelo Mobral efetivamente ingressavam na 1.ª ou 2.ª séries que eram feitas mais rapidamente. Não houve esse controle".

E quanto ao treinamento dos professores? A professora Beverly relata que eles o recebiam, mas as informações são vagas. O treinamento era realizado em Curitiba juntamente com outros monitores de outras cidades da região. Perguntei sobre trabalhos ou oficinas realizadas, mas disse não se lembrar se existiam. Os treinamentos eram condicionados à explicação do manual do professor, como aquele da coleção que estamos analisando neste capítulo.

E quais foram os principais problemas do MOBRAL? De acordo com Fávero (2003, p. 1):

> [...] o primeiro problema do Mobral é que ele foi feito no período do governo autoritário para barrar as experiências anteriores, particularmente as de Paulo Freire. Falaram, num certo período, que utilizaram o método Paulo Freire sem nenhum conteúdo político. Na verdade, nunca usaram Paulo Freire. Porque o básico era o material didático feito pelas editoras e o método era o de criança, transposto por adultos.

Enquanto o MOBRAL foi uma iniciativa política, exerceu um papel importante, especialmente para as pessoas que moravam nas áreas rurais e que havia chegado à cidade, que receberam carteira de identidade, de trabalho e título de eleito e outras iniciativas. (FÁVERO, 2003)

Juntamente com o Exército, nos anos 1970, o MOBRAL criou um projeto de ação comunitária, o Mobral Comunitário, visando evitar que as Comunidades Eclesiais de Base, estimuladas pela Igreja Católica, avançassem, mas não houve continuidade. No entanto, o Mobral Cultural, também criado por ele, teve continuidade. Como percebeu que era necessário ter mecanismos de pós-alfabetização tanto no que dizia respeito a alunos de primeira a quarta série quanto da sociedade em geral, criou pequenos jornais para que mantivesse o hábito de leitura. Conforme Fávero (2003, p. 2), "o Mobral Cultural fez coisas muito inteligentes. Fez a *Bíblia em história em quadrinhos*. Havia livros com receitas de culinária, com remédios caseiros, homeopatia. Isso foi um projeto bem interessante, mas foi acessório, já no começo dos anos 80".

4.3 A eficiência do Estado brasileiro e a questão do turismo: a abordagem do Brasil continental no livro textos geradores

Com a utilização da técnica análise de conteúdo, optou-se por realizar várias leituras do livro, buscando responder à pergunta: qual é o discurso que se manifesta no manual? Ou que tipo de representações se expressam ali? Após realizar as leituras, optou-se por decompor o *corpus* dos textos em itens, com destaques para alguns aspectos.

4.3.1 Folclore, turismo e novos projetos para o escoamento dos produtos no contexto do "milagre brasileiro"

Uma das primeiras lições dos textos geradores refere-se às tradições ou herança cultural (p. 10), mas que raramente são levadas em consideração no decorrer do livro, como se verá posteriormente. **Primeiro aspecto de reflexão** a destacar: as tradições das pessoas, chamadas de heranças pelo livro, embora denominadas nas aulas relativas ao folclore e ao turismo, na prática não recebem valorização do MOBRAL, pois preferiram valorizar expressões "grandiosas". Assim, as representações do mundo social estabelecidas pelo livro didático atestam-se determinadas pelos interesses do grupo que as constroem,

por qualificá-lo. Apresentam o boi, como parte de um ciclo econômico, as obras de artes e diferentes expressões do “milagre brasileiro”, como se verá a seguir. Essas imagens no manual representam a grandiosidade do país. Conforme Chartier (1999), a realidade é construída de maneira contraditória pelos diferentes grupos, como é o caso do governo no regime militar.

“Agora você sabe o que é herdeiro” (p. 10). O texto parte de uma dança popular das ilhas dos Açores, a chimarrita, que foi introduzida no Rio Grande do Sul pelos colonos açorianos. Com variações, é dançada em vários estados brasileiros; destaca que as pessoas herdam costumes e tradições, denominados herança cultural e que a escola faz o mesmo.

A herança cultural é entendida como folclore e este como atração turística, pois “nossa terra é assim” (p. 12). E porque se valoriza o folclore? Porque “nasceu do povo e vai passando de uma geração para outra. Não tem dono. É de todos. Motivo de atração turística”. O manual destaca o boi no folclore porque além de “ter marcado um ciclo econômico em nossa história, ajudando no desenvolvimento das atividades de outros ciclos, ainda hoje, continua firmemente ligado à vida do homem no campo, de Norte a Sul do país”. (p. 12)

E quanto ao gado, sua criação é feita em todos os estados, mas é no Sul do país que 1/3 da produção agropecuária está em seus 15 milhões de hectares de lavouras e 22 milhões de hectares de pastagens. (p. 18)

E no Pantanal “os criadores (...) na maioria faziam uma pecuária extensiva – o gado solto, andando por grandes extensões. Os governos federal e estadual estão desenvolvendo o Projeto Pantanal, buscando condições para os criadores praticarem a pecuária intensiva e o aproveitamento da força dos rios para o fornecimento de energia elétrica, bem como a melhoria da rede de estradas para escoar o produto”. (p. 18). **Segundo aspecto** de reflexão a destacar: o governo faz.

A ênfase do que o governo **faz** é mostrada nos livros como representação de si. Ela se transforma em máquina que exige submissão. Chartier (2002) lembra que a força da monopolização do Estado está sempre à disposição do soberano, por meio de dispositivos, como marchas militares, louvores e medalhas. A dominação não é física direta, mas simbólica. Os livros do MOBRAL também servem como dispositivos, para ensinar a ler, a escrever e exercem a força simbólica ao destacar a grandeza de uma região e o que o governo faz.

O manual salienta que o turismo esteve ameaçado, mas que o Estado foi eficiente na luta contra a febre amarela, ou seja: “os turistas há muitos anos atrás tinham receio de vir ao Brasil devido à febre amarela, até que o Dr. Osvaldo Cruz, “apoiado pelo Governo”, com os mata-mosquitos e a vacina obrigatória, acabou com a febre amarela no país. E não somos

nós que vamos deixar que ela volte". (p. 42). "Acabem com as doenças no seu município" (p. 42), estimula o manual.

O livro apresenta os principais pontos turísticos desde a década de 70. Os turistas não deixam de visitar as esculturas de Antonio Francisco Lisboa, chamado o Aleijadinho, que fazem parte do patrimônio cultural brasileiro e têm repercussão mundial. (p. 104)

Da mesma forma, as mais famosas rendeiras do Brasil são tidas como as do Ceará, embora rendas semelhantes sejam confeccionadas em outros locais do país, ou seja, a "máquina trouxe a indústria que produz em série, mas não acabou com a figura do artesão". (p. 106). A presença da máquina é defendida, portanto, porque se ela retirou o emprego de muita gente, manteve o de outras pessoas. **Terceiro aspecto** do livro: **máquinas e empregos.** A ênfase dada pelo texto às máquinas deve-se à possibilidade do aumento da produção em um momento em que junto com o "milagre brasileiro" havia também a palavra de ordem do desenvolvimentismo. E mesmo que as máquinas substituam o trabalho de diversas pessoas, o livro reforça, subliminarmente, que existe trabalho para todos. A idéia a ser fixada pelo leitor é a necessidade de fazer cursos e se preparar. É a idéia que perpassa o manual e sua forma de falar e, como tal, segundo Chartier, é prática cultural. Mas também é prática cultural o silêncio dos alunos diante do discurso apresentado pelos livros ou suas palavras de apoio, recusa, descontentamento e ou aprendizagem.

O livro apresenta também outros pontos turísticos, como a "arquitetura colonial de Ouro Preto, (...) a arrojada arquitetura de Brasília, cidade planejada e construída por grandes profissionais brasileiros, a bela orla marítima do Nordeste e vincula o turismo com a criação de organismos específicos. O Ministério da Indústria e Comércio criou um órgão especialmente para cuidar do assunto, a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR[13]. Cada estado, por sua vez, tem a sua Secretaria de Turismo (...). O SENAC[14] tem formado bons cozinheiros, copeiros, enfim, profissionais que servem ao ramo da hotelaria" (...), pois "o Brasil tem muito o que mostrar". (p. 108)

4.4 As justificativas para a criação de organismos governamentais no contexto do "Brasil Grande"

A idéia de um país grande é anunciada pelo livro didático que propaga outros diversos organismos criados pelo governo. Não são criados somente em relação ao turismo.

[13] A Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) foi criada, por meio do decreto-lei n.º 55, de 18 de novembro de 1966, com o objetivo de coordenar o desenvolvimento do turismo brasileiro. Outras informações em: CAVALCANTI, K. B.; HORA, A. S. S. da. Política de turismo no Brasil. **Turismo em Análise.** São Paulo, 2002, v. 13, n. 2, p. 55 – 73, nov. 2002.

[14] O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) foi criado pelo governo federal através do decreto-lei n.° 8621 de 10 de janeiro de 1946. Sua meta formar e aperfeiçoar os profissionais dos mais diversos setores da área comercial.

Na lição Casa Grande e Próspera (p. 110), o governo compara o Brasil a uma grande casa. “Para governá-lo, são necessárias muitas pessoas participando da administração federal, estadual e municipal (...)”.

4.4.1 O governo e a propaganda

O governo organiza sua ação. “O pai que trabalha leva a criança para vacinar, recebe crédito agrícola e uma alimentação sadia” (...) porque ele “está considerando a importância do homem para o desenvolvimento de um país” (p. 10). A lição transmite a idéia do governo pai. Da mesma forma que o pai leva o filho para vacinar, o governo “protege” a vida do trabalhador.

O livro didático afirma que o governo está sempre procurando criar novas oportunidades de emprego: na construção civil, pela ação do BNH,[15] na abertura e na conservação de estradas, na ação do DNER,[16] e por meio da ELETROBRAS,[17] da PETROBRÁS, do DNOS,[18] e do FGTS.[19] O que faz o Ministério do Trabalho? Responde o livro didático: Encarrega-se “das questões relativas aos trabalhadores, mantém Delegacias Regionais de Trabalho, (...) fiscaliza a higiene”. (p. 48)

A participação da mulher não ocorre senão nas profissões de costureira, secretária, doceira e professora.

O Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) [20] nasceu depois de 1964. Por meio do FUNRURAL “o Governo procura dar o mesmo tratamento ao homem do campo e da cidade”. (...) O INPS faz os pagamentos de benefícios, pensões e outras prestações de dinheiro. E o governo faz sua propaganda: “Quando precisar cuidar da saúde, procure o INAMPS” (p. 52). No Posto de Saúde, a gestante recebe assistência (p. 54). A propaganda é feita em fotos como esta.

---

[15] Banco Nacional da Habitação. Órgão do Governo Federal que “financia a compra ou a construção da casa própria”. (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 117). O BNH foi criado em 1964 para financiar o Plano Nacional da Habitação. (SANDRONI, 1999)

[16] O Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) tinha como primeira tarefa elaborar e executar o planejamento da política rodoviária federal. (SANDRONI, 1999).

[17] Centrais Elétricas Brasileiras Sociedade Anônima. Criada em 25 de abril de 1961, órgão responsável pela execução da política nacional de energia elétrica. (SANDRONI, 1999).

[18] Departamento Nacional de Obras de Saneamento foi criado, criado em 1940 e transformado em autarquia em 1962.

[19] Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Fundo formado, no Brasil, por depósitos bancários feitos em nome dos empregados, para prover indenizações trabalhistas. Criado em 13 de setembro de 1966.

[20] Instituto Nacional de Previdência Social. “A palavras Instituto é usada para algumas escolas e outras entidades. Por exemplo: Instituto de Educação, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, etc.” (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 120).

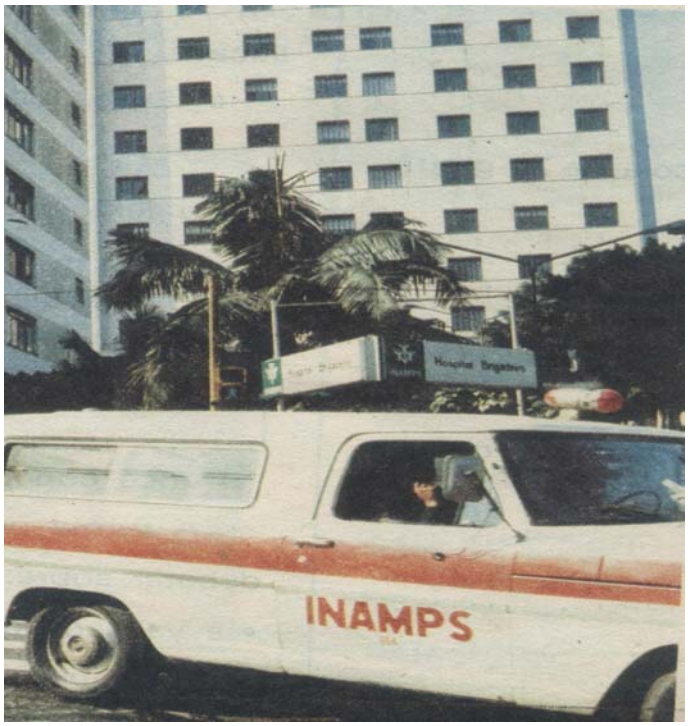

Figura 48: Ambulância faz propaganda do trabalho do governo.
Fonte: MOBRAL. *Um Passo a Mais*: *Textos geradores* (1981, p. 52).

Como tinha muito trabalho, o Governo fez uma reforma. “O Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS)[21] tem vários órgãos. Cada um faz um serviço para atender melhor o povo!”. (grifo acrescentado).

O livro didático divulga grandes obras do governo: região Amazônica, idéia de Brasil integrado. (p. 68). “Na região Amazônica, encontra-se a maior floresta tropical do mundo. E também a maior reserva de água doce da Terra. ”Até há pouco tempo só se colhia o que a natureza dava (extrativismo). “Hoje a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM)[22], Órgão do Ministério do Interior, financia projetos de plantações. (...) E a Belém-Brasília foi a primeira grande rodovia de integração da região”.

A realização constante de propagandas, inclusive, por meio do livro didático, faz parte das classificações realizadas pelo MOBRAL como práticas discursivas para construir sua imagem. Pode-se entender isso em dois pontos de vista. De um lado, as

---

[21] O SINPAS, criado em 1977, era composto por seis órgãos básicos: Inamps (assistência médica); IAPAS (administração previdenciária); INPS (benefícios previdenciários); LBA (assistência social); FUNABEM (assistência ao menor); e DATAPREV (processamento de dados). (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2007) SINPAS. Disponível em:<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/polsoc/previd/sinpas/apresent.htm> Acesso em: 14 dez. 2007.

[22] A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, autarquia vinculada ao Ministério do Interior, foi criada em 1966 com o objetivo de planejar e promover a execução, coordenar e controlar a ação federal na região de sua jurisdição. (SANDRONI, 1999)

representações possibilitam a apresentação pública de si mesmo, como faz Médici com Carlos Alberto (mostrado em página anterior). Além disso, O MOBRAL se apropria de uma prática, a alfabetização, e a representa, reorganizando-a conforme seus interesses particulares que têm como base uma disputa mercadológica. Unindo as duas possibilidades percebe-se a força da qual fala Chartier (2002, p. 170-171). Embora a força física fosse bastante utilizada no regime militar, a representação de si como imagem amistosa transforma-se em um modo mais forte de exigir respeito e submissão, por meio das lutas simbólicas, tornando as representações verdadeiras armas na dominação simbólica.

4.4.2 A monocultura é um erro: as contradições nas políticas governamentais

É possível mudar a natureza de um país tão grande? Sim, “o homem tem possibilidade de modificar o meio em que vive, para melhorar suas condições de vida”. (p. 72), mas, ele precisa manter o equilíbrio ecológico. O desmatamento e a caça desordenada, por exemplo, afetam toda região”. (p. 76). O livro comenta que “não se deu à terra o tratamento certo. O solo ficou esgotado e empobrecido”. Constata-se que a “monocultura é um erro (...) O Brasil já tratou de diversificar sua produção” (p. 24) .**Quarto aspecto de reflexão**: negam-se, contraditoriamente, os prejuízos da monocultura.

Sabe-se que a presença da monocultura, na década de 1980, destrói a pequena agricultura e evita que as populações locais tenham espaço para plantar o necessário para a alimentação familiar. No livro didático, a fim de evitar críticas, diz-se que a monocultura é um erro e o Brasil tratou de diversificar sua produção. Mas ao dizer isso, não indica a agricultura familiar como alternativa, e, apesar de dar exemplos de diversificação com o plantio de frutos, algodão e arroz, não deixa de mencionar a soja e a cana-de-açúcar, ou seja, monoculturas.

É importante lembrar que essa dubiedade nas políticas governamentais estava presente também na Revolução Verde, termo que serviu para denominar um modelo de modernização da agricultura utilizado pelo Brasil nos anos 1950. Seu principal objetivo era a intensificação da produção de alimentos no país, mas com a utilização exagerada de agrotóxicos, ocasionando a degradação ambiental ao meio ambiente. Segundo Castro (2003), mesmo anunciando o fim da fome no Brasil o modelo de produção aceitava a substituição dos produtos de subsistência por sistemas de monocultivo. Desse modo, entre os anos 1970 e 1985, a produção de alimentos básicos para a população cresceu somente 20%. Contrariamente, a produção dos produtos para exportação, como soja e cacau, teve crescimento de 1.112%. Portanto, é contraditório o que o livro destaca sobre a diversificação da produção agrícola, do uso do agrotóxico e da poluição ambiental.

O manual indica que a construção das ferrovias é exemplo de modificação no meio ambiente e de "capacidade técnica de nossa engenharia" (p. 74). Refere-se também aos tanques de salinas, na costa fluminense, e destaca que o Rio Grande do Norte é "o grande produtor de sal do Brasil". Volta a alertar o leitor para os cuidados com a poluição dos lagos, dos rios e dos mares. Os principais exemplos da modificação no meio ambiente estão nas hidrelétricas e na construção da ponte Rio-Niterói. (p. 72). O grandioso, portanto, constitui evidências da veiculação criativa do discurso pedagógico do MOBRAL.

4.4.3 O "Brasil grande" e a "eficiência" governamental

Não há limites para a atuação do governo neste "Brasil grande", termo subjacente em todo o livro. O governo atua, abre o mercado flutuante. "(...) Tem gerente e tudo. É coisa nova, do Governo. Dizem que foi o jeito que a Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL)[23] achou pra gente poder comprar os gêneros de primeira necessidade mais barato. Só sei que foi muito bom pra nós". (p. 84)

Essa falta de limite leva Paiva (1981) a considerar que o MOBRAL é um programa de impacto, como foi a Transamazônica no governo Médici, pois sucedeu a Cruzada da Ação Básica Cristã (ABC), como programa alfabetizador, e o Projeto Rondon como programa de ação comunitária. A Cruzada ABC recebia verbas dos acordos MEC-USAID. Este tinha como meta, segundo Paiva (1998) desenvolver, a partir de uma visão de integração e subordinação ao capital internacional, programas de alfabetização, mas que na prática se resumiu na distribuição de alimentos visando garantir a atividade voluntária dos professores.

O Governo estimula também "o Plano Ferroviário. O trem é o transporte ideal de grandes massas e de cargas que se destinam à grandes distâncias. Além disso, pode ser movido a eletricidade – forma nova energia mais fácil de ser obtida em nosso país" (p. 88)

O manual lembra a invenção da roda, que impulsionou o transporte, e que hoje, mesmo os meios de transportes mais modernos continuam a depender dela. Na história da evolução dos transportes brasileiros, está a presença do governo através da Petrobrás[24], a Marinha de Guerra e a Marinha Mercante. Assim diz o manual a propósito das estradas naturais: "O Brasil tem um litoral imenso, banhado pelo Oceano Atlântico. (...) Navios da Marinha Mercante navegam pela grande costa brasileira. Além da Marinha Mercante, temos

[23] A COBAL é explicada pelo livro da seguinte forma: "Em cidades brasileiras, funcionam mercados da COBAL, que vendem legumes frutas e verduras diretamente do produtor ao consumidor". (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 117). Segundo Sandroni (1999), a COBAL comprava grandes quantidades de gêneros e os distribuía aos varejistas, objetivando a redução de preços para o consumidor.

[24] Petrobrás – Petróleo Brasileiro S. A. foi criada em 1953 pela lei 2 004, que lhe confiou o monopólio estatal no setor de petróleo. (SANDRONI, 1999).

a Marinha de Guerra. Ela faz parte das Forças Armadas. Patrulha nosso mar territorial, que tem 200 milhas e também os rios de fronteira “(...). A construção de navios consome grandes chapas de aço. Nossa siderurgia possibilitou a criação de estaleiros”. (p. 92)

E o Rio São Francisco? “É considerado o rio da integração nacional, pois sua bacia fica toda em território brasileiro, e liga o Sudeste ao Nordeste” Suas águas possibilitaram a construção de usinas hidrelétricas. A hidrelétrica de Paulo Afonso, por exemplo, fornece energia a todo o Nordeste. (p. 94)

A partir da invenção do primeiro avião – o 14 BIS, em 1906, por Santos Dumont, o manual faz propaganda da aviação nacional: “Temos a aviação civil, que é comercial, e a Força Aérea Brasileira (FAB)que faz parte das Forças Armadas. O Ministério da Aeronáutica criou o Correio Aéreo Nacional (CAN), que faz parte da FAB”. (p. 96). O livro didático engrandece o trabalho do CAN: “A história do CAN é heróica”, porque “desde o início, com aviões antigos, o CAN ia a lugares muito isolados, sobretudo na Amazônia, levando remédios, correspondência, comida, transportando doentes e voltando com eles quando ficavam curados. Hoje, ainda, esse trabalho continua! (p. 96)

Mas existem outras criações, ou seja, a evolução dos meios de comunicação: a EMBRATEL ajuda os brasileiros a verem na hora os acontecimentos mais importantes do mundo inteiro (...) Telefonar é fácil. Para as pessoas da própria cidade, para outros estados e países. Hoje, até sem a ajuda da telefonista, já se pode falar na hora. É só usar o sistema Discagem Direta à Distância (DDD)” (p. 100). Será que os alfabetizandos teriam a mesma possibilidade na cidade de Campo Largo?

Figura 49: Funcionário da ECT exibe boné com a marca da empresa do governo.
Fonte: *Educação para o Trabalho* (1981, p. 100).

O manual mostra eficiência: “Os carteiros e mensageiros sabem da importância da comunicação entre as pessoas. Muitos andam quilômetros, mas não deixam de entregar a correspondência ou a encomenda que está sendo enviada. Cartas, telegramas, envio de dinheiro e de pequenas encomendas são de responsabilidade da Empresa Brasileira de Correios e telégrafos”. (ECT) (p. 101)

Este não é o único momento em que aparecem propagandas de empresas ou organismos governamentais. No âmbito das reflexões de Chartier (CHARTIER, 2002, p. 45), interpreta-se aqui que a propaganda em si já é uma estratégia simbólica. Ao complementá-la com o texto do balão, “(...) com meu trabalho posso aproximar as pessoas”, transmite também o simbolismo do trabalho como solidariedade. Essa estratégia simbólica indica a maneira como o governo militar constrói sua identidade, ou seja, coloca o trabalho na dimensão da solidariedade.

O Brasil é também uma pátria de muitas etnias (p. 28). A Inclusão da realidade imigrante visou substituir a mão-de-obra escrava. A força do Brasil está na agricultura e, desde 1830, o café se tornou um produto importante para o Brasil. Refere-se à imigração japonesa e italiana: “o que importa é que trabalham conosco para o desenvolvimento do Brasil”. (p. 28)

O Governo “vai tomando providências para que [as] necessidades do povo sejam atendidas” (p. 32). Diante do aumento da população, em 1964, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH), que usa parte do dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS)[25]. A Lei é “boa”, “permite que o trabalhador entre com o seu Fundo de Garantia como parte do pagamento, se já estiver trabalhando há cinco anos. Depois do pagamento da entrada, o trabalhador salda o resto das prestações”. (p. 32)

4.5 A perspectiva de relações sociais e de produção “sem” conflitos

Não existem conflitos na convivência entre os povos e entre as pessoas nos textos dos manuais. A lição relativa a índios, brancos e escravos negros (p. 14) atesta um romantismo histórico, pois as relações são retratadas como convivência natural ou específica. Não se fala dos efeitos negativos da colonização, nem dos efeitos negativos da evangelização. A chegada dos escravos e sua convivência com o homem branco, bem como a catequização dos índios por parte dos padres jesuítas são mostrados como elementos somente positivos.

[25] “Depósito bancário mensal, feito pelo empregador em nome do empregado, no valor de 8% do salário do trabalhador. O empregado só poderá retirar esse dinheiro nos seguintes casos: desemprego, aposentadoria, doença grave (pessoal ou de seus familiares), compra ou construção de casa própria e compra de equipamento para trabalhar por conta própria”. (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 77).

4.5.1 A marginalidade de índios e negros

Embora mostre que na maneira de vestir os índios se parecem com os não-índios e defenda que “eles preservam muita coisa de seus antigos costumes” (p. 14), portanto, algo positivo para o MOBRAL, os índios somente aparecem nas páginas 14 e 30. Eles são apontados como aqueles que não colaboraram com os colonizadores: “o índio, nativo da terra, além de nômade, não se submetia à escravidão dos senhores de engenho”. (p.16)

O manual coloca o negro em situação marginal. Negro é Severino da casa pequena do fundo do terreno (p. 34). Negro é aquele que estica um couro de boi numa parede para secagem (p. 30). Os negros operários são apresentados dentro de um caminhão com outros operários não negros (p. 46 e 48), dançando (p. 105), mostrando uma carranca do rio São Francisco (p. 94). A mulher negra é representada ao retirar água em filtro para beber (p. 40), ao observar um prato de alimentos descobertos, mas que aprende no MOBRAL a cobrI-lo para evitar doenças. Outras mulheres negras aparecem cozinhando (p. 44), trabalhando na enfermagem (p. 54), levando uma criança à vacinação (p. 110), comprando na feira com a criança ao colo. (p. 84)

O livro comenta a respeito de uma seção de cartas do Jornal Rural do MOBRAL, cujo autor conta a alguém que um “Prezado Senhor” que comprou um sitiozinho para começar a criação de pequenos animais e desenvolver alguns plantios, solicita exemplares do Jornal Mural desde o início porque “trazem orientações muito úteis”. (p. 23). Aqui fica clara a desconsideração pelos conhecimentos anteriores do homem do campo, como destacado anteriormente, reforçando o primeiro aspecto de reflexão. A criação de pequenos animais é atividade desenvolvida tradicionalmente por pessoas que trabalham no sítio. O autor poderia sugerir, por exemplo, que o autor da carta solicitasse os exemplares, mas para complementar os conhecimentos que já tinha.

A propósito da concepção dos analfabetos como atrasados, Freire (2002, p. 17) constata que ela

> [...] traz implícita uma deformada maneira de vê-los – como se eles fossem totalmente diferentes dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que essa experiência lhes deu e continua dando. Como seres passivos e dóceis, pois que assim são vistos e assim são tratados, os alfabetizandos devem ir recebendo aquela transfusão alienante da qual, por isso mesmo, não pode resultar nenhuma contribuição ao processo de transformação da realidade.

Aliás, o termo “cultura” é entendido como alfabetização do MOBRAL ou como “passagem” pelo Programa para “apropriação” da cultura, deixando subentendida a consideração de que o analfabeto não tem “cultura”, é um incompetente responsável pelo subdesenvolvimento do país, por isso o mal que atinge essas pessoas precisa ser

combatido. Novamente é colocada em desconsideração a “cultura”, sinônimo de tradições dos alfabetizandos.

4.5.2 Casas e lares brasileiros: desigualdades apagadas e “ausência” de conflitos

No livro didático o governo demonstra estar resgatando a agricultura como riqueza brasileira e por isso criou a EMATER[26], do Ministério da Agricultura e o Banco do Brasil, e explica que o motivo é que a agricultura é “a doce riqueza brasileira” (p. 16), como foi a cana-de-açúcar nos dois primeiros séculos de colonização.

Sob o título “Mais que uma casa”, diz o livro didático que “as casas não são iguais e nunca serão. Em geral elas são construídas de acordo com o clima local, o tipo de terreno, o material existente na região e as influências culturais”. (p. 30). Em momento algum se fala da desigualdade social relacionada ao poder de decisão de comprar uma casa x ou y. Todas são boas, e “mesmo simples, a casa deve ser amada pelos donos. Nela vive a família, procurando conviver bem com os parentes, vizinhos e amigos. Quando isso acontece, todos descobrem que têm mais que uma casa. Têm um lar”. (p. 30), ou seja, casas diferentes existem porque são feitas de materiais diferentes, que podem ser escolhidos por seus proprietários, dependendo do local em que moram. Esconde-se, portanto, que as diferenças nas possibilidades de escolha dos materiais a serem utilizados na casa não estão nos materiais, mas na condição econômico-financeira. E este é o **quinto aspecto de reflexão.** Aqui entende-se que o MOBRAL chama a atenção do leitor para a diferença dos materiais de construção disponíveis no mercado, e silencia as diferenças de possibilidades econômicas, uma prática cultural, portanto, mas que suscita lutas de oposição, uma vez que as pessoas que se identificam com a situação oposta se colocarão em outra posição.

E para construir a casa, o personagem Severino, por exemplo, “economizou parte do salário com sacrifício. Abriu uma caderneta de poupança e foi deixando o dinheiro crescer” (incentivo à poupança). “Ai apareceu um pedaço de terra jeitoso” (como por um milagre). Ele comprou o terreno”. Mas ele teve que fazer um barraco: “Lá mesmo, usando sobras de madeira, telhas velhas, portas que ganhou, fez o seu barraco, bem no canto do terreno, porque Severino já tinha seus planos: uma casa de tijolos, pintada, com banheiro e tudo. E uma varanda para os dias de domingo”. Ele relata também que comprou o material aos poucos e guardou. E agora todos os vizinhos o ajudam a construir a casa. A mulher dele faz feijoada para todos e até as crianças ajudam a carregar tijolos. As coisas são mostradas sem violências ou conflitos. Como por um milagre os vizinhos querem ajudar na construção.

[26] Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. A EMATER mantinha cursos para o agricultor. “Orienta o homem do campo nos tratos da terra: adubagem, semeadura, irrigação, etc.” (UM PASSO A MAIS, TEXTOS GERADORES, GLOSSÁRIO, p. 118).

O que todo trabalhador deveria ter: casa pintada com banheiro é colocado como sonho de consumo... A poupança exige paciência, construir uma casa exige dependência e mutirão.

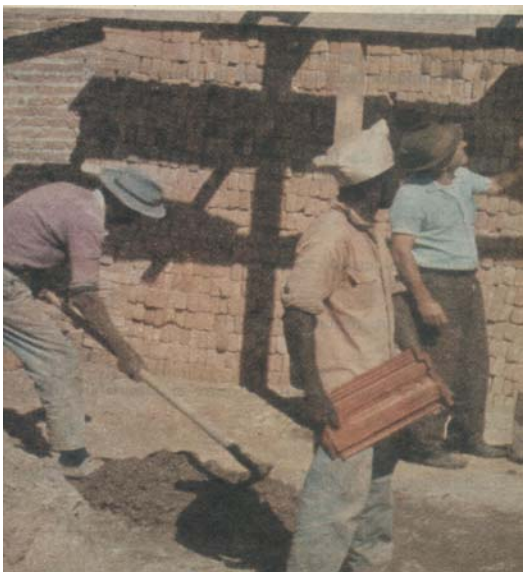

Figura 50: A construção da casa de Severino em mutirão.
Fonte: MOBRAL. *Um Passo a Mais: Textos Geradores* (1981, p. 34).

Essa suposta harmonia presente no campo é uma forma de mostrar o papel político do MOBRAL em seu controle do campo, como refere Paiva (1990, p. 11):

> Na concreta situação política do período, quando ainda se acreditava que o campo apresentava grandes riscos políticos e crescente tensão: a campanha alfabetizadora servia aí como ponta de lança para o controle político das massas, especialmente no interior, estendendo a todos os municípios brasileiros tentáculos capazes de perceber rapidamente não apenas as tensões sociais, mas também eventuais mobilizações de natureza política num período em que ainda vicejavam, bem ou mal movimentos guerrilheiros no campo.

O manual incentiva o banho diário, a apresentação de unhas cortadas, cabelos cortados e limpos, dentes escovados, não deixar que fiquem cariados, porque além do organismo se beneficiar com a higiene, também a aparência pessoal é favorecida, o que torna uma pessoa mais aceita pelo grupo.

Não existe chuveiro? Improvise-se um. “Basta fazer pequenos furos em uma latinha e, com habilidade, ligar essa lata a uma outra bem grande, que vai fazer papel de caixa-d’água. Assim você terá o seu chuveiro” (p. 58).

E perto da casa precisa ter uma horta. O manual explica que a soja substitui a proteína, a carne. A horta ajuda no orçamento doméstico. A foto que aparece é de uma horta bem grande (que não é característica da propriedade de quem precisa oferecer mão-de-obra no mercado de trabalho). Explica os cuidados básicos com a verdura crua. Com a horta não precisa comprar, economiza. (p. 36). A foto seguinte dá uma falsa imagem de

quem quer fazer uma horta, pois os trabalhadores não dispõem de tanto terreno para plantar, especialmente a soja. Aliás, a soja em geral não é plantada em hortas por exigir maior quantidade de terra.

Figura 51: terrenos de horta exemplificados pelo livro didático.
Fonte: MOBRAL. *Um Passo a Mais: Textos Geradores* (1981, p. 36).

Na verdade, o manual refere-se aos grandes proprietários de soja, como o exemplo de Campinas-SP onde “se desenvolveu um processo de industrialização da soja. As vacas mecânicas produzem leite de soja”. “A soja é um produto de exportação”. (p. 86)

Em Soja, um Bom Prato (p. 28), estimula-se a realizar a análise da terra para o plantio da soja, porque, “... dá bom preço no mercado e é um bom alimento”, além do mais, como diz o “sábio” João “serve para fazer muitas coisas. Tem até leite de soja”. São ensinados termos, como calagem da adubação de solo, plantio, irrigação, defensivos agrícolas recomendados pelo agrônomo (como observado anteriormente), depois a colheita e a venda para exportação. A lição fala do leite de soja, mas termina com a soja exportada e não ensina a fazer o leite de soja, o que poderia ser feito em dois quadrinhos. O tema dos defensivos agrícolas volta porque não havia preocupação em ensinar outras alternativas. Na verdade o agrotóxico, utilizado para controlar pragas e doenças, foi um dos principais itens do modelo agrícola brasileiro aplicado como parte de uma política oficial de incentivo que começou durante o regime militar, na década de 1970. O agrotóxico bastante difundido com a Revolução Verde era parte de uma estratégia que tinha como meta modernizar o país.

É contraditória, portanto, a apresentação da soja como proteína, pois no modo como é apresentada ela pode ser melhor aproveitada pelos que têm propriedades maiores, que são os mesmos que podem consumir carne diariamente.

Os cuidados com água são bem lembrados. A água deve ser tratada para não ser causa de epidemias. “Os governos estadual e municipal têm responsabilidade no

abastecimento de água para a população. Também, são responsáveis pela instalação e conservação da rede de esgotos" (p. 40). No entanto, na prática isso não ocorria a contento, problema que se agrava até os dias de hoje.

4.5.3 A abundância nas refeições – aspectos fantasiosos

Outro aspecto a destacar diz respeito às refeições. No manual *Educação para o Trabalho* (p. 22) – Uma Horta Não é Difícil, começa-se o discurso assim: "vamos começar a refazer toda esta parte da horta". Mais tarde, realizam a colheita e a venda. Depois a mulher aparece como compradora em uma mercearia, que vende legumes e verduras cultivadas por esta horta, com abundância de verduras. Em casa aparece uma mesa farta com a presença de muitas verduras. "Legumes bem cuidados garantem boa alimentação....", diz o último quadro. Na página de atividade, o livro incentiva a retirar do solo tudo o que precisa para suas necessidades. (p. 22)

Figura 52: Almoço familiar.
Fonte: MOBRAL. *Educação para o Trabalho* (1981, p. 22).

Há ainda o exemplo do café da manhã do personagem Raimundo, que "é reforçado com frutas e leite". Quando ele sai para o trabalho, leva a marmita "que Maria prepara todos os dias com muito amor". Porque ele é pedreiro e come "arroz, feijão, verduras e legumes com carne". Dentre as carnes, o manual exemplifica, peixe, aves, porco, boi, coelho, cabrito e carneiro. No Norte: pequenas tartarugas, paca, tatu, jacaré e carne de cavalo. E o manual ensina o aproveitamento de todas as partes dos animais. A idéia é de que a proteína é indispensável para o organismo.

Da mesma forma, o manual sugere que "a mulher que espera criança ou está amamentando precisa tomar leite, comer frutas, legumes, verduras, ovos e carne. Tanto a gestante quanto a mãe que amamenta dá para o seu filho, de um modo ou de outro, parte do que come" (p. 54).

Será que na cidade de Campo Largo, um pedreiro ou as mulheres gestantes teriam condições de usufruir de um café da manhã tão reforçado? E o almoço teria carne todos os dias? O manual fala de uma realidade que a maior parte dos alunos não vivencia. É uma realidade fantasiosa, ou seja, o texto oferece representação de imagens de abundância de alimentação para que os leitores acabem por aceitar que a abundância existe mesmo, pois isso conduz a pensar que se eles não se alimentam tão bem é porque eles estão sendo incompetentes por não estarem preparados para o mercado de trabalho ou por não serem alfabetizados. Este é um exemplo de como as apropriações, segundo Chartier (1990), são práticas de produção de sentido, ao dependerem das relações estabelecidas entre texto, impressão e modalidades de leitura. O historiador precisa dar especial atenção ao sentido das formas materiais que constituem a leitura, pois os dispositivos visuais comandam a imposição do sentido do texto. Em outras palavras, a abundância de alimentação mostrada à mesa, com fotos coloridas, são recursos materiais utilizados para defender uma forma de representação ancorada em paradigmas do regime militar.

4.6 A relação do MOBRAL com o alfabetizando: análise dos quadrinhos do livro Educação para o Trabalho

Entre as concepções pedagógicas da prática escolar, a Lei 5.540/68 e a Lei 5.692/71 representam a tendência liberal tecnicista e constituem os marcos da implantação desse modelo.

A tendência liberal tecnicista concebe o papel da escola como modeladora do comportamento humano mediante técnicas específicas e informações ordenadas em seqüência lógica e psicológica, a qual utiliza técnicas e procedimentos para transmissão e recepção de informações, numa relação professor-aluno caracterizada pelo papel do professor que transmite e do papel do aluno que fixa as informações transmitidas, ocorrendo uma aprendizagem que tem o desempenho como base, ou seja, não existe a preocupação com o processo mental do aluno, mas com o produto desejado. (FUSARI, 1992)

A escola tecnicista surgiu no Brasil aproximadamente na metade da década de 1950, mas foi introduzida no final dos anos 1960, e mais intensamente a partir de 1978. Entre seus representantes ou teóricos estão Skinner, Gagné, Bloom e Cosete Ramos. (MACHADO, 1991)

Na psicologia, destacaram-se os behavioristas, os comportamentalistas, os ambientalistas e os instrumentalistas. Filosoficamente, conduz-se pelo neopositivismo o conhecimento científico analítico que requer exatidão e clareza. Os conteúdos têm como apoio os princípios científicos, manuais e módulos de auto-instrução que levam à competência técnica. O material de instrução é sistematizado em livros didáticos, apostilas e

manuais. A avaliação prioriza o uso dos textos objetivos, diretamente ligados aos objetivos estabelecidos, prática que se apega especialmente aos livros didáticos.

Nesta perspectiva, o professor é um técnico que se responsabiliza pela eficiência do ensino que transmite. O aluno é um espectador que é preparado para o mercado de trabalho.

É importante lembrar que antes da Segunda Guerra Mundial, a educação de adultos era incorporada à educação denominada popular para a propagação do ensino elementar. Após a Segunda Guerra, como ocorria em outras partes do mundo, a educação de adultos tornou-se independente da educação elementar e muitas vezes se orientava por objetivos políticos. (PAIVA, 1970)

Segundo Beisiegel (1982, p. 174), o MOBRAL ofertava à população as quatro primeiras séries do ensino fundamental. “Buscava-se instituir um movimento permanente de alfabetização e semiprofissionalização de adolescentes e adultos, durável enquanto persistissem as elevadas taxas de analfabetismo observadas no país”.

No entanto, não tinha isso como limite, pois se ampliava na atuação de vários programas, lançados anualmente, na década de 1970, que eram especificados desde o Programa de Alfabetização Funcional até o Programa de Atendimento Pré-escolar, incluindo o Programa de Profissionalização e o Programa de Educação Comunitária para o Trabalho, o que leva Paiva (1981, p. 86) a afirmar que essa nova campanha de massa deve ser entendida não somente em idéias que vinculam educação e desenvolvimento econômico, mas seu uso no controle da população.

Duas eram as tendências quanto à educação de adultos no final da década de 50: a educação de adultos, sinônimo de educação libertadora e como conscientização, a partir de Paulo Freire, e aquela entendida como educação funcional, que visava “o treinamento de mão-de-obra mais produtiva (GADOTTI, 1992, p. 6). Esta corrente, na década de 70, possibilitou o desenvolvimento do sistema MOBRAL, cuja criação tinha como meta controlar principalmente a população rural.

4.6.1 Relações de representações entre os autores do MOBRAL e os alfabetizandos no livro Educação para o Trabalho

Busca-se entender as relações existentes entre os autores dos manuais do Mobral e o alfabetizando, lembrando que tanto os bens simbólicos quanto as práticas culturais nas histórias em quadrinhos, são objetivos de lutas sociais nas quais estão em jogo a qualificação e a desqualificação, entrando em jogo as lógicas próprias, utilizadas como estratégias tanto nos usos (por parte do governo) quanto nos modos de apropriação do que é imposto por parte dos alunos.

A história em quadrinhos é definida como “narrativa gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam” (CIRNE *et al*., 2002, p. 14). A história em quadrinhos não tem como ponto inicial um ano determinado. Cirne *et al.* (2002) apontam o período de 1814-1895 como o primeiro, quando os quadrinhos ainda são histórias ilustradas. Após 1895 até 1934 os quadrinhos se inserem no âmbito da indústria cultural, especialmente na grande imprensa. De 1934 até os anos 60 e 70 as revistas se tornam o suporte das histórias em quadrinhos. Nos anos 80 as novelas gráficas atingem seu ponto alto, com a retomada das propostas quadrinizantes. Nesse contexto é escrito *Educação para o Trabalho*.

Para a análise do conteúdo, primeiramente examina-se o grau de repetição existente entre as **palavras negritadas** pelos autores do Manual.

Observe-se o quadro 2. As três palavras mais repetidas entre as selecionadas (ver anexo 3) são **trabalho, Comissão Municipal do MOBRAL e Balcão de Emprego do Mobral**. Mas também são consideradas importantes a **carteira de trabalho**, a **escolha da profissão** e a leitura dos **Volantes de Informação Profissional na Comissão Municipal do MOBRAL**.

QUADRO 2 - PRIORIDADES ENTRE AS PALAVRAS NEGRITADAS NO MANUAL *EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO*

Trabalho	**13**
Comissão Municipal do MOBRAL	**12**
Balcão de Emprego do MOBRAL	**7**
Carteira de Trabalho	**6**
Profissão	**6**
Volantes de Informação Profissional na Comissão Municipal do MOBRAL	**5**
Ferramenta	**4**
Aperfeiçoar-se	**4**
MOBRAL	**4**
Indústria	**3**
Colheita	**3**
Salário	**2**
Pragas	**2**
Normas de segurança	**2**
Mudas	**2**
Irrigar	**2**
Galpão	**2**
Cooperação	**2**
Correspondência	**2**
Adubar	**2**

Das demais, indústria e colheita são as mais repetidas, talvez, por serem meios de aproveitamento de mão-de-obra com a qual o MOBRAL muito se preocupava.

Como segundo procedimento, são analisados os textos presentes nos balões e legendas dos quadrinhos, questionando o que dizem aos leitores alfabetizandos, no contexto de que os bens culturais são produzidos conforme regras específicas. Se criar é uma iniciativa dependente de regras e de códigos de inteligibilidade, o ato de apropriação é socialmente determinado de maneiras diferentes, conforme costumes, inquietações, perspectivas e organização e diferenciação socialmente compartilhados (CHARTIER, 1999, p. 9-10 e 1999a, p. 91-92)

Na primeira lição**, Trabalho de Ontem de Hoje e Amanhã,** (p. 6), o ambiente mostra uma sala de aula, com homens adultos vestindo camisas de várias cores (não existem mulheres, índios ou negros). Os alunos apóiam seus cadernos ou livros sobre mesas grandes e sentam-se em bancos. O professor assume o início da aula, com a explicação do surgimento do trabalho, palavra destacada no texto. Ele usa óculos, camisa branca e um jaleco alaranjado.

4.6.2 “O progresso leva ao desenvolvimento”

As perguntas que os alunos fazem ao professor no manual referem-se à época da construção de moradias e do surgimento do comércio. Mas, o foco da atenção do livro é o surgimento da máquina (p. 7), a ceifadeira, a debulhadora, os tratores e o automóvel, que substituem o trabalho e partem do esforço humano, aumentando a produção. Não se fala em desemprego. O aluno é aquele que pergunta, ele “não sabe”, o professor responde. O aluno só deixa de perguntar para exclamar: “E o progresso levou ao desenvolvimento!” E o professor acrescenta que assim surgem novas oportunidades de emprego, mas ninguém está preparado. “Por isso precisam fazer cursos de treinamento profissional”, acrescenta outro aluno. E o professor complementa e dá o desfecho: Este último quadro aproxima o rosto do professor que responde: “(...) E aperfeiçoar-se sempre. E para isto o MOBRAL pode encaminhá-los”.

Sexto aspecto de reflexão: o progresso leva ao desenvolvimento. O treinamento profissional se dá mediante o MOBRAL. É evidente, neste ponto do livro, como em outros também, a leitura evolucionista que o livro faz da relação dos homens e seus projetos na sociedade. Por que neste momento era tão importante ao MOBRAL afirmar que o progresso levou ao desenvolvimento? Por que a intervenção das Forças Armadas, em 1964, empregado por parte da burguesia brasileira, tinha como meta aliar-se ao capital internacional com o objetivo de romper com o modelo nacionalista de desenvolvimento e fortalecer a forma imperialista de “progresso” (XAVIER; RIBEIRO; NORONHA, 1994), ou seja, a ditadura civil-militar teve como característica o alinhamento da economia nacional ao padrão de desenvolvimento capitalista em voga nas décadas de 70 e 80, apesar das

resistências encontradas no país. Nesse aspecto era preciso, portanto, que o “progresso” fosse apresentado como sinônimo de desenvolvimento também no livro didático do MOBRAL.

Para melhor convencimento do leitor as frases-chave são pronunciadas pelos alunos. As mulheres não são mostradas, não são apresentados, da mesma forma, os negros. Na página de atividades, o livro didático questiona se os alunos trabalham e os encaminha ao Balcão de Emprego do MOBRAL ou à Comissão Municipal do MOBRAL.

4.6.3 A preparação para o trabalho em profissões que não demandam escolarização continuada e uma organização mais apurada

Na segunda lição, **Procurando Emprego** (p. 10), de uma única página, aquele que “não sabe” é o Carlos, e o Alfredo é o colega que “sabe” e representa o MOBRAL. Alfredo consegue um emprego pelo balcão de emprego do MOBRAL em um armazém e estimula o amigo a fazer o mesmo. Alfredo acompanha Carlos, que leva a carteira de trabalho ao balcão de empregos e é contemplado com uma vaga de entregador.

Nos cenários do Balcão de Emprego do Mobral, do armazém e do açougue não se vêem mulheres ou negros. Alfredo e Carlos estão contentes, de modo que o último quadro foca Carlos pensando que “o Balcão de emprego e as informações de educação para o trabalho me ajudaram a escolher um bom emprego.” (p. 10). Na página das atividades reforça-se em cor laranja: “Existem instituições que ajudam você a conseguir um emprego. O MOBRAL, através do seu Balcão de Emprego, é uma dessas instituições”. O livro deixa claro que todos podem ter um emprego, desde que se preparem, pois falta mão-de-obra especializada.

A **Satisfação no Trabalho** é abordada na p. 12. O manual mostra um senhor de barba, “seu Lúcio”, sentado confortavelmente na varanda de sua casa, que conversa com um rapaz, seu conhecido, sentado sobre o muro diante de sua casa. Quem pergunta é o rapaz, o Carlos, o “sábio” é o outro. Qual é o foco da questão? Pensar para escolher a profissão e ficar feliz com o trabalho que conseguiu. O diálogo se desenvolve a partir da constatação do rapaz a propósito do vizinho: “O vizinho está sempre contente. Acho que é porque ele ganha dinheiro”. Lúcio diz que isso não é tudo, pois o que vale mesmo “é trabalhar naquilo que gostamos e temos jeito”. O rapaz pergunta então: “E o tio Artur gosta do que faz? Ele volta sempre cansado”. “Seu tio Artur se cansa por causa de sua má saúde, não pelo trabalho.” Ou seja, a ordem social é perfeita. Se algo está errado é porque o sujeito, no caso o tio Artur, está doente. A página faz propaganda do próprio Manual de Educação para o Trabalho e termina incutindo a idéia de pensar muito para escolher a profissão, ou seja, se você não escolher direito ou é porque está doente ou porque não

refletiu bem. As profissões todas estariam mesmo acessíveis aos alfabetizandos? Nesta página, a mulher e o negro ainda não estão presentes.

Sétimo aspecto de reflexão: O manual foca bastante os empregos que deveriam ser preenchidos no mercado, ou seja, de um lado repete que o alfabetizando precisa pensar bem antes de procurar um emprego, como se ele tivesse a possibilidade de escolher qualquer um que quisesse, e de outro lado aponta as possibilidades existentes.

Aqui é colocada a idéia de tensão porque se está diante de um recurso discursivo de aparente contradição. Ao enfatizar as duas idéias relacionadas ao emprego, pode-se interpretar, como indica Chartier (2001), que as tensões revelam um potencial explicativo. Se o objetivo do livro é fazer com que o aluno do MOBRAL, que é um trabalhador, não deve somente perceber a aparente contradição, mas sentir-se desafiado a pensar antes de procurar um emprego, por outro lado, ele tem a liberdade de intervir ou questionar o lugar que realmente lhe cabe no mercado, mediante as ofertas existentes. O livro quer que o estudante do MOBRAL se sinta valorizado em qualquer um dos empregos apresentados, que coincidem com a realização dos projetos industriais e com a "permanência de um poder" (CHARTIER, 2002, p. 169). Por isso pede ao estudante que pense bem antes de procurar um emprego, desafia-o para que ele o busque, podendo ser qualquer um.

4.6.4 A romântica cooperação que torna o trabalho "solidário"

A ordem precisa ser garantida pelas máquinas. A terceira lição **Tudo em Ordem** (p. 14) mostra a visita de um supervisor de segurança do trabalho (observe-se que o alfabetizando vai aprendendo todo o vocabulário necessário para prestar serviço de mão-de-obra). O supervisor chama a atenção para alguns aspectos que podem ser, inclusive, reivindicados pelo próprio trabalhador, como lubrificação das máquinas, cuidados com o seu uso, utilização de luvas e máscaras de limpeza, ou seja, o local de trabalho precisa estar em boas condições de funcionamento. Nas atividades, solicita-se ao aluno buscar no Glossário o significado das palavras novas e se acostumar com as palavras relacionadas à fábrica, à indústria e ao mundo do trabalho.

"Campo e cidade vivem em harmonia, no livro, pois um depende do outro" (p. 22). A cooperação ocorre não somente no campo, como se viu anteriormente, mas também na cidade. O tema da ajuda ou cooperação, (não por motivos solidários), também é focado. Utilizando o tema **Com a Cooperação Tudo Fica Mais Fácil** (p. 16), desenvolve-se a cena em um depósito. Enquanto Joaquim carrega diversos materiais, aparece do nada o "sábio", o André, que o questiona por que está trabalhando sozinho. E embora Joaquim preferisse trabalhar sozinho, o estranho pergunta se ele não tem parentes, vizinhos e ele mesmo os chama para ajudar. Eles aceitam prontamente. E André reforça a idéia: "juntos produzimos

mais". Fica clara a visão romântica da vida com a vizinhança também na cidade, pois as pessoas se oferecem para trabalhar e outros, ao serem convocados, o fazem prontamente. Nas atividades aparecem os termos cooperação e trabalho em equipe ao lado da solidariedade (p. 17). Por meio da linguagem e da visão romântica da realidade, o MOBRAL se mantinha como a grande esperança política e educacional do "milagre brasileiro". A propósito, Cunha e Góes consideram que os pedagogos da ditadura, os economistas e militares não consideravam que a maior parte da população via piorar cada vez mais suas condições de vida. O MOBRAL tinha como objetivo, no contexto de um governo autoritário, anti-revolucionário criar mediante a linguagem romântica da realidade uma base política de novos eleitores para a manutenção do regime.

4.6.5 A "construção" da relação patrão-empregado e o papel do consumidor

Até a página 18 do livro *Educação para o Trabalho* a presença da mulher, como a dos negros, é silenciada. Agora a mulher aparece como secretária de uma empresa que contrata um novo vidraceiro. Formulário a preencher, carteira de trabalho, expediente de oito horas e uma hora para almoço são as orientações que ela lhe transmite. O patrão aparece como um cara bom – paga, inclusive, as horas extras e não desconta os dias que faltou. Isso ocorre porque ele justificou as faltas levando o atestado conseguido junto ao INAMPS. Aparecem as siglas Programa de Integração Nacional (PIS)[27] e Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP)[28] dos quais o trabalho desfruta os juros e o 13.^{0} salário, ou seja, confirmam-se as obrigações do trabalhador, suas punições, horas-extras e documentos. Aqui, aquele que "não sabe" é o vidraceiro. O dono da indústria (que usa bigode) é o que "sabe", ajudado pela secretária. No final do ano, com o 13.^{0} salário o manual diz que o vidraceiro vai comprar presentes de Natal, ou seja, o livro didático, depois de fixar as palavras de seu interesse, como PIS/PASEP, INAMPS, de destacar que todo profissional tem deveres e direitos a cumprir, estimula a gastar o 13.^{0} salário.

Os temas **Semente Hoje... Flor Amanhã (p. 24)**, e **Em Ponto de Colheita (p. 26)** referem-se a semeaduras, sementeiras, mudas, viveiros, cultivo, colheita, transporte e venda. Ensina-se o preparo do solo com adubos a partir dos cursos de jardinagem para enxertos. A mulher não é representada. Adolescentes exercem o papel de sobrinhos. Nas atividades o livro foca o cultivo do solo, a extração vegetal e a pecuária como oportunidades

[27] 'Programa de Integração Social', instituído durante o regime militar pela lei, mas foi estabelecido pela Constituição de 1946, embora não tenha tido repercussões na prática.
[28] Sigla para Patrimônio do Servidor Público. Nome dado ao fundo constituído mediante contribuições de empresas públicas e cujos recursos devem ser usados em benefício aos servidores públicos

de emprego e de treinamento profissional. Procura-se fixar no leitor a idéia da busca por um emprego e da necessidade do treinamento profissional.

4.6.6 Industrialização rápida e liberação da mão-de-obra rural

Segundo Silva (1992), na época do regime militar (1964-1985), a modernização incluía a rápida industrialização, a construção de infra-estrutura, como centrais elétricas, portos, sistemas de comunicação e a liberação de parte da mão-de-obra rural para trabalhar as indústrias da área urbana. É nesse contexto que se entendem também os próximos parágrafos.

Uma novidade é acrescentada em **Criando Aves** (p. 30). O agrônomo ensina a substituir as galinhas soltas por galinhas presas, que engordam mais depressa. Para tanto, mostra o processo de preparação de rações de engorda, de crescimento e de postura das aves, bem como o controle da temperatura da chocadeira, como funciona o galpão das poedeiras e a vacinação. No projeto de modernização do Brasil com aves, a mulher aparece somente no último quadro, enquanto trata galinhas soltas, portanto, na atividade já "ultrapassada". Nas atividades estimula-se: "Criar aves é bom negócio: servem à alimentação de toda a família e podem, também, ser vendidas".

Em **É tempo de Pesca** (p. 34), a profissão da pesca para vender na feira aparece como uma boa opção. A mulher compra o peixe e o prepara. No último quadrinho, o livro reforça: "Coma peixe. Peixe é um bom alimento.

Mas o pasto (como é mostrado na p. 36) também oferece opções de trabalho. Aparecem as tarefas de peão, que cuida do gado, de capataz, que faz a vistoria, e do veterinário, que orienta os peões quanto à vacinação. "O gado é levado de trem para o matadouro".

O projeto de modernização e industrialização inclui as cooperativas. A lição **Criando Gado Leiteiro** (p. 38) mostra um jovem e uma jovem, agricultores. Eles chegam no momento em que o Manuel está ordenhando uma vaca. Antes de se aproximarem dele, manuseiam o feno que está próximo. Quem "não sabe" é a jovem, Rosa, e o rapaz é quem "sabe". Ele explica sobre a higiene e sobre os tubos da ordenha. Diz que o leite é recolhido nos latões que são encaminhados à cooperativa e à fábrica de queijos. Em momento algum a conversa conta que os agricultores fazem queijo conforme suas tradições. Aquele que tira o leite sequer é ouvido. Ele não se manifesta. A associação à cooperativa é estimulada para vender o leite a bom preço e dar assistência veterinária. Posteriormente, a menina fala ao avô para associar-se à cooperativa e ele concorda. A indústria de laticínio também é ressaltada.

Ao se tratar de **Trabalhadores da Mata** *(*p. 40), a derrubada das árvores para fabricação dos móveis é estimulada, com o surgimento de novas profissões, como mateiro, guarda florestal, arrastadores de árvores e transportadores de toras. Eles abrem caminho no meio da mata para que o transportador busque a madeira derrubada. Ressaltam-se os cuidados com as normas de segurança e as atividades se realizam com a presença do guarda-florestal.

Os quadrinhos se constituem em linguagem de fácil acesso e memorização. De acordo com Chartier (1998, p. 92), "a transformação das formas e dos dispositivos através dos quais um texto é proposto pode criar novos públicos e novos usos (...) . Os novos dispositivos formais que o propõe a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão".

Em **Fabricando Móveis** (p. 42), outras profissões são explicadas. Dois amigos se encontram. O início da conversa acontece porque um quer saber se o outro conseguiu emprego na firma de móveis, como marceneiro. Ele explica: "Como gosto do meu trabalho... é interessante ver a tora de madeira chegar à fábrica, trazida pelo chofer de caminhão, desembarcada pelo carregador" (p. 42). O empregado pergunta ao "instrutor". Aquele que manda fazer o armário também pergunta ao "instrutor". Na página de atividades destaca-se: "Toda ocupação é útil à sociedade. A fabricação de um móvel envolve a participação de diversos profissionais, para que na soma dos esforços de todos se realize uma obra em comum", surgindo assim o **oitavo ponto de reflexão**: A soma dos trabalhos individuais seria igual a uma obra comum? Na verdade, o manual reforça o trabalho com a idéia de comunidade, dedicação e solidariedade, enaltecendo sua dimensão de co-participação social. Dessa forma, é desejável para o sistema que aquele que sai da área rural, onde muitas atividades são desenvolvidas em cooperação familiar, continue vivenciando essas características no interior das fábricas, das indústrias, das lojas, das oficinas, entre outros, pois além de colaborar com a relação pacífica patrão-empregado, apresenta menores chances de rebeliões, greves ou reivindicações trabalhistas.

Fabricando Calçados (p. 46) é o tema que continua o da fabricação. São as fábricas e as indústrias que empregam as pessoas. A idéia é a fabricação em série. Para início de conversa chega uma senhora à procura de uma sandália resistente e bonita. Ela examina o couro, que está bem curtido, ou seja, de primeira qualidade. O fabricante segue o molde "para que os calçados se ajustem bem" (p. 46), em seguida as dobras são pespontadas pelo pespontador de calçados, e ele dá os últimos retoques. O fabricante era antes um sapateiro que trabalhava por conta própria, agora trabalha em série, ou seja, foca-se a passagem do trabalho artesanal para o trabalho industrial, visando o aumento da produção. Mais uma vez aparece o sucesso das máquinas.

Olha o Pão Quentinho, começa a página que trata da preparação do pão (p. 44). É a profissão do padeiro. Ele trabalha com moinho, farinha, grãos e pão. A criança aparece pela primeira vez no livro para perguntar de onde vem a farinha e o trigo. As mulheres aparecem para comprar.

Em **Tecido de Sua Roupa** (p. 58), o livro indica o que é necessário para confeccionar o tecido. O dono, "seu Jacinto" orienta o seu empregado para que ajuste os fios. O próximo passo é levar os rolos confeccionados para o setor de acabamento e tinturaria e em seguida ao serviço de bobinador. A esposa de Jacinto vende o tecido. Os compradores gostam do seu colorido e levam pacotes para presente. A matéria-prima do campo, que são as fibras de algodão e o sizal, entre outros, são transformados em tecidos.

A mesma idéia é demonstrada na página com o título **Com Agulha e Linha** a mostrar o trabalho da costureira e do alfaiate. O rapaz que ajuda o alfaiate é o calceiro. A costureira chuleia o vestido. Preparando-se para o casamento, um rapaz procura o alfaiate e uma moça procura a costureira. A moça quer ser modista.

No entanto, a moça poderia ser babá ou empregada doméstica. Na lição **Sou Importante em sua Casa** (p. 60), duas jovens se encontram na rua e comentam sobre suas profissões. Em casa uma delas conta para a patroa que a colega fez um curso para empregada doméstica do MOBRAL e lhe pede para fazer também. Prontamente a patroa, dona Sônia, concorda para que aprenda, inclusive, a planejar as refeições. Na página de atividades (p. 61), em letras diferentes, o livro estimula o alfabetizando a buscar informações sobre os direitos da empregada doméstica.

Uma outra profissão associada à mulher está em Num Escritório (p. 70). Seu papel é escrever a carta de seu patrão. Mas aparece também o auxiliar de escritório cuja função é reproduzir o que ela anotou e ordenar os arquivos, ou seja mostra que "para que qualquer empresa tenha organização em seus serviços, é preciso que sejam desenvolvidas atividades de escritório. Arquivar, fazer correspondências, datilografar são algumas desses atividades necessárias ao bom funcionamento de uma empresa (p. 70)

O livro didático apresenta também os trabalhos **Num Restaurante** (p. 52), **Um Dia no Hotel** (p. 54) e **Trabalhando em Um Edifício** (p. 56). Para o restaurante são oferecidos no balcão de empregos, serviços para garçom. No hotel, as profissões apontadas são carregador, recepcionista, camareira, passadeira, barbeiro e garçom. "A tarefa que cada um realiza é importante para o bem da coletividade. Por isso, todo trabalho deve ser um direito do homem, um dever social, uma realização pessoal". (p. 55), reforça o livro didático. No edifício, aparecem as profissões de porteiro, zelador, faxineiro e vigia. E a mesma idéia "todas essas ocupações são importantes para o bem-estar daqueles que nele vivem ou trabalham". (p. 57), idéia que procura fixar mais uma vez o apagamento das diferenças.

Os eletricistas são apresentados em **Meu Rádio Parou** (p. 62). Destacam-se os vários ramos de eletricidade, por isso um jovem precisa saber se quer ser um eletricista e conhecer bem, pois existem eletricistas de automóveis, instaladores e enroladores de motores, de aparelhos eletrodomésticos. Então: “consulte, se necessário, os Volantes de Informação Profissional na Comissão Municipal do MOBRAL, ou algum profissional, que você conheça, ligado ao setor de eletricidade”. (p. 63). Já em **Numa Oficina de Automóveis** (p. 64), as profissões apresentadas são as de mecânico, lanterneiro, eletricista, borracheiro, lavador de carros e frentista.

Tratamos de Sua Saúde (p. 66) é o tema da história da mãe que busca um médico para o filho, pois ele não se alimenta há dois dias. Enquanto o menino fica no hospital a auxiliar de limpeza mostra o hospital para a mãe, desde a lavanderia, onde as roupas são “desinfetadas para evitar transmissão de doenças”, passando pela cozinha, que conta com uma nutricionista. Ela é convidada a tomar um cafezinho servido pela copeira. A mãe conclui: “puxa, aqui tudo é limpo e muito arrumado!”. (p. 66)

A última história em quadrinhos do livro tem o título **O Trabalho Gratifica**. Alberto é convidado para um almoço de confraternização porque vai se aposentar. Jovens aparecem comemorando, ou por terem tirado a carteira de habilitação de motorista, ou por se tornarem auxiliares mecânicos. Alberto diz que está feliz, pois “com meu trabalho pude criar meus quatro filhos”. (p. 72). É o primeiro e o único momento em que as pessoas comemoram algo.

Como **segunda parte da análise** do manual *Educação para o Trabalho* procede-se à verificação da apresentação técnica dos quadrinhos.

As páginas apresentam três padrões de conjunto de quadrinhos para as histórias de cada lição: onze, nove, oito e sete quadrinhos. Os tamanhos são diferenciados. O uso gráfico subordina-se à narrativa e ao formato dos balões. Os tamanhos variam, os mais comuns são: 9 cm x 6 cm; 12 cm x 6 cm; 6 cm x 7 cm; 5,5 cm x 5, 5 cm, 4 cm x 5,5 cm.

Figura 53: Exemplos de balões utilizados pelo MOBRAL [29]
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 12).

Os balões têm formato ligeiramente circular e as legendas se apresentam retangulares. Os balões encerram em seu interior perguntas, respostas e considerações. Embora dêem a idéia de diálogo, este acontece parcialmente, pois quem pergunta são sempre os que "não sabem" e os que respondem são sempre aqueles que "sabem". Não ocorre, por exemplo, que aquele que "sabe" pergunte àquele que "não sabe": "como você está?". Os balões do livro apresentam as conversações e, às vezes, os pensamentos dos personagens. O tipo de balão mais utilizado é o balão-fala, que mostra o discurso direto dos personagens, tem contorno constante. Também ocorre, em seis das setenta e duas páginas, no último quadrinho de cada página, o balão pensamento, que tem o continente (formado pelo corpo do balão) ondulado e o rabicho (ou apêndice) em pequenos círculos. É uma informação exclusiva ao leitor. É endereçada ao leitor, o alfabetizando do MOBRAL. (ACEVEDO 1990)

[29] Observe-se que aquele que "sabe" é desenhado com barba longa e roupa branca, lembrando uma figura profética ou mítica.

Figura 54: Balão pensamento.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 12).

Dentre os tipos de balões, o livro utiliza o da fala em forma de perguntas, respostas e adesões, e o do pensamento, como já citado no parágrafo anterior.

No livro, as cores de fundo mais comuns são amarelo, verde, azul, cores da bandeira brasileira, e aparece a cor laranja, especialmente no interior das casas e das lojas. Os textos são padronizados: letras pretas em fundo branco. Nas atividades, as partes mais chamativas estão em cor laranja.

Os autores trabalham com poucas elipses. Não existe ruído onomatopaico (criação de palavras a partir do som natural produzido por um ser animado ou inanimado) nem expressões de fúria ou de alegria. Mesmo quando as pessoas sorriem o fazem comedidamente. As expressões mais comuns são de atenção, reflexão e consideração.

O personagem, ser fictício responsável pela realização do enredo que faz a ação, pode ser protagonista, antagonista ou secundária (ACEVEDO, 1990). Em *Educação para o Trabalho***,** é a protagonista que “tem as respostas”. No entanto, assume diferentes expressões (professor, empresário, amigo, amiga, conhecido, etc.) em cada nova história e usa roupas diferentes. O personagem ou “aquele que sabe” ou “aquele que tem as respostas” é representado pelo sexo masculino.

Nas histórias em quadrinhos, tempo e espaço são a mesma coisa (McLOUD, 1993, p. 100), pois é a quantidade, o tamanho e o formato dos quadros que, unidos aos balões e às ações desenhadas, possibilitam que o leitor se dê conta do tempo. Como em outros autores, para dar idéia de ações mais demoradas, os autores do MOBRAL colocam mais quadrinhos na mesma página, como na figura a seguir.

Figura 55: Ações mais demoradas requerem mais quadrinhos na mesma página.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 48).

Utilizam também quadros de formato retangular ou um ou outro quadro de tamanho maior do que ele vinha utilizando (como na p. 44).

Figura 56: Formato retangular ou quadro de tamanho maior do que ele vinha utilizando.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 12). Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 44).

Quanto ao narrador, elemento estruturador da história, apresenta-se na terceira pessoa, pois suas características são a onisciência e a onipresença, apesar de limitar-se a

comentar em breves legendas mostra bem sua presença: “Algum tempo depois”. “Mais tarde”, “Horas depois”, etc.

A seqüência dos quadrinhos ocorre quando duas ou mais vinhetas são utilizadas para narrar uma ação, que mostra somente momentos significativos (ACEVEDO, 1990). Um dos elementos que compõem o quadro é o enquadramento, que pode se apresentar em diferentes planos. O MOBRAL optou por utilizar em linhas gerais o plano americano, que mostra os personagens na altura dos joelhos da figura humana. Simultaneamente ou não, emprega o plano panorâmico, especialmente ao se referir a uma paisagem rural. Utiliza em momentos precisos o plano de detalhe, ao mostrar uma parte da figura humana, especialmente para dar o desfecho da história.

Figura 57: O plano americano.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 28).

Figura 58: O plano de detalhe.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 16).

O outro elemento do quadro é o ângulo da visão, ponto do qual a ação é observada, que apresenta expressões determinadas. De acordo com Acevedo (1990), é necessário que “a função de um ângulo de visão não seja encarada de modo isolado, mas como parte da estrutura em seu todo”.

O livro utiliza, com poucas variações de distância superior ou inferior, o ângulo de visão normal pelo qual a ação é observada como se ocorresse à altura dos olhos (p. 18), dando a idéia da conversa franca e confiante.

Figura 59: ângulo de visão normal
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 18).

Os títulos, colocados no alto da página, contêm a síntese do episódio. São apresentados de forma fixa. Quanto ao tamanho das letras, elas seguem o mesmo padrão, com exceção dos títulos, que são maiores e grafados em negrito, e dos nomes das profissões, que se alternam entre somente mais escuros, se estão no balão, ou mais escuros e em letras maiores se estão em letreiros das lojas. (p. 64)

Figura 60: Letras maiores de profissões nos letreiros das lojas.
Fonte: MOBRAL, *Educação para o Trabalho* (1981, p. 64).

A terceira parte da análise do livro *Educação para o Trabalho* refere-se aos comentários conclusivos. Chama-se a atenção para três tipos de estratégias utilizadas pelos autores no Brasil. A primeira estratégia é a utilização de palavras em negrito no corpo do texto, de modo que se algumas palavras são novas, porque dependem de cada uma das lições, outras palavras se repetem diversas vezes. A maior parte das palavras que se repetem estão relacionadas à preparação do alfabetizando para o mercado de trabalho, como mostrado no Quadro 1.

A segunda estratégia utilizada constitui-se no posicionamento estratégico das pessoas apresentadas na história em quadrinhos. Existe um "sábio" que responde a todas as perguntas e existe (m) aquele (s) que pergunta (m), e que (são) representado(s) por aqueles que estão buscando um emprego.

Confrontando esta história em quadrinhos com outros quadrinhos em geral, observa-se que o *Caderno Educação para o Trabalho* se apropria em parte da ideologia dos super-heróis (Tio Patinhas, Pato Donald, Super-homem), para fazer transitar seu discurso. "(...) os super-heróis vendiam – e vendem, até hoje – a "imagem" de um país todo-poderoso sem miséria social, sem problemas políticos, (...)". (CIRNE, 1982, p. 39)

Assim como o super-herói americano se volta contra sistemas para manter a ordem ideológica, como o nazismo e socialismo para manter a ordem ideológica (CIRNE, 1982), os autores do MOBRAL condenam o analfabetismo como sujeira para manter a ordem militar. Em cada história constroem-se mecanismos próprios que se identificam com o autoritarismo militarista, mesmo se colocado nos quadrinhos como conversas entre amigos.

Nas histórias de quadrinhos em geral super-homem sempre ajuda os fracos, mantendo-se ao lado da lei. Os necessitados e os fracos representam os bons. Ao se voltar para o bem o super-homem gasta grandes energias para recolher dinheiro para os pobres, enquanto ele poderia dar o dinheiro diretamente (CIRNE, 1982). Em *Educação para o Trabalho* o MOBRAL se coloca à disposição do alfabetizando e se mantém ao lado das leis trabalhistas. Ao se voltar para o mundo do trabalho o MOBRAL gasta energia e dinheiro para montar sua estrutura, chegar ao alfabetizando e despertá-lo para o mundo do trabalho, mas não parte da realidade do alfabetizando, pois os objetivos são feitos em âmbito nacional e *a priori*, mesmo conhecendo o método de Paulo Freire, que já mostrara resultados na alfabetização a partir das palavras geradoras surgidas do cotidiano de cada grupo.

A mensagem transmitida pelo livro é uma mensagem simbólica que coloca o alfabetizando adulto diante de um mundo falso e alheio à sua realidade, ou seja, desconsidera as suas representações e procura fazer os alunos crerem que em seu mundo não há problemas.

A mulher aparece como aquela que já conquistou um posto no mercado de trabalho. Elas são secretárias, costureiras, agricultoras, vendedoras, consumidoras, donas-de-casa ou aquelas que se preparam, mediante cursos de aperfeiçoamento, para a conquista de um lugar no mercado.

Em resumo, de acordo com o conceito de representações coletivas proposto por Chartier, pode-se concluir este capítulo considerando que o MOBRAL utilizou nos livros técnicas específicas de representações, um saber controlado, no entanto, um saber limitado pelo seu lugar social, pois, por meio da apropriação, os alunos utilizam sua própria interpretação, no âmbito da "tensão entre a liberdade do leitor – mesmo refreada pelas suas competências e disposições – e a eficácia do objeto". (CHARTIER, 1998, p. 20-21)

Outra observação torna-se importante quanto ao uso da técnica da história em quadrinhos por parte do MOBRAL. Trata-se do pouco uso das elipses ou dos espaços em branco entre um quadrinho e outro. Por exemplo, se em um quadro um personagem aponta uma arma para um ladrão e no quadro seguinte se vê uma criança correndo, é o leitor que fará o complemento que ficou por fazer entre os dois quadros. Desse modo, algo que não está ali desenhado torna-se tão presente como se também estivesse desenhado. Este recurso não é preferido pelo MOBRAL no livro *Educação para o Trabalho*. Ele não lança mão do não-visual, o que daria maior agilidade aos quadros. Prefere o que é mais redundante, no qual o texto e o desenho mostram a mesma coisa. Mas seria isso um acidente?

O MOBRAL, como autor dos manuais, vale-se de sua própria experiência e procura aproximar-se das histórias orais contadas no cotidiano. No contexto de O narrador de Benjamin (1994, p. 205), se poderia dizer que no papel de narrador "mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso". No entanto, se o narrador marca sua narrativa como o oleiro molda um vaso de argila, também o leitor tem a faculdade de interpretá-la de acordo com sua experiência, buscando um sentido para sua vida.

O conjunto dos textos dos livros didáticos coloca diante do leitor a possibilidade de interpretar que não é acidental o uso de poucas elipses, mas proposital, pois a redundância é mais um recurso utilizado para impor uma interpretação a partir das representações concordantes com o governo e seus projetos. Mesmo assim o alfabetizando pode lançar mão da apropriação e dar seu sentido, conforme comentado anteriormente a partir de Chartier. (1995)

Os discursos presentes nos livros do MOBRAL produzem tensões, mas produzem também relações. Segundo Elias (1994, p. 56-57):

> [...] O indivíduo só pode ser entendido em termos de sua vida em comum com os outros. A estrutura e a configuração do controle comportamental de

> um indivíduo dependem da estrutura das relações entre os indivíduos. A base de todos os mal-entendidos no tocante à relação entre indivíduo e sociedade reside no fato de que, embora a sociedade, as relações entre as pessoas tenham uma estrutura e regularidade de tipo especial, que não podem ser compreendidas em termos do indivíduo isolado, ela não possui um corpo, uma 'substância' externa aos indivíduos. (...) cada pessoa só é capaz de dizer 'eu' se e mais ainda a idéia 'eu penso' pressupõe a existência de outras pessoas e um convívio com elas – em suma, um grupo, uma sociedade.

As relações são estabelecidas via confrontos e tensões, mas nem por isso deixam de ser relações. Pelo contrário, envolvem convívios e posicionamentos, confrontos e competências construídas em diferentes tempos e espaços, como deixa entrever a análise dos manuais aqui realizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pesquisa, propunha-me a analisar *A configuração do Ensino de Jovens e Adultos na cidade de Campo Largo nas Décadas de 70 e 80,* por meio de um *estudo sobre os Programas do Mobral na Escola Estadual Macedo Soares*. Nessa investigação, tinha como objetivo envolver professores e alunos desse período.

Com o decorrer do trabalho, muitas dificuldades foram encontradas, principalmente a escassez de material, a quase impossibilidade de diálogo com os ex-professores e nenhuma oportunidade de diálogo mais concreto com ex-alunos do MOBRAL em Campo Largo no período em questão, apesar de diversas tentativas.

O MOBRAL em Campo Largo, da forma noticiada pelos jornais, *O Liberal* e *Folha de Campo Largo*, na época, era apresentado como a grande oportunidade de aprender a ler e a escrever. Todos eram convocados a encaminhar possíveis alunos para as aulas, principalmente os empresários, religiosos, membros da administração pública e as famílias em geral.

O que era importante mostrar para a Comunidade de Campo Largo-PR? O MOBRAL divulgava como queria ser visto: a oportunidade que faltava para que todos aprendessem a ler e a escrever e, mais tarde, pudessem se empregar nas indústrias e outras atividades proporcionadas pelo município. No plano nacional, participar como cidadão, agora alfabetizado, da construção e crescimento do país: “O Brasil Grande”.

Depois de quase 30 anos, de que se lembram os professores? E por que os alunos não quiseram falar sobre sua experiência? As respostas esperadas na abordagem e investigação por parte dos alunos não foram obtidas. Os professores alegaram problemas de saúde e as dificuldades em lembrar de suas práticas, mesmo assim alguns se prontificaram em colaborar. Os alunos, com raras lembranças (livros, fotografias, relatos) justificavam que aquele período já passou e que agora aquilo pouco importava.

Diante disso, questionei-me até que ponto eu poderia enfatizar que os manuais são locais de construção e circulação de saberes e que eles produzem representações do trabalho do MOBRAL, que legitima determinadas formas de pensar e agir em Campo Largo, sem a participação dos alunos da forma prevista?

Com a análise dos manuais cedidos para o estudo por uma das professoras, ao ler os jornais do período e ao obter as entrevistas de alguns professores, a pesquisa começou a encontrar um sentido específico: de que nem sempre se encontra, no decorrer da investigação, o que se pensava encontrar, mas sempre se encontram respostas para as perguntas que fazemos, respostas que desafiam a própria ousadia do pesquisador.

Essas respostas vão se configurando no contexto particular e geral. Das perguntas do tempo presente, parti para questionamentos quanto ao passado. Assim, a falta de respostas por parte dos alunos, por exemplo, não significa falta de respostas para a pesquisa.

No primeiro capítulo, *O Mobral na Escola Estadual Macedo Soares,* são encontradas expressões que "respondem". Dizem que grande foi o número de pessoas mobilizadas, como professores, voluntários de diversas esferas administrativas e políticas, como parte de grandes campanhas, as quais foram se tornando menos expressivas à medida que as dificuldades foram aumentando. O ponto de vista dos alunos é colocado por Calhau (2007, p. 80), ao dizer que eles tiveram de conviver com "a idéia de analfabetismo como inferioridade e doença que precisava ser erradicada para o progresso na nação".

E se Paulo Freire e suas equipes prezavam pela investigação, tematização e problematização como importantes etapas para a aprendizagem dos alunos, em seu método, e se eles conseguiam aprender a ler e a escrever em pouco tempo, sendo desafiados pelos professores a adotarem uma postura conscientizada e questionadora, o MOBRAL dizia utilizar método semelhante ao de Freire, mas em lugar dos alunos serem desafiados a criar uma postura crítica, eram convidados a se tornarem admiradores de um "país grande" e a ficarem satisfeitos em aprender o suficiente para trabalhar naquele novo contexto econômico.

O que relatei no segundo capítulo, *Os livros didáticos do MOBRAL na Escola Estadual Macedo Soares,* mostra bem que os livros velhos não são conservados e que os próprios livros que me foram entregues estavam em sacos plásticos de lixo. Mesmo assim, eles permitiram uma análise valiosa de seu conteúdo e de suas ilustrações, pois estavam em estado regular de conservação. Além disso, os manuais se mostram coerentes com os objetivos do MOBRAL, dando condições para que os alunos aumentassem sua produtividade e, assim, sua renda também crescesse em conseqüência de uma maior mobilidade ocupacional. O desenvolvimento não era somente uma necessidade para os brasileiros, mas também uma ideologia: indústria e elevação de renda por habitante faziam a diferença, pois, na base, estava a participação do Estado que pretendia o aumento da economia pelo aumento do consumo. A análise dos manuais foi deixando cada vez mais claro que o MOBRAL precisava ser visto como programa de impacto. Grandes caminhos, grandes construções, grandes iniciativas navais, aéreas e terrestres.

Por meio de linguagem coloquial, os manuais destacam no texto as palavras a serem gravadas pelos alunos como imposição do que deveriam aprender, as profissões com seus termos específicos no interior das indústrias. Por outro lado, não aparece nos textos o esforço de conhecer o universo vocabular dos alunos nem de conhecer sua vida e sua experiência anterior. Eles são vistos ali como folha em branco, sem conhecimentos e sem

experiências. Quando os manuais perguntam se os alunos conhecem os vizinhos, e se os incentiva a viverem com espírito solidário, estão procurando garantir a paz no campo, na cidade, e uma atitude passiva diante do Estado.

Apesar de que muitos alunos viviam em dificuldades, pois não estudavam por falta de condições financeiras e por morarem longe das escolas, os livros deixaram de abordar o tema da fome e da sobrevivência. Em contrapartida, apresentaram mesas com abundância de alimentos. Os alunos eram incentivados à criação de animais próximo de suas casas, em terrenos grandes, mas muitos nem casa tinham. Terrenos grandes, casas grandes, abundância de alimentos são imagens impostas pelos manuais, juntamente com o contraste entre cidade e campo, idéia de progresso e grandeza e a falta de demonstração de preocupação com a situação real dos alfabetizandos, como se o fato de eles não terem melhores "posições" sociais, ou seja, terrenos grandes, casas grandes e abundância de alimentos dependesse somente deles.

Embora o MOBRAL fosse apresentado como um projeto estimulador da comunidade e o Posto Cultural para proporcionar aos alunos várias contribuições (elementos que mostram seus esforços para manter os alunos no sistema como forma de controle do Estado), nem todos tinham condições de usufruir de tais benefícios, pois tinham que trabalhar e, nem todos os locais contavam com esses postos culturais.

No terceiro capítulo, *A coleção um passo a mais na Escola Estadual Macedo Soares*, os professores Beverly Chemin de Quadros, Eulália Cicarino P. Chemin, Rosely Maria Guerchewski e Osvaldo Andrade Zotto indicaram um perfil dos alunos do MOBRAL: eram agricultores (produtores de batata, milho, cebola e hortifrutigranjeiros), ceramistas (trabalhadores das indústrias de cerâmica, porcelana e artesanato do município e região), comerciários (atendentes de lojas de roupas, eletrodomésticos e ferragens em geral), autônomos (pedreiros, pintores de parede, mecânicos, vendedores e representantes comerciais), empregadas domésticas e donas de casa.

Eles, como outros alunos, tinham dificuldades na interpretação de textos, na análise de situações-problema, na releitura e escrita. Era difícil que eles fossem sempre à aula, pois moravam em lugares distantes da escola e trabalhavam o dia inteiro. Entre os benefícios do MOBRAL, especialmente no meio rural, o maior deles foi a possibilidade de melhores empregos. O maior problema foi a falta de continuidade dos estudos.

Enfatizo também alguns itens de reflexão sobre como os manuais se expressam: as pessoas, em geral, que o MOBRAL afirma serem a herança do país, não são valorizadas por ele dessa forma. Na verdade, é uma ideologia para fazer crer que os alunos são importantes e **se sintam** valorizados.

Se o governo é que **faz acontecer** o "milagre" brasileiro, o que resta aos alfabetizandos, já que eles são tidos como uma "doença" que atrasa o crescimento do país?

Eles precisam se sentir grandes também, não só porque pertencem a um país grande, mas porque podem ser ajudantes daqueles que dirigem tratores, operam máquinas, constroem estradas. Estes também recebem ênfase nos manuais, juntamente com a valorização do desenvolvimentismo brasileiro.

Os manuais negam os prejuízos da monocultura e escondem as diferenças dos materiais de construção para ricos e para pobres, como se todos pudessem escolher aqueles materiais que quisessem, ocultando, assim, as diferenças sociais.

A utilização de fotografias, gráficos e quadrinhos nos manuais do MOBRAL, objetiva chamar a atenção dos alfabetizandos para o seu foco: utilizar meios de fácil acesso e memorização, facilitando a cada um deles a modificação das condições de receptividade e compreensão de sua aprendizagem.

De todo modo, os manuais propiciaram perceber também relações sociais nos registros de uma história que foi escrita com aquelas pessoas, naquele tempo, mas que continua sendo escrita por outras pessoas em tempos de agora. As pessoas do MOBRAL do período em questão, os professores, trazem respostas para as perguntas de hoje e possibilitam o registro daquilo que estava na oralidade.

A história da educação, via manuais, é rica de significados sociais e relações que vão se estabelecendo. No passado, pela vivência concreta dos fatos, atualmente, por meio de suas análises, reflexões e considerações. Ali se estabeleceram relações entre professores e alunos propiciadas pelas aulas e pelos manuais do MOBRAL. Embora as relações se manifestem por meio de tensões e confrontos, elas são construídas.

O conceito de representações de Chartier, que orientou este trabalho, tornou-se essencial para perceber à “lógica não-industrial” e “não-capitalista” presentes nas relações educacionais e para perceber que as identidades sociais se constituem como relações de forças entre as representações impostas pelo MOBRAL, que valoriza sua maneira de ver, mas também com a representação que os alunos dão a si mesmos, construindo suas próprias referências.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Juan. **Como fazer história em quadrinhos**. São Paulo: Global, 1990.

AMMANN, Safira Bezerra. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

ARIÈS, Philiphe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S. A, 1981.

AZEVEDO, S. **A política habitacional para as classes de baixa renda**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1975. AZEVEDO, S. **A política habitacional para as classes de baixa renda**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1975.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Lisboa : Persona, 1977.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos e impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia. **Leitura e história da leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999 (Coleção Histórias de Leitura).

BAUDRILLARD, Jean. Significação da publicidade**.** In: **Teoria da cultura de massa**. 5. ed. revisada. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BEISIEGEL, Ciro Ruy. **Estado educação popular:** um estudo da educação de adultos. São Paulo: Ática, 1982.

_____. Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos. **Revista Brasileira de educação**, n.º 4, jan.fev.mar.abr. 1997.

BEISIEGEL, **Política e educação popular***:* a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

BELO, Ademar; FREIRE, Ana Maria A.; VALENTE, Ivan *et al.* **Paulo Freire vive!**. Sessão solene em homenagem a Paulo Freire (19/09/1921 – 02/05/1997) – Câmara dos Deputados – 02/05/2007 – Brasília-DF 2007. Disponível em:< http://www.ivanvalente.com.br/upload/download/Livro_Paulo_Freire.pdf> Acesso em: 12 out. 2007.

BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar. **Pedagogia em Foco**, Vitória, 1993. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.htm>. Acesso em: 12 out. 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre a literatura e a história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Em foco**: História, produção e memória do livro didático. Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, set.dez. 2004, p. 471 – 473.

BITTENCOURT, Circe. M. F. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. Tese de doutorado, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1993.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura: Uma prática cultural.** In: CHARTIER, Roger. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

_____. **Coisas ditas**. Tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Organização: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org.). 7. ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 5. ed. Tradução: Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

BRANCO, Eustáquio Lagoeiro. **Revolução ou golpe de 1964** – II parte. Disponível em: <http://www.eduquenet.net/rev6402.htm> Acesso em: 20 dez. 2007.

BRASIL. Decreto n.69.450 - 1 nov. 1971. Regulamenta o art.22 da Lei n.4.024, de 20 dez. 1961, e a alínea "c" do art. 40 da Lei n.5.540, de 28 de nov. 1968, e dá outras providências. *In:* **Revista Brasileira de Educação Física**, ano 4, n.11, p.57-62, 1972.

BRASIL, Cristiane Costa. **História da alfabetização de adultos**: de 1960 até os dias de hoje. Disponível em: http://www.matematica.ucb.br/sites/000/68/00000003.pdf . Acesso em: 20 jan. 2008.

BUNCHAFT, G.; KELLNER, S. R. **Estatística sem mistérios**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

CAFÉ, Maria H. Barcellos *et al.* **Educação de jovens e adultos – Parecer.** Disponível em:< http://www.cee.go.gov.br/index.php?idMateria=9661> Acesso em 20 jan. 2008.

CALHAU, Maria do Socorro Martins. **A concepção do aluno nos programas de EJA no Brasil.** Disponível em:< http://www.mocambras.org/0003mocambras/0003mocambras_textos/2educjovadult/05a_concep_aluno_progr_eja_no_br.pdf>Acesso em: 20 jan. 2008.

CAMARGO, José Carlos. **O quantum da terra: soluções de sustentabilidade.** Curitiba: Progressiva, 2007.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**, 16. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAVALCANTI, K. B.; HORA, A. S. S. da. Política de turismo no Brasil. **Turismo em Análise.** São Paulo, 2002, v. 13, n. 2, p. 55 – 73, nov. 2002.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e nação na propaganda do "milagre econômico" – *Brasil:*** 1969-1973. Tese (doutorado em História) - São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos avançados.** São Paulo, v. 5 n.º 11, Jan.Abr.1991.

_____. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos,** v. 8, n.º 16, 1995, p.179-192.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversas com Jean Lebrun. 2. reimpressão. Trad. Reginaldo C. de Moraes. São Paulo: Edunesp/Imprensa Oficial do Estado, 1999a.

_____. Uma breve leitura do tempo. **Jornal Extra Classe** disponível em: http://www.sinpro-rs.org.br/extraclasse/mai07/entrevista.asp> Acesso em: 20 dez. 2007.

_____. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva da TV Cultura. São Paulo, 3 de setembro de 2001.

_____. O mundo como representação. In _____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 2002.

_____. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietude. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHEMIN, Eulália Pereira. Notícias do Mobral. **Folha de Campo Largo**, n. 587, ano XII, p. 1, 17 dez. 1972.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, 2, p. 176-229, 1990.

CIRNE, Moacy; MOYA, Álvaro de. (Orgs.). **Literatura em quadrinhos no Brasil:** acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: ANGRA/ACHIAMÉ, 1982.

_____. **A explosão criativa dos quadrinhos.** 3 ed. rev. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

CLIO HISTORIA. **Brasil grande potência.** Disponível em:< http://www.cliohistoria.hpg.ig.com.br/bco_imagens/ditadura/050ame_o.htmhttp://www.cliohistoria.hpg.ig.com.br/bco_imagens/ditadura/050ame_o.htm> Acesso em: 23 dez. 2007.

COBRA, Maria José Távora. **Conservação e restauração de livros e documentos:** perguntas mais freqüentes. Disponível em:<www.cobra.pages.nom.br>, Internet, Brasília, 2001. Acesso em: 6 dez. 2007.

COBRA, Maria José Távora. **Conservação e restauração de livros e documentos:** perguntas mais freqüentes. Disponível em:<www.cobra.pages.nom.br>, Internet, Brasília, 2001. Acesso em: 6 dez. 2007.

CORRÊA, Arlindo Lopes. Mobral Cultural. **Folha de Campo Largo,** n. 666, ano XIV, p. 2, 26 jun. 1974.

CURY, Carlo R. Jamil. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **NPCB11/SAO006.** Disponível em:< http://www.faced.ufba.br/eventos/parecer_EJA_ultima_versao.doc> Acesso em: 1 fev. 2008.

CORRÊA, Arlindo Lopes (ed.). **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS/MOBRAL, 1979.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em história da educação. **Caderno Cedes,** v. 20, n.52 Campinas nov. 2000Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300002&lng=pt&nrm=isso> Acesso em: 22 dez. 2007.

COSTA BRASIL, Cristiane. **História da alfabetização de adultos:** de 1960 até os dias de hoje. Disponível em:< http://www.matematica.ucb.br/sites/000/68/00000003.pdf> Acesso em: 12 out. 2007.

CUNHA, Luiz Antônio; GÓES, Moacyr de. **O golpe na educação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DIÁRIO DO PARANÁ. **Mais de 2 milhões de analfabetos no Paraná.** Curitiba, 21 out. 1971, p. 12

DI PIERRO, MARIA CLARA; JOIA, ORLANDO; RIBEIRO, VERA MASAGÃO. Visions of youth and adult education in Brazil. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 55, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 mar 2008. doi: 10.1590/S0101-32622001000300005

EDUQUENET. **Revolução ou golpe de 1964 – II parte.** Disponível em: <http://www.eduquenet.net/rev6402.htm> Acesso em: 20 dez. 2007.

EJA – Educação de Jovens e Adultos do CEEBJA Prof. Domingos Cavalli. **Proposta pedagógica – ensino semipresencial**, 2001.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Organizado por Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

EUGENIO, Benedito Gonçalves. **O currículo na educação de jovens e adultos:** entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

FÁVERO, Osmar. **A história da alfabetização de adultos em questão.** Disponível em: < http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/entrevistas/osmar_favero.htm>. Acesso em 20 jan. 2008.

FISCHMAN, Gustavo; CRUDER, Gabriela. Fotografias escolares como evento na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, v. 28, n. 2, p. 39-53, jul.dez. 2003.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade.** São Paulo: Moraes, 1986.

FROSSARD, Vera Cecília. **Tipos e bits: a trajetória do livro.** Disponível em: http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/verafrossard.pdf> Acesso em: 3 dez. 2007.

FUSARI, José Cerchi. **Tendências históricas do treinamento em educação.** São Paulo: FDE, 1992.

GABRIEL, Narciso de; SALVADO, José L. Iglesias. Guias e libros do mestre em España (1850-1936), **Anuário Galego de Historia da Educación** p. 111-125, jan.1997.

GADOTTI, Moacir. **Estado e educação popular**: Educação de adultos em São Paulo (Brasil). Disponível em:< http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Estado_educ_pop_1992.pdf> Acesso em: 6 dez. 2007.

_____. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GATTI JÚNIOR, Décio. **Dos antigos manuais escolares aos modernos livros didáticos da história:** um percurso de massificação do ensino escolar brasileiro (1960-1990). Disponível em: < http://200.198.106.117/phl5/html/43.htm> Acesso em: 11 mar. 2008.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

HADDAD, Sérgio. **Estado e Educação de Adultos** (1964-1985). São Paulo, 1991, 196 p. Tese (doutorado em educação) – Universidade de São Paulo-SP.

HISTEDBR. **Grupo escolar.** Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_grupo_%20escolar.htm> Acesso em: 16 mar. 2008.

FÁVERO, Maria Leônidas. Elementos para encaminhar uma transformação curricular .In: **Revista AEC -** Revista de Educação da Associação de Educação Católica do Brasil, Rio de Janeiro, Ano 12, n. 48, p.28-44,1983.

FAVERO, Osmar. **Alfabetização: muitas pessoas**. Disponível em:<http://www.folhadirigida.com.br/htmls/Hotsites/Professor_2003/Cad_08/EntOsmarFavero.htm> Acesso em: 12 maio 2008.

FOLHA ON LINE. **México, 1970.** Disponível em:< http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/images/copa70.jpg&imgrefurl> Acesso em: 23 dez. 2007.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREYRE, G. **Casa grande & Senzala**: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 50. ed. Rev. São Paulo: Global, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva:** um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. São Paulo: Cortez, 1993.

JANNUZZI, Gilberta M. **Confronto pedagógico:** Paulo Freire e Mobral. Campinas, SP: Universidade Estatual de Campinas (UNICAMP), 1990.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa**: **análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LAROUSSE CULTURAL. **Grande enciclopédia**. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

LE GOFF, Jaques. Prefácio. **História e memória**. Campinas: São Paulo: Unicamp,1990.

LEI N. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1.º e 2.º graus, e dá outras providências. Disponível em:< http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/l5692_71.htm> Acesso em: 20 dez. 2007.

LIVRO ATA da instalação solene da primeira semana educacional, realizada na cidade de Campo Largo de 25 a 2 dos meses de maio e junho de 1953.[1]

LIVRO ATA que registra o transcurso do Cinqüentenário do Grupo Escolar Macedo Soares "Jubileu de Ouro, 1911-1961".[2]

LIVRO DE PORTARIAS do Grupo Escolar "Macedo Soares". Campo Largo, 2 de setembro de 1946.

LOVISOLO, Hugo. **A memória e a formação dos homens. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 16-28, 1989.

LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos Periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). São Paulo: Contexto, 2005, p. 132.

MACHADO, Maria Margarida. **A trajetória da EJA na década de 90** – Políticas públicas sendo substituídas por "solidariedade". Trabalho apresentado na 21.ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu-MG, set. 1998.

_____. **Política educacional para jovens e adultos**: lições da história. São Paulo, 1999 (mimeo.).

MAcCLOUD, Scott **Understanding comics:** the invisible art. New York: Kitchen Sink Press, 1993.

MEDEIROS, Maria das Neves de. A educação de Jovens e Adultos como expressão da educação popular: a contribuição do pensamento de Paulo Freire. **V Colóquio Internacional Paulo Freire**, Recife, 19 a 22 – setembro 2005.

MENDONÇA, Terezinha N. J. **Movimento brasileiro de alfabetização: subsídios para uma leitura crítica do discurso oficial**. Goiânia: UFG, 1985.

MENDONÇA, Sonia R. **Estado e economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORAES, Alexandre de. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 5 de outubro de 1988. São Paulo: Atlas, 2005.

[1] Pode ser consultado na Biblioteca da Escola Estadual Macedo Soares.
[2] Pode ser consultado na Biblioteca da Escola Estadual Macedo Soares.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Sinpas**. Disponível em:<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/polsoc/previd/sinpas/apresent.htm> Acesso em: 14 dez 2007.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia. **Leitura e história da leitura**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999 (Coleção Histórias de Leitura).

OLINDA, Sílvia Rita Magalhães de. **A educação no Brasil no período colonial: um olhar sobre as origens para compreender o presente.** Sitientibus, Feira de Santana, n. 29, p. 153-162, jul.dez. 2003.

OSSENBACH, Gabriela; SOMOZA, Miguel (Eds.). **Los manuales escolares como fuente para la historia de la educacion em América Latina.** Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2001.

PAIVA, Vanilda de. **Educação Popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1970.

_____. Mobral: um desacerto autoritário – 1.ª parte: o Mobral e a legitimação da ordem. **Síntese**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, p. 83-114, set./dez. 1981.

_____. Um século de educação republicana. **Pro-Posições.** Campinas, UNICAMP: Cortez, n. 2, jul 1990, p. 7-18.

PAIVA, Jane. Desafios à LDB: Educação de jovens e adultos para um novo século? In: ALVES, N; VILLARDI, R. (Orgs). **Múltiplas leituras da nova LDB**. Rio de Janeiro: Dunya, 1998.

PICONEZ, Stela C. B. **Educação escolar de jovens e adultos**. Campinas: Papirus, 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO LARGO. **Histórico**. Disponível em:< http://www.campolargo.pr.gov.br/principal.php?pag=cidade/historia> Acesso em: 25 maio 2008.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações:** Uma reconceituação da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RIBEIRO, Vera Maria. **Educação de jovens e adultos:** proposta curricular para o 1.° segmento do ensino fundamental. São Paulo: Ação educativa; Brasília: MEC, 1997.

SANDRONI, Paulo (org.). **Novíssimo dicionário de economia política**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SAVIANI, Dermeval *et al*. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas – SP: Autores Associados, 2004.

SCHNORR, Giselle Moura. **Histórico e políticas de educação de jovens e adultos**. Disponível em:< http://www.app.com.br/portalapp/uploads/opiniao/EJA.ppt>. Acesso em: 20 jan. 2008.

SEPÚLVEDA, Francisca G. Bezerra. **A lei educacional e a formação dos educadores de jovens e adultos:** inclusões e considerações. Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/20041117_Francisca.pdf> Acesso em: 1.0 fev. 2008.

SCHULTZ. Theodore W. **O capital humano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SILVA, J. G., 1992. **A modernização conservadora**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil, Zahar, Rio de Janeiro, p. 34

SILVA, Vivian Batista da. **História de leituras para professores:** um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971). São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

SILVA, Vivian Batista da; CORREIA, António Carlos da Luz. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos (Portugal – Brasil). **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 613-632, set./dez. 2004.

SINPAS. **Sigla.** Disponível em:<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/polsoc/previd/sinpas/apresent.htm> Acesso em: 14 dez. 2007.

SOARES, José Celso de Macedo. **Antonio Joaquim de Macedo Soares (Magistrado)**. Rio de Janeiro: BAW, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval *et al*. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas – SP: Autores Associados, 2004.

VENTURA, Jaqueline. **Educação de Jovens e adultos trabalhadores no Brasil:** revendo alguns marcos históricos. Disponível em:< http://www.uff.br/ejatrabalhadores/artigo-01.htm>. Acesso em: 20 jan. 2008.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado; RIBEIRO, Maria Luísa Santos & NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação: a escola no Brasil.** São Paulo: FTD, 1994.

WERLE, Flavia Obino Correia. Obrigatoriedade e gratuidade da instrução elementar: articulações entre público e privado. **Revista de Administração Educacional,** Universidade Federal de Pernambuco, disponível em: http://www.ufpe.br/daepe/n1_1.htm Acesso em: 18 jun. 2008.

FONTES

ALPENDRE, José Carlos. Dois milhões ainda desafiam o MOBRAL. **O Liberal**, n. 584, ano XII, p. 1, 26 nov. 1972.

DIVISÃO DO ENSINO DA PREFEITURA MUNICIPAL. MOBRAL COLA GRAU. **Folha de Campo Largo,** n. 623, ano XIII, p. 1, 26 ago. 1973.

_____. Mobral em casa própria. **Folha de Campo Largo,** n. 718, ano XV, p. 3, 26 jun. 1974.

_____. Mobral entrega certificados, **O Liberal**, n. 619, ano XIII, p. 1, 29 jul. 1973.

_____. Mobral encerra os trabalhos, **Folha de Campo Largo,** n. 644, ano XIV, p.1, 20 jan. 1974.

_____. Mobral encerra cursos, **Folha de Campo Largo**, n. 676, ano XV, p. 1, 1.^{0} set. 1974.

_____. Notícias do Mobral, **Folha de Campo Largo**, n. 674, ano XV, p. 3, 18 ago. 1974.

E. P. C. Notícias do Mobral, **Folha de Campo Largo,** n. 630, ano XIII, p. 2, 14 out. 1973.

_____. Mobral. **Folha de Campo Largo,** n. 703, ano XV, 9 mar. 1975.

_____. Mobral é tudo isto..., **Folha de Campo Largo,** n. 726, ano XVI, p. 2, 17 ago. 1975.

_____. O MOBRAL também é isto..., **Folha de Campo Largo,** n. 728, ano XVI, p. 2, 31 ago. 1975.

_____. MOBRAL em casa própria, **Folha de Campo Largo**, n. 718, ano XV, p. 3, 22 jun. 1975.

FOLHA DE CAMPO LARGO, **Alfa e Mobral:** Presente, Campo Largo, n. 518, p. 1, 29 ago. 1971.

_____. **Ainda o MOBRAL**. Campo Largo, n. 784, ano XVII, p. 1, 26 set. 1976.

_____. **Notícias do MOBRAL**, Campo Largo, n. 628, ano XIII, p. 2, 16 jun. 1974.

_____. **MOBRAL encerra cursos,** Campo Largo, n. 761, ano XVI, p. 02, 18 abr. 1976.

_____. **MOBRAL encerra curso,** Campo Largo, n. 725, ano XVI, p. 2, 10 ago. 1975.

_____. **Mobral treina professores**, Campo Largo, n. 739, ano XVI, p. 1, 16 nov. 1975.

FOLHA DE LONDRINA. **O analfabetismo cresce ano a ano**. Londrina, 4 abr. 2008.

O LIBERAL. **O MOBRAL está libertando o homem!** Campo Largo, n. 24, ano 1, p. 1, 30 set. 1973.

_____. **O MOBRAL merece sua ajuda**, Campo Largo, ano IV, p. 1, 30 out. 1977.

_____. **Notícias do MOBRAL**, Campo Largo, n. 15, ano I, p. 2, 29 jul. 1973.

ANEXOS

ANEXO 1: ITENS DO RELATÓRIO – LIVROS DO MOBRAL

1. Autor (es)
2. Títulos e subtítulos
3. Volumes
4. N.º de páginas por volume
5. Editora
6. Ano de publicação
7. Formato (tamanho dos livros)
8. Breve descrição dos conteúdos abordados
9. Informar se há fotos e/ou imagens/figuras/desenhos.
10. Informar se há ou não exercícios (se são de natureza objetiva ou subjetiva em cada volume)
11. Informar se as coleções apresentam manual do professor (organizar breve descrição das diretrizes e/ou orientam para o professor, tais como, objetivos do programa e/ou coleção, objetivos específicos, proposta metodológica e proposta da avaliação.

ANEXO 2: ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

1. Nome:
2. Escolaridade:
3. Tempo de atuação no magistério:
4. Tempo de trabalho com o Mobral ou EJA na cidade (especificar, se possível, a época ou ano):
5. Qual a função desempenhada nos programas do Mobral ou EJA na cidade:
6. Perfil dos alunos que freqüentavam o Mobral:

   ( ) agricultores ( ) ceramistas ( ) comerciários ( ) outros

   No caso de ter marcado “outros”, especificar abaixo as atividades desempenhadas pelos alunos.
7. Os alunos, em sua maioria, eram do sexo masculino ou feminino?
8. Qual era a média de idade dos alunos (aproximadamente)?
9. Qual era a carga horária dos encontros? Se possível, especificar o tempo de cada encontro diário/semanal e mensal com os alunos.
10. Além da Escola Estadual Macedo Soares, havia turmas do Mobral em outras localidades da cidade? Cite as localidades.
11. Quais eram as condições de trabalho na Escola Estadual Macedo Soares e nas localidades onde era desenvolvido o programa?
12. Você tem conhecimento de que os programas do Mobral em nossa cidade passaram por dificuldades financeiras, a ponto de pedirem auxílio para a comunidade?
13. Os professores e alunos recebiam material didático ou de apoio pedagógico por parte do governo? Esses materiais eram disponibilizados para todos os alunos?
14. Os alunos correspondiam à proposta de trabalho apresentada pelos professores?

15. Como era realizada a avaliação dos alunos do Mobral? Eles conseguiam corresponder aos resultados pretendidos pelo programa?

16. Quais eram as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos durante o processo de aprendizagem?

17. Além das dificuldades relacionadas à aprendizagem, havia outras, como por exemplo, transporte, compromissos com o trabalho, dificuldades de deixar a família, etc.?

18. Quais eram os conteúdos ou áreas do conhecimento que os alunos mais gostavam de estudar?

19. Quais eram as maiores necessidades dos alunos que freqüentavam o Mobral?

( ) Escrita ( ) Leitura ( ) Cálculo ( ) Outras

No caso de ter marcado “outras”, especificar abaixo as necessidades dos alunos do Mobral.

20. Você poderia descrever duas situações que mais o (a) perturbavam como docente durante as aulas e na convivência com os alunos?

21. Na sua opinião, os programas do Mobral apresentados pelo governo e desenvolvidos na cidade, representaram algum avanço na vida dessas pessoas e para a comunidade em que estavam inseridos?

22. Os alunos, na época, organizavam/participavam de atividades estudantis, a exemplo do grêmio? Havia apoio por parte da prefeitura e da direção das escolas?

23. Os alunos do Mobral participavam de alguma espécie de concurso (poesias, redação, apresentações de teatro) etc.? Você poderia citar algum desses concursos?

24. Ao estudarmos os manuais didáticos utilizados nos programas de alfabetização do Mobral, observamos a garantia para o aluno de que a partir daquele momento ele seria um cidadão diferente, no trabalho e nas relações com a sociedade. Isso realmente acontecia?

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Entrevistado 1

1. **Eulália Cicarino P. Chemin**
2. 2.º grau.
3. 32 anos.
4. Há muitos anos, não recordo a época.
5. Supervisora geral.
6. Agricultores.
7. Masculino.
8. De 17 a 50 anos.
9. As aulas eram ministradas por monitoras de segunda a sexta-feira das 19h às 21h no período de seis meses.
10. As localidades que havia turmas do MOBRAL foram: Cahiva, Três Córregos, Retiro Pedro Alves, Bateias, Cerne e outras. No centro da cidade, em uma das salas da residência da Sra. Rosa Grachewski.
11. (Em branco).
12. Os programas do MOBRAL passaram sim por dificuldades financeiras, as monitoras recebiam um pequeno salário, pago pela supervisora, que organizava eventos para manter os alunos em sala de aula.
13. Os professores e alunos recebiam o material, porém não era suficiente para todos.
14. Sim.
15. Os alunos conseguiam corresponder aos resultados e muitos deles com os diplomas que lhe eram conferidos conseguiam arranjar bons empregos.
16. As maiores dificuldades foram para alfabetizar, pois [tinham] suas mãos pesadas e calejadas pelos serviços prestados à agricultura, mas pela boa vontade de aprenderem superavam estas dificuldades.
17. Todos vinham de muito longe, para freqüentar as aulas. Vinham a pé, a cavalo ou de carrocinha.
18. Eles se esforçavam para atingir todas as matérias, conforme programa organizado pelos monitores.
19. Escrita, leitura, cálculo.
20. A fala de atenção de alguns alunos.
21. O programa do MOBRAL trouxe muitos benefícios à nossa comunidade e principalmente no meio rural, onde os alunos continuaram seus estudos, e conseguiram bons empregos.

22. Os alunos participaram de atividades organizadas pela coordenação e monitores que realizavam no final do curso, festas de formatura e entrega de certificados.
23. (Em branco).
24. (Em branco).

Entrevistado 2

1. **Beverly Chemin de Quadros**
2. 3.º grau.
3. 30 anos.
4. Ensino Supletivo mais ou menos 1980.
5. Função no Ensino Supletivo que abrangia ensino para jovens e adultos.
6. Agricultores, ceramistas, comerciários e serviços domésticos.
7. Sem diferença, mais ou menos igual.
8. De 15 a 50 anos.
9. Das 18h30min às 21h30min. Mensal.
10. Não tenho conhecimento.
11. Na Escola Macedo Soares as condições eram normais, dentro do possível, pouco material.
12. (Em branco).
13. Recebiam material do governo que era repassada para o Ensino Supletivo.
14. Alguns sim, a maioria, pois tinham grande vontade de aprender.
15. (Em branco).
16. Falta de tempo, cansaço, pouco recursos para ministrar aulas. Idade.
17. Sim, pois todos trabalhavam e chegavam direto para a sala de aula.
18. Todos em geral, mas a preferência era leitura e escrita.
19. Escrita, leitura.
20. Era ver a dificuldade do aluno que chegava muito cansado e a escola não oferecia muitas condições para o aluno. O material era precário.
21. (Em branco).
22. (Em branco).
23. (Em branco).
24. (Em branco).

Entrevistado 3

1. **Roseli Maria Guerchewski**
2. 2.º grau – Normal Colegial.
3. 31 anos.
4. De 1980 até 2006.
5. Professora regente.
6. Ceramistas, empregadas domésticas, pedreiros, pintores de parede, mecânicos e autônomos.
7. Feminino.
8. 18 a 75 anos (Na maioria entre 25/30 anos).
9. Diário, de segunda a sexta-feira – 4 horas por dia.
10. Sim, no bairro Bom Jesus (EJA) e no Km 9 (EJA).
11. Boas condições de trabalho. Algumas discriminações por parte de alunos de 5.º a 8.º séries e 2.º grau.
12. Não.
13. Sim. Eram disponibilizados até o término do material enviado. Quando tinha pouco material, eu apenas emprestava aos alunos.
14. Sim.
15. Várias avaliações durante o processo. A maioria conseguia.
16. Interpretação de texto, situações-problemas, leitura e escrita.
17. Sim, falta de estímulo e ânimo também.
18. Língua portuguesa (mulheres), Matemática (homens).
19. Escrita, leitura e cálculo.
20. Embriaguez e uso de outras drogas.
21. Muito pouco, pois os alunos não deram continuidade aos seus estudos (na grande maioria).
22. Sim. Participavam apenas de festas juninas e assistiam alguma apresentação cultural ou comemorativa (Escola Macedo Soares).
23. Não.
24. Creio que muito pouco.

Entrevistado 4

1. **Osvaldo Andrade Zotto**
2. Superior – jornalismo PUC/PR.
3. Mais ou menos 10 anos nas áreas administrativas.
4. Trabalhei como voluntário em mais ou menos 1971/72.
5. Fui voluntário ajudando na criação de Postos no interior de Campo Largo. Fazia parte do grupo de jovens que acompanhavam a Coordenadora do MOBRAL, Sra. Eulália Chemin nas visitas aos Postos e na promoção de eventos.
6. Agricultores.
7. Masculino.
8. Adultos, alguns idosos.
9. Não sei.
10. Tive informações de que uma turma funcionou na casa da Sra. Rosa Guerchewski, avó da atual presidente da Câmara, Marilene Schiavon.
11. Na maioria, ou talvez nos Postos do interior que conheci as condições eram precárias.
12. Na época, o auxílio da comunidade era comum e bem visto pela sociedade. Havia festas e programações para ajudar as escolas, igrejas, inclusive o MOBRAL.
13. Acredito que sim. A Sra. Eulália Chemim, que era supervisora do MOBRAL pode ter informações melhores.
14. (Em branco).
15. (Em branco).
16. (Em branco).
17. Penso que sim. No interior não havia luz elétrica e alguns Postos usavam lampiões a gás, chamados liquinhos.
18. Não sei.
19. (Em branco).
20. (Em branco).
21. Creio que sim, porque havia grande entusiasmo por parte dos alunos. Como voluntário, foi muito importante conhecer a realidade das escolas rurais. Depois, acabei exercendo importantes funções na administração do sistema educacional do Município. Fui secretário de Educação em dois mandatos: 1977/1982 e 1993/1996.
22. A prefeitura e as escolas com certeza apoiavam as atividades do MOBRAL.
23. (Em branco).
24. Acredito que isso dependia muito de cada aluno. Alguns provavelmente tiveram suas perspectivas de vida mudadas por causa do MOBRAL.

ANEXO 3: LEVANTAMENTO DE TEMAS (ANÁLISE DO DISCURSO)

Palavras	
Abatedouro	1
Adubar	2
Agricultura	1
Amassar	1
Análise da terra	1
Aperfeiçoar-se	**4**
Aplainar	1
Aposentadoria	1
Assistência veterinária	1
Balcão de Emprego do MOBRAL	**7**
Brotação	1
Caminhão frigorífico	1
Caminhão carregador	1
Cardápio	1
Carteira de Trabalho	**6**
Caixa	1
Ceifadeira	1
Chocadeira	1
Comissão Municipal do MOBRAL	**12**
Cultivar	1
Colheita	3
Comércio	1
Consumo	1
Consulte a Prefeitura	1
Consulte a EPROF Ou ECULT	1
Cooperação	2
Correspondência	2
Cortador de calçados	1
Curral	1
Debulhadoras	1

Defensivos	1
Desmame	1
Doceiro	1
Educação para o trabalho	1
Emprego	**4**
Empresa	1
Enxerto	1
Fabricação em série	1
Ferramenta	**4**
Formulário	1
Fornada	1
Forragem	1
Galpão	2
Garantia	1
Hora extra	1
INAMPS	1
Indústria	**3**
Irrigar	2
Lavanderia	1
Lubrificado	1
Marcação de crias	1
Mercadoria	1
MOBRAL	4
Moinho	1
Molde	1
Mudas	2
Mutirão	1
Normas de higiene	1
Normas de segurança	2
Nota fiscal	1
Ordenha	1
PASEP	1
Pesca	1

PIS	1
Poda	1
Podadores	1
Postura	1
Pragas	2
Prensar	1
Professor	1
Profissão	**6**
Ração	1
Reparos	1
Salário	2
Semeando	1
Sementeira	1
Supervisão de Segurança do Trabalho	1
Tarefas	1
Tinturaria	1
Tora	1
Trabalho	**13**
Transportar	1
Treinamento profissional	1
Viveiro	1
Volantes de Informação Profissional na Comissão Municipal do MOBRAL	**5**

Profissões

Alfaiate	1
Atendente de berçário	1
Auxiliar de limpeza	1
Auxiliar de mecânico	1
Babá	1
Barbeiro	1
Borracheiro	1

Caixa de correio	1
Calceiro	1
Carteiro	1
Carregador	1
Costureira	1
Empregada doméstica	1
Eletricista	1
Engenheiro	1
Entregador	1
Faxineiro	1
Garçom	1
Gerente	1
Lanterneiro	1
Lavador de carros	1
Marceneiro	1
Mecânico	1
Mecânico de manutenção	1
Modista	1
Motorista	1
Padeiro	1
Pintor	1
Secretária	2
Soldador	1
Vidraceiro	1
Vigia	1
Zelador	1